

REVISTA

DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL



Comissão de Redação :

ADROALDO MESQUITA DA COSTA

OTHELO ROSA

EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA

EDUARDO DUARTE

PÔRTO ALEGRE
B R A S I L

1934

OF. GRÁF. DA LIVRARIA DO GLOBO
PÔRTO ALEGRE

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul

Sede: PÔRTO ALEGRE



Presidente: Dr. Francisco Rodolfo Simch
Secretário perpétuo: Dr. Eduardo Duarte
Tesoureiro: Prof. Afonso Guerreiro Lima



Publica a sua Revista em fascículos trimestrais ou semestrais, formando anualmente um volume de setecentas páginas, na média.

Condições de assinatura:

Por ano	15\$000 rs.
Por fascículo trimestral	4\$000 rs.
Preço da coleção até 1930 ..	1:000\$000 rs.

Fascículos atrasados, preço da tabela existente na secretaria.

Para assuntos da Revista dirigir-se diretamente ao Dr. Eduardo Duarte, à rua Duque de Caxias n.º 1231. Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul — Brasil.



REVISTA

DO

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO SUL



II TRIMESTRE

ANO XIV

Comissão de Redação:

ADROALDO MESQUITA DA COSTA
OTHELO ROSA
EMILIO FERNANDES DE SOUZA DOCCA
EDUARDO DUARTE

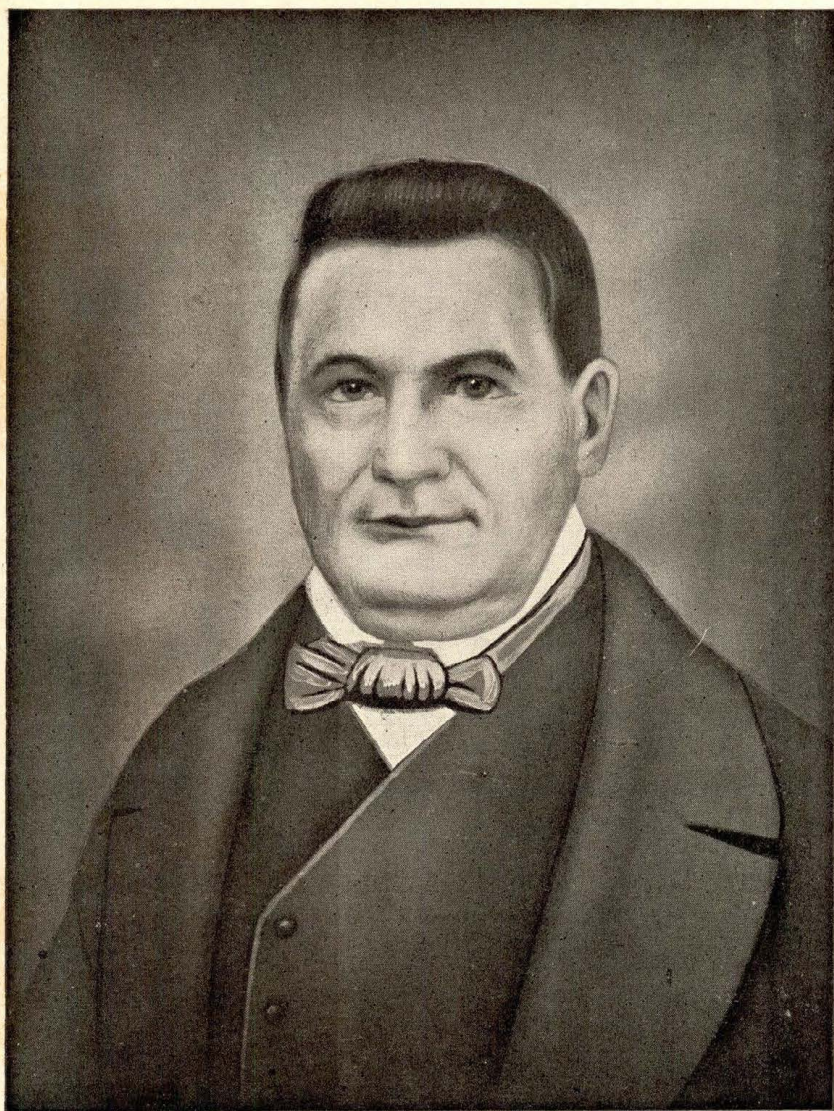
1934

OFICINAS GRÁFICAS DA LIVRARIA DO GLOBO
BARCELLOS, BERTASO & CIA. → PÔRTO ALEGRE

→ FILIAIS: SANTA MARIA E PELOTAS →

PÔRTO ALEGRE

= 1934 =



Antônio Vicente da Fontoura

O Diário de Antônio Vicente da Fontoura

De longa data vinha o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande de Sul pensando em publicar, na sua **Revista**, a importante documentação, quasi toda inédita, representada pelo **Diário** de Antônio Vicente da Fontoura. Motivos vários, porém, obrigaram-no a protelar essa publicação, até a presente data, pois neste número da **Revista** estampamos uma parte dêsse Diário íntimo, composto todo êle, de cartas dirigidas à espôsa.

Torna-se desnecessário encarecer o valor dessa contribuição para o estudo do decênio glorioso cuja comemoração centenária iniciaremos o ano próximo.

A respeito, e para melhor orientação do leitor, transcrevemos a seguir o que escreveu o nosso ilustre consócio Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues, (**Almanaque Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul**, para 1910) sobre êsse **Diário** e a personalidade de seu ilustre autor.

“Escrito em forma de cartas dirigidas à sua mulher, — escreve o Sr. Rodrigues, — de quem estava Fontoura separado desde meados de 1843, começa o **Diário** no dia 1.º de janeiro de 1844, atravessa quasi sem interrupção todo êsse ano e estende-se até 22 de março de 1845, depois de ultimada a pacificação da província.

“Fontoura não tivera estudos; apenas recebera o ensino rudimentar de primeiras letras que era possível obter naquela época numa pequena vila da campanha. Espírito pesquisa-

dor e ativo, procurou depois por si adquirir alguma instrução, e com a leitura de bons livros conseguiu soma de conhecimentos não vulgar no meio em que vivia.

“Conquanto ressentindo-se a construção de sua frase de muitos senões, escrevia com precisão e clareza, traduzindo com notável facilidade o seu pensamento. O **Diário**, não sendo uma peça literária, tem no entanto páginas que avanço a considerar admiráveis. Escrevendo na intimidade de marido a mulher, tratando da saudade dela e dos filhos, saudades que o enchiam de cuidados e tristezas, nem por isso descamba para o sentimentalismo corriqueiro e piegas e conserva sempre um tom de superioridade, em que se percebe marcada elevação de sentimentos.

“Aqui e ali, esparsas, há frases que descrevem bem ao vivo uma situação, que desenham vigorosamente um caráter numa observação cheia de argúcia, ou que revelam as preocupações de ordem moral e social que lhe enchiam as horas de meditação sobre a desgraça da pátria.

.....
.....
“Fontoura ao iniciar o seu **Diário**, estava imbuído das idéias arraigadas no espírito de quasi todos os rio-grandenses da revolução.

“Esta se impuzera, de armas na mão, contrabalançando durante anos, o poder militar do império.

“Dos generais da legalidade, a não ser Bento Manuel, nenhum se animara a sair à campanha, mantendo-se em defensiva nas poucas praças do litoral.

“A revolução, dominando em toda a campanha, havia constituído um governo mais ou menos regular. Em dado momento, julgando-se assaz forte, procurara mesmo expansão, organizando a arrojada e famosa expedição a Santa Catarina, para a conquista de um pôrto de mar.

“Nem o malogro dessa expedição, nem o resultado do combate de Taquarí, nem o desastre do assalto a S. José do Norte, puderam abater o ânimo varonil dos continentistas.

“Quando a sorte das armas pareceu pender para a legalidade, o exército da república recolheu-se à campanha, onde

se fez forte, e onde o govêrno dava as providências necessárias para a eleição da Assembléia Constituinte.

“Em 1841 o general João Paulo empreendeu a marcha para a campanha, de resultados negativos para os imperiais. David Canabarro, investido do comando do exército da república, opôs-lhe bem combinada luta de guerrilhas e marchou sempre na frente dêle, prevendo-lhe todos os planos, acosando-o de todos os lados, tirando-lhe todos os recursos.

“Pela sua atividade, vigilância, audácia e tática, Canabarro impôs-se ao respeito dos demais chefes e passou a ser, sem contestação possível, a figura preeminente, o braço forte, o sustentáculo da revolução.

“João Paulo, substituído no comando, retirou-se para o Rio, deixando o exército no centro da campanha, em quartéis de inverno, impossibilitado de agir.

“Em fins de 1842, assumiu o comando das fôrças imperiais o barão de Caxias, que levou três meses a reorganizar o exército e a dispôr tudo para encetar as operações de guerra.

“Quando em março seguinte, marchou para a campanha, os republicanos julgavam-se senhores da situação, seguros da vitória.

“A revolução teve ainda um esforço supremo no combate de Ponche Verde, e começou depois a perder terreno dia a dia. Até então tivera a combater, com excepção de Bento Manoel, generais ou de medíocre capacidade, ou que se viam tolhidos em seus meios de ação. Enfrentando com Caxias, não poderia resistir muito tempo.

“Mas os sucessos passados, as vitórias constantes, as indecisões do govêrno imperial, tinham dado aos republicanos uma confiança ilimitada em si mesmos, e nenhum dêles admitia a possibilidade de uma derrota definitiva.

“Fontoura, em comêço de 1844, acreditava firmemente na vitória da república, esperando todos os dias a oportunidade de um combate, em que os imperiais fôsem esmagados.

“E’ interessante acompanhá-lo, através das páginas do **Diário**, em esperanças a princípio, depois na dúvida e finalmente no irremediável desengano, que o levou à convicção

de que só a paz, feita com honra e tratada a tempo, poderia salvar o Rio Grande do desastre de sangrenta derrota e da ignomínia de submissão incondicional.

“Em 13 de janeiro, escrevia êle: “O general se prepara para dar ao inimigo um ataque geral, e eu estou ansioso para que chegue êsse dia, pois será a véspera daquele em que siga a ver-te; porque todas as probabilidades do triunfo estão da nossa parte.”

“E poucos dias depois: “A providência parece ir encaminhando as cousas de maneira tal que será inevitável ao inimigo sofrer por estes poucos dias um revés formidável.”

“E, referindo-se à possibilidade de impor-se a paz ao império: “Uma paz honrosa está tanto nos interesses do Brasil como nos nossos, e êle assentirá, sim assentirá; e se por fatalidade êsse govêrno vendido ao cobre português exigisse de nós uma ignomínia, então uma guerra muito justa e vigorosa movida só por nossos sobrados recursos, daria à história mais um exemplo da facilidade com que se abatem os tronos.”

“Em 30 de janeiro: “Se tivéssemos estado em mais vigilância esta madrugada, talvez se houvesse batido a divisão de Bento Manoel.”

“Em 18 e 26 de fevereiro: “Ontem chegou o coronel Daniel do Estado Oriental, trazendo-nos munições de guerra... Continuamos nos preparativos de uma ação decisiva, cujo dia tanto desejamos, para assim ver terminada uma tão longa luta.” Esta divisão vai marchando na frente do barão de Caxias, ao ponto onde o general em chefe lhe tem preparado uma derrota total.”

“Enquanto os chefes se embalavam nessas esperanças vãs, seguia seu curso a tragédia da revolução e se preparava um dos seus mais tristes sucessos, que devia influir poderosamente na marcha dos acontecimentos.

“A 27 de fevereiro, batiam-se em duelo Bento Gonçalves e Onofre Pires, saindo êste ferido e vindo a morrer dias depois, em consequência da gangrena sobrevinda ao ferimento.

“Fontoura, que ainda tinha recente a mágoa pela morte de Antônio Paulino, com êste novo golpe chegou a descer por um momento e pediu demissão do posto de major, resolvido a se retirar da luta.

“Em 18 de março, chegou ao exército notícia da vitória alcançada por Antônio Manoel do Amaral contra Chico Pedro, em Candiota, e isto fez renascer a esperança. “Mas um dia tudo se concluirá e êsse dia desejado não está longe. Os recentes triunfos das armas da república, obtidos em diversos pontos e a estirada duração da guerra, assim nos anunciam.”

“Mas a dúvida já empolgara o seu espírito, à vista da desorganização que lavrava no exército. Começam a aparecer no **Diário** censuras, que, a princípio discretas, se vão avolumando e assumem por fim um tom amargo e austero, não sendo poupado o próprio Canabarro, de quem Fontoura sempre foi amigo dedicado.

“Uma madrugada levanta-se e encontra junto ao fogão um camarada velando... “Êste velho soldado cumpre melhor com o seu dever do que muitos oficiais a quem a segurança do campo é confiada, e que, perdendo a noite ao jôgo, dormem profundamente às horas do alarme.”

“Passeando pelo acampamento, “entregue à melancolia de suas meditações,” encara o céu, cortado de quando em quando por longínquo relâmpago. Estas imagens tristes pareceram-lhe as da pátria e baixando o pensamento à terra, principiou a recordar essas 102 luas que, desde 20 de setembro de 1835, haviam decorrido, apadrinhando crimes e desgraças.

Quando dias depois se refere à possibilidade de um encontro com os imperiais, apenas diz: “Tanto que aparecer oportunidade, o general não a desprezará e certamente lhe dará combate.”

“Já não há a esperança dos dias passados; apenas a incerteza, a dúvida.

“E como não ser assim, se o próprio Canabarro cede à lei fatal da desorganização? “Que mudáveis que são os homens!

Esse em quem firmávamos nossas derradeiras esperanças, como, de certo tempo a esta parte, há largado todas as rédeas de suas paixões!”

“Dias depois Canabarro, sem energia para se impor a um caudilheite que, desobedecendo a ordens, resistira a uma força desprendida do exército, recebe-o no acampamento e deixa-o ir em liberdade. “O pobre Canabarro eu o desculpo. Eu não me posso persuadir que a sua índole justiceira ficasse em paz com tão revoltante impunidade. Porém êle se tem anulado e dia a dia se torna mais débil para cortar os abusos e iniquidades.”

“E num assomo de revolta, define o desespero de sua alma numa expressão poderosa e forte: “E quem me tem feito — tão rígido e sombrio — para com a maior parte dos homens, senão a sua mesma perfídia?”

“Em 27 de maio, aniversário do combate de Ponche Verde, cruzava o exército republicano pelo campo de batalha. Mas quão diversa a situação! “Principiei a inquerir o que se há passado daquela época até hoje e só atingi com o quanto o tempo inflúe na mudança do coração humano, com os desastres, novos desastres, que a si mesmos se procuram. No entanto que só a maldita revolução continúa estacionária e mais sangrenta... E quem sabe se não tem mesmo retrogradado!”

“E referindo-se ao general em chefe, escreve — rígido e sombrio — esta página admirável, digna de um grande e nobre caráter, na qual a indignação e a revolta correm parelhas com a mágoa e o desespero que torturam a sua alma de patrióta:

“Por exemplo, o meu amigo Canabarro, que o ano passado trilhava estes mesmos campos, comandando o seu 2.º corpo de exército, laborioso, ativo e enérgico, prevendo as marchas e os planos do inimigo; suprimindo a nudez e privações do soldado; em marcha, já em um ou outro flanco, já na retaguarda e logo na frente, fazendo conservar a ordem dos esquadrões e a regularidade das colunas; infundindo ao soldado enregelado um novo brio; uma audácia mesmo contra o rigor da estação; quão mudado está, quão diferente! Marcha seguidamente na frente, jamais volve aos flancos ou reta-

guarda e todo o exército toma na marcha um prodigioso terreno, por efeito do seu nenhum alinhamento. No entanto, conversa-se com entusiasmo em carreiras; e por mais estirada que seja a marcha, sempre as malditas carreiras dão assunto à conversa. Acampa-se, e êsse homem vigilante, que não deixava a eminência das colinas, dando hoje algumas mesquinhas horas aos assuntos públicos, vai, qual um adorado maricas, para a barraca da safadíssima **Papagaia**, roubando à pátria, em puerís conversas, horas que só à pátria deve, pela posição em que está colocado. Humana raça! Mil vezes eu tenho pegado na pena para escrever-lhe e como amigo fustigá-lo mais uma vez em prol da causa pública; porém minha razão, já tão oprimida pela ingratidão e iniquidade dos homens, principia a ter medo de dizer a verdade. E poderei eu continuar a ver e a dissimular! Eu com o caráter de dissimulado! Não; não é possível representá-lo; e por isso mais pronta será a minha retirada.”

“O inverno de 1844 foi em extremo rigoroso e Canabarro, acochado todos os dias pelos imperiais, cruzou a fronteira, afim de que os soldados, de gruta em gruta se podessem mais livremente “aquecer ao fogo, único refrigério que podem ter nesta aspérrima vida.”

“No Estado Oriental, a guerra civil deixara mais profundos sulcos de devastação do que no Rio Grande. “O país estava ermo; as estâncias abandonadas; currais, mangueiras e casas ameaçando ruína; e até os rebanhos já dispersos e entregues à ferocidade dos cães chimarrões.”

“Esta desolação e abandono impressionaram profundamente a Fontoura, dando-lhe a visão nítida de todos os horrores da guerra civil, ao mesmo tempo que pressentia o desmoronar da república, “pois os farrapos, que em 1838 ameaçavam o desmembramento do império ou a mudança geral de sua forma de governo estavam reduzidos a contentarem-se com o acampamento em alguma gruta que tivesse bastante lenha, para estarem ao abrigo dos ventos e, com o calor do fogo, suprirem a roupa que lhes faltava.”

“Quando o exército repassou a linha, voltando ao Rio Grande, esperavam-no tristes novas: a prisão de José Mariano e Joaquim Pedro em Cangussú, a morte de Antônio Manoel do Amaral no assalto a Jaguarão, e a derrota de Netto nas imediações da Encruzilhada.

“Dias depois, chegaram cartas, noticiando um provável rompimento entre o Brasil e Rosas, o que se afigurou a Fontoura uma probabilidade de conciliação com o império. Começava para êle o desengano, e a partir daí, com o espírito abalado pelo que vira no Estado Oriental e pelo que via no seio do exército, tornou-se partidário extremado da paz.

“Em meados de setembro, novas cartas do Rio Grande trouxeram esperanças de paz, com a provável campanha contra Rosas. “E como só anelo a conclusão desta nossa maldada luta, acredito sempre nestes boatos.”

“Estas esperanças se precisaram depois, aparecendo as bases de conciliação, que eram mais ou menos as que mais tarde foram aceitas. Estas condições foram divulgadas e “estolidamente refutadas em públicas e acaloradas conversas por alguns malvados.”

“Pela primeira vez se ergueu, no seio da nação rio-grandense, que estava reduzida aos estreitos limites do acampamento de seu minguido exército, uma voz pugnando fervorosamente pela paz. O — rígido e sombrio — Fontoura “advogou com veemência a causa da pacificação” e com tal ardor o fez que reduziu os antagonistas ao silêncio.

“No dia seguinte, os chefes e amigos instam com êle para que volte ao serviço público e aceite o ministério da fazenda, em que já fizera criteriosa administração. Recusa. Insistem. Nada o demove.

“Depois de uma longa conferência de três horas, Canabarro “volveu à sua barraca com a negativa e eu fiquei na minha com a alma cheia só da tua imagem... Prepararam-me novos assaltos, mas êles serão frustrados, e finalmente eu só me prestarei no único caso de que disso dependa a pacificação do país; por ti e pelo céu, o juro.”

* * *

“Doze dias depois, lê-se no **Diário**: “Eis-me novamente,

minha querida Clarinda, com aquele entusiasmo tão meu, envolvido no serviço da pátria! E agora dirás tu“ — Pois é possível? Esqueceste já tantos protestos? — Não, não esquecí. E’ o único, **único!** o único que lhe posso prestar.”

“Convidado para ir, com o general Fructuoso Rivera, ajustar as condições da paz com o barão de Caxias, respondeu que “estava pronto, desde que o govêrno certificasse que estava resolvido a tratar da questão definitivamente e não deixando-a em embrião, como nas diversas vezes em que disso se tinha tratado.”

“As negociações não deram resultado, repelida nobremente por Caxias a intervenção interesseira do general oriental. Fontoura não desanimou e voltou à presença de Caxias com o padre Chagas. Nesta conferência ficou assente que a paz se faria. “O Barão mostra desejos pela conclusão da guerra; finalmente estamos acordes.”

“De volta ao exército, expõe o resultado de sua missão, presentes José Gomes, Manoel Lucas, Netto, Canabarro e João Antônio.

“Fontoura relata essa conferência numa das páginas mais belas do **Diário**, pela intensa emoção de que é repassada, a um tempo solicitada a sua alma pela salvação da pátria e pela saudade da espôsa, a quem não via a ano e meio.

“Dando conta do resultado da reunião, o faz nestas frases, admiráveis em sua simplicidade pela abnegação com que êle sacrifica ao bem comum os seus mais caros afetos:

“Passando-se a eleger o homem que deve ir ao Rio de Janeiro de enviado, todos foram de voto que devia ser eu, e assim se decidiu! Com o coração e com a alma aí, onde resides, minha Clarinda, respondi: — Estou pronto! — Infiqua sorte! Mais esta prova! Ir sem vê-la, sem abraçá-la e a tudo quanto amo!”

“Estava vitoriosa a idéia da paz, e salvo o Rio Grande do Sul.

* * *

“Fontoura tomava, em definitiva, no cenário, da revolução o papel que lhe competia. Passava a ser, incontestadamente, a primeira personalidade dela.

“As outras grandes figuras da revolução, tanto os chefes militares como os civis, ficavam todos em segunda plana. Uns estavam retirados, obtida anistia; e outros se haviam anulado, ou pelos seus êrros, suas constantes indecisões, ou se deixando arrastar na voragem da desorganização que tudo sumia. Só êle se conservava de pé, abroquelado na fé de sua virtude, na inteireza de seu caráter. Enquanto a individualidade dos outros havia diminuído, só a dêle ganhara prestígio. Era um caráter e por isso vencia; era um caráter e talvez o único que houvesse atravessado do comêço ao fim, o ciclo revolucionário, sem desfalecimentos e sem falhas.

“Para avaliar a sua intransigência, é preciso acompanhá-lo na missão de tratar com o govêrno imperial as condições da paz; êle, homem inculto, desamparado de todo o auxílio, a discutir com os ministros e grandes da côrte, sem arredar-se uma linha de suas instruções, sem nada ceder das pretensões do povo rio-grandense, tendo sempre uma resposta arrogante às ameaças com que o procuravam intimidar.

“E’ preciso ler no **Diário** a frase altiva com que repele a humilhação que lhe quizeram impor, compenetrado de seu papel, consciente de que representava a vontade de um povo que, no desespero da derrota, ainda se batia de armas na mão. Não podia aceder ao que exigiam dêle, sem macular o seu caráter, sem desconhecer que a revolução fôra, sobretudo e essencialmente, uma aspiração de liberdade, um movimento contra a opressão, de elevados e nobres intuitos. Não o podia fazer, sem abdicar da própria dignidade, e da dignidade do Rio Grande.

“E a honra da revolução, êle a salvou num gesto soberbo: “O imperador veio hoje à côrte para dar-me beijamão! Recusei, e continuarei a recusar, enquanto não for brasileiro!” (*)

“Esta frase merece ser registrada, em letras de ouro, nos anais do Rio Grande.”

(*) Antônio Vicente da Fontoura faleceu a 20 de outubro de 1860, na vila da Cachoeira, vítima de ferimentos recebidos na estúpida agressão de 8 de setembro. (Veja-se a biografia de Antônio Vicente por Alfredo Rodrigues, *Almanaque literário e estatístico do Rio Grande do Sul* para 1900).

Isso o que disse o Sr. Ferreira Rodrigues sôbre o **Diário** de Antônio Vicente, o grande diplomata dos farrapos junto à Côte do Rio de Janeiro na árdua empresa da pacificação.

Antônio Vicente da Fontoura foi um dos homens de maior mérito e valor moral que a efêmera República Rio-grandense viu nas fileiras de suas fôrças, na sua Constituinte, no ministério e, finalmente, nas **demarches** para a pacificação, da qual foi um verdadeiro apóstolo.

Releva dizer em grande parte que êsse **Diário** de Antônio Vicente da Fontoura está anotado pelo Sr. Ferreira Rodrigues. Entretanto julgamos de nosso dever acrescentar mais algumas notas que tornam a publicação mais interessante.

Além dêsse **Diário**, legou-nos Antônio Vicente da Fontoura uma valiosa MEMÓRIA, escrita, ao que parece, logo após o combate do Passo do Rosário, a qual foi publicada nesta Revista, IV trimestre de 1928.

DIÁRIO DE ANTÔNIO VICENTE DA FONTOURA

PRÓLOGO

Eu não escrevo para o público: minha insuficiência, a falta de positivos talentos, não me são desconhecidos e nem jamais a vaidade poderá guiar-me numa empresa, que conheço ser árdua carreira. Eu escrevo para os meus filhos (*), pois a previsão que tenho de ver-lhes arrebatado, por efeito da revolução do meu país, a fortuna que lhes poderia legar, para grangear-lhes uma subsistência honesta, é um forçoso motivo que me move a transmitir-lhes a série de acontecimentos que puzeram o autor de seus dias na dolorosa colisão de vê-los entrar nos seus tenros anos, envolvidos com privações.

De mais, se ficarem condenados a ganhar o primeiro pão da subsistência, possuam ao menos um documento que, suposto não exato nas regras históricas, lhes ensinará, ao menos, o trilho da honra e o conhecimento dos homens, suas semrazões e injustiças, e o muito que um fado injusto ou um turbilhão de azares, sempre enublaram meus dias, ou antes, seja-me lícito, com o douto Diniz, dizer:

Quanto, quanto se engana
se, em si fiado, o são merecimento
da fortuna tirana
ao bárbaro revez se julga isento!
Pois, com torvo semblante, sempre a inveja
olha a virtude, que oprimir deseja.

(*) Lindoca, Antônia, Bento, Antônio Euzebio, José Propício, Gabriela e Josefino (Bindunga)...

Ah! quanto experimentei estas sublimes verdades! No meu exílio, na minha perseguição, eu que julgava ufano não ter um só inimigo sobre a terra, me vi acossado, por homens não, mas sim por feras, a mór parte daqueles que mais tinha favorecido na minha passada opulência!

CAPÍTULO I

Eu nasci na vila do Rio Pardo, uma das mais belas e florescentes da província, a 8 de janeiro de 1807.

Meus pais, suposto que da antiga família dos C. (*), eram pobres e, por isso, não podendo destinar-me às letras, para o que tinha decidida vocação, me puseram em uma das melhores casas de comércio da vila, para que aprendesse êsse tráfico.

Razões insignificantes ocasionaram minha mudança para a vila da Cachoeira, onde segui o emprêgo de caixeiro por dois anos, em cujo tempo dava mensalmente a meus pobres pais em Rio Pardo 3\$200 por mês, metade do meu salário, até que, com o andar do tempo, pude ir aumentando esta mesada à proporção de minhas fôrças. Tendo depois interêsse na mesma casa por um ano, de cujo trabalho resultou-me o lucro de 600\$000, com os quais e o abono de um amigo, estabeleci minha casa de negócio nos fins do ano de 29, na mesma vila da Cachoeira, aonde e no mesmo tempo tomei o estado de casado, marcando a escolha da espôsa que elegi unicamente a inclinação e suas qualidades e não jamais o interêsse. (**)

(*) "família dos C." Antônio Vicente era filho de Euzébio Manuel Antônio, filho de Crisogno Gonçalves, natural de Traz-os-Montes. Euzébio Manuel Antônio nasceu em Lisboa e veio ao Brasil em 1783 com a partida do coronel Francisco João Roscio. Estabelecendo-se, depois no Rio Pardo, aí casou com Vicência Candida da Fontoura, em 1798. Teve êsse casal os seguintes filhos: João, **Antônio Vicente**, Maria Egípcia, Pedro Antônio Benta (casada com José Gomes Portinho) e José Antônio.

(**) Antônio Vicente da Fontoura casou na Cachoeira com uma irmã do brigadeiro José Gomes Portinho, chamada Clarinda Francisca Pôrto. José Antônio, irmão mais moço de Antônio Vicente, casou com outra irmã de Portinho, — Listarda Pôrto.

Neste mesmo ano, um ingrato, havendo-se valido de mim para que lhe fiasse alguns gêneros, para principiar sua vida, eu o abonei em 700\$000. Ele era um soldado estropiado da batalha de Ituzaingó, um parente de minha espôsa e finalmente um desvalido. Ele levou os gêneros e não voltou a pagar-me; e como a um estravio sempre se seguem outros, também no ano seguinte, cedendo à ruinosa paixão do jôgo, tive o desvario de perder nêle a soma de 1:500\$000, que, junto à quantia acima e mais 300\$000 que uma escrava que tinha comprado, era assaz sufficiente para absorver não só o meu principal, como alguns novos lucros já obtidos, e de fato reduzir-me a uma vergonhosa e irremediável queda.

Eu reflexionei então no meu estado e, vendo que só a constância e um assíduo trabalho, regramento no geral de minhas despesas e inteira abjuração do jôgo, me podiam repor e habilitar ao ganho dos meios para uma honesta subsistência, assim o fiz e sôbre estas bases, tive de ver com satisfação, em pouco mais de um ano, remediado êste mal, que, a haver tido mais publicidade e desalento de minha parte, êle me seria mui sensível, pois que, jovem e sem proteção mais do que aquela que me grangeasse uma vida assídua, mal me poderia sustentar ao embate de tal revez.

No ano seguinte e nos sucessivos, até o 35, foi tão rápido o progresso que fiz no comércio que minha casa veio a ser a primeira da vila da Cachoeira, pois não só negociava em fazendas e gêneros diversos, como na compra de couros, cabellos, gados, erva-mate e bestas, no que, e não no negócio trazido de Pôrto Alegre, foi que firmei minha fortuna.

Em todo o império e menos na minha província, não havia lei alguma que facorecesse o comércio interior, que regulasse suas transações e desse pêso de responsabilidade aos canoeiros, carreteiros, e se os que eram homens integros curavam do bom acondicionamento das cargas; porém, se ao contrário êles se valiam da irresponsabilidade, deixando às vezes por preguiça perder o carregador proprietário.

A-pesar-de tudo e superando todos os inconvenientes, eu pude, vencendo-os em parte, grangear uma fortuna assaz sufficiente para, aumentando-a com o andar do tempo, ter um

desfrute sólido e valioso, pois que no ano 35, além dos escravos, móveis e terrenos que possuía e algum dinheiro, deviam à minha casa 54 contos de réis, devendo eu unicamente 14 em Pôrto Alegre e 3 na Cachoeira; porém, fazendo cessar todo o meu comércio em princípios do ano 36 por causa da revolução, e visto ser empregado, não me ser dado sem lezar tratar de aumentar interêsses, quando em tal transcurso, só devia ocupar o homem amante do seu país, a meditação e cooperação para concluir com uma guerra tão desastrosa.

Desde êsse ano, pois, que, torcendo a vista às minhas privações e de minha família, que me dediquei unicamente à causa pública, sem outro interêsse, como se verá no sucessivo desta história, mais do que o de ver terminar a luta, não poupando todo o sacrifício de minha fortuna e de minha própria existência, sendo-me o mais caro e doloroso aquele por que tenho feito passar a minha numerosa família e oxalá que o céu, premiando não os meus sacrifícios, porém os de tantos ilustres patrícios que me hão dado o exemplo de verdadeiro amor da pátria, faça inda brilhar a meus quebrados olhos um dia de glória para os seus filhos prediletos, para aqueles que, com Francisco Manuel, podem ufanos dizer:

Fechada a estrada, tenho de ser grande,
porque nunca aprendí a envilecer-me.

* * *

CAPÍTULO II

Fica demonstrado no precedente capítulo como principiou minha vida privada. Agora, pois, tratarei do princípio de minha carreira pública, a qual data do princípio do ano 30, em que fui eleito vereador, apesar da intriga que então faziam os vereadores portugueses; fiz quanto pude para rebatê-la e olvidá-la, o que em parte consegui...

Em fins de 31 fui nomeado procurador fiscal, em cujo emprêgo fiz tudo quanto me foi possível para obter a felici-

dade de ter uma tênue parte no bem estar de meus concidadãos. Meus queridos filhos! Quando um dia lerdes êste pequeno escrito, fazei-me justiça.

Não julgueis que, sendo eu o escritor, seja por isto o pagnegirista e que diga só em meu abono. Ah! não; não me priveis ao menos da única glória, do único prazer que sinto, quando minha sossegada consciência me anima em minhas desditas, com a doce recordação de haver sempre feito generosos esforços para melhorar a sorte de meus concidadãos. Ah! eu já disse que não escrevo para os homens, só sim para vós.

Como disse, nomeado empregado do município em que persistia, não só por rigoroso dever, como por gratidão a um povo que me havia visto crescer, eu redobrei minha assiduidade e sendo (como sempre foi) meu principal desvêlo o valer a humanidade infeliz, e aproximando-se o tempo das sessões ordinárias, em as quais eu devia apresentar à Câmara um relatório, contendo artigos de melhoramentos para o município, principiei por visitar a Cadeia, observar as arbitrariedades dos empregados do município, e mais o que se verá do seguinte relatório apresentado à Câmara em 12 de julho de 1832 (deve seguir o relatório). (*)

Depois de lido e elogiado na Câmara o relatório acima, se decidiu que se tomariam todas as medidas para cortar tão revoltantes abusos, mas em vão, pois que, sendo essa casa o foco da depravação, como era possível que dali saísse o remédio ao mal, quando parte dêsses vereadores eram os mesmos malvados opressores da humanidade!

O presidente que então era da Câmara, (**) português indigno, teve a audácia de dizer com muita frescura que “os prêsos não estavam ali para passarem bem”.

Seguiu-se por conseguinte o mesmo desarranjo em toda a administração do município, desarranjo que mui acintemente

(*) Esse relatório não foi encontrado entre os papéis de Antônio Vicente da Fontoura.

(**) Era presidente da Câmara o vereador José Custodio Coelho Leal, que exerceu a presidência até fins de setembro de 1832, sendo, então, substituído por Manuel Alvares dos Santos Pessôa.

faria germinar a facção lusitana, para anular aos poucos brasileiros empregados e assenhorear-se de todas as estações públicas.

Eles (os portugueses), não poupavam toda a qualidade de baixesas para intrigar-nos, e o mais é que abastardados brasileiros, indignos de tal nome, se não enojavam de representar o papel de primeiro escalão de tais monstros.

Pequenas sedições, rixas, assassinatos, violação de leis, inauditas arbitrariedades, eis quanto sucedia freqüentemente em quasi toda a província, logo depois do 7 de abril; pois que, despeitados da vitória que a causa do Brasil pareceu ter obtido em tal dia, seus inimigos se tornaram nas províncias audaciosos e empreendedores. E com efeito, não só nas províncias, como na côrte do império elles obtiveram muito, e jorros de sangue brasileiro correram no Pará, Baía e minha pátria, em refens de alguma bordoadada que, no dia de revolução, levou tal e qual labrego; e o mais é que a tribuna brasileira, donde ecoavam os primeiros gritos de alarma, se mostrou surda e indifferente aos gemidos provincianos!

Estes acontecimentos, pois foram os causais da revolução de 20 de setembro e melhor se conhecerá do successivo dêste escrito, de cujo fio me ia fazendo apartar, o justo resentimento que nutre minha alma contra os lusitanos...

Tornemos, pois, à história.

Eleitor de paróquia, tive de assistir às eleições, e com que afã se não metiam nas mesas paroquiais as chapas infensas, prenhes de nomes portugueses e seus aditos. Aí tive debates fortíssimos e pouco ou nada utilizou o partido retrógrado, glória seja feita, por esta vez ao colégio cachoeirense.

Eleito vereador da câmara novamente e juiz de paz, (*) tive de renunciar êste, para aceitar aquele cargo, de que saí no ano para servir o de juiz ordinário, no qual inda vieram tocar-me borrascosos sucessos.

* * *

(*) Lê-se no officio da Câmara de Cachoeira ao presidente da província que na sessão extraordinária deste dia (17 de outubro de 1832) foi lida a comunicação de que fôra eleito Antônio Vicente da Fontoura "Juiz ordinário de Barreto", cargo que aceitou e do qual tomou posse durante essa mesma sessão.

DIÁRIO

Sarandí, no campo do Canabarro, 1.º de janeiro de 1844.

Minha Clarinda. — E' hoje dia de ano bom e eu estou ausente de ti, de ti e de nossos queridos filhinhos!

Saudade da família; propósito de escrever diariamente à esposa; água excelente; estado da roupa; esperança de rever breve a família; sonho com seus três filhos.

Porém não importa, assim o quer o destino, e por mais que êle possa, não pode por um só momento apagar da minha idéia o retrato querido de pessoas que me são tão caras. Hoje, ao primeiro alvor do dia, eu estava encostado ao meu cavallo, esperando o toque de marcha, e um êxtase divino me fazia repetir estes quatro sublimes versos:

“Saudade! gôsto amargo de infelizes,
delicioso pungir de acerbo espinho,
que me estás repassando o íntimo peito
com dor que os seios d'alma dilacera”. (*)

Repetia logo o teu nome e o dos filhinhos. Eis que tocam as cornetas e principiámos nossa marcha.

Pouco a pouco aparece a aurora, e logo o mais belo sol domina as orvalhadas espaldas dos montes... Enquanto os demais se alegram e conversam coisas diferentes, encantados de um dia tão formoso, eu marcho a passo lento, contemplando com indiferença a natureza.

Não durou, porém, muito êste estado de estupidez. O coração que tão violento batia conseguiu tirar-me desta cruel monotonia; e como que acordado de um profundo sono, eu

(*) Visconde de Almeida Garrett, *Camões*, canto I.

levanto os olhos ao céu, às colinas, aos vales, às árvores, e tudo representa a mais bela forma da natureza espreguiçando-se, e saindo do leito em que com as noturnas sombras se havia envolvido. Foi, minha querida, ao contemplar êste quadro majestoso, que jurei de ora em diante não passar um só dia que te não escreva, enquanto estiver de ti ausente; e tenha ou não portador, guardarei as cartas encadernadas, até te remeter.

São 10 horas e nós já estamos acampados; tocou-me hoje ficar ao pé de uma excelente fonte, e sôbre a costa do arroio Sarandí. Agora me lembra que não havia mudado roupa, e recorrendo os meus pessoêlos, fui dar com ela toda por lavar. Como eu não me lembrei, menos se lembraram o Juca e o Jacinto, que são os meus lavandeiros.

Já mandei o Jacinto lavar, e de tarde mudarei roupa, para não andar todo o ano com ela suja, segundo diziam nossos antigos, e o caso é que estou contente, porque ao menos todo o ano terei bom acampamento e boa água.

Mas o céu não permita que todo o ano esteja longe de ti e dos filhinhos, e nem eu o creio, porque hoje mesmo sonhei que tinha visto a Lindoca, que a tinha abraçado, e a Antoninha também, com a carinha suja, pegando no Bentinho. Ah! não faças os pobrezinhas rezar muito, sim. — Adeus. — Teu amante espôso.

Areal, 2 de janeiro de 1844.

E' mentira, é mentira, minha Clarinda, o que diziam os antigos, porque o meu acampamento hoje tem uma água muito ruim, e não é como a de ontem. Logo, embora não estivesse ontem contigo, hei de estar e hei de estar todo o ano.

Estou a 13 léguas distante de ti e amanhã ainda mais perto, porém quanto me custa não poder ver-te!

Tenho tido muitas saudades do Gabriel ⁽¹⁾, e porque

Mudança de acampamento; água péssima; saudades de um cunhado; ausente de todos os parentes e amigos; notícias de parentes e amigos.

(1) Gabriel Gomes Pôrto, irmão do general Portinho.

nossa marcha desta vez foi mui rápida, por isso é que êle ficou na estância da Música; mas, logo que se nos aproxime, êle se reunirá comigo.

Atualmente estou apartado de todos os parentes e amigos, porque saíram em diferentes destinos. O compadre Felisberto ⁽²⁾ deixou o Jacinto, porém saíu em serviço, o mesmo teu irmão Juca ⁽³⁾, o compadre Frutuoso ⁽⁴⁾ e Carvalho ⁽⁵⁾; mas esta ausência não será de muitos dias. O Zeferino ⁽⁶⁾ também foi, com esperanças de ver a mulher; e quanto mais estimo a êste de tarde, por ver a amizade que êle consagra à sua mulher.

Dá um abraço a todos os nossos filhinhos, e mil saudades às pessoas de nossa amizade. — Adeus — etc.

Quaraím-mirim, 3 de janeiro de 1844.

Neste momento chega o João Serassin ⁽⁷⁾ e soube por conduto da Candida, mãe do Freitinhas que tu havias estado muito doente, porém que já te achavas melhor. Cruel destino! Virtude! Ah! nome vão, de que me serves? De que me tens servido? Para amofinar sòmente a espôsa que adoro, para saber que está doente e não poder a seu lado confortá-la em seus padecimentos. Ah! minha Clarinda, talvez que, se eu fôra um malvado, fôsse mais propícia conosco a sorte!

Porém não! Eu blasfemo pela fôrça da dor que me opprime! Divina Virtude, baixará conosco à sepultura e na mansão dos justos teremos a paz que nos nega êste mundo vil, terra dos ímpios.

De hoje até que receba carta tua, irei contando as horas mais amargas da minha vida. Sim, tu doente e falta de todos os recursos! Nem sei se o Pereira ⁽⁸⁾ já mandou a condução,

Notícias da
espôsa doente;
condução
para abandonar
a vila de
Alegrete; pede
notícia da
saúde da espôsa.

(2) Felisberto de Carvalho Ourique.

(3) José Gomes Portinho.

(4) Frutuoso Borges da Fontoura.

(5) Manuel Carvalho de Aragão e Silva, o Carvalinho.

(6) Zeferino Martinho da Cunha.

(7) Antigo relojoeiro francês da Cachoeira (*).

(8) Manuel José Pereira da Silva.

(*) João Serrasin: o verdadeiro nome é João Antônio Sarrazin. Foi com os maiores Samuel Gottfried Kerst, engenheiro, e Eduardo Ste-

e te peço que, logo que ela chegue, se permitir a tua saúde, deixes esta vila, lugar para nós infenso, e onde a perfídia e ingratidão dos homens rasgou para sempre a última venda da minha sinceridade.

Clarinda, eu nem sei o que escrevo; pois a terrível certeza da tua moléstia e a cruel incerteza de ter melhoramento dão ao meu coração o mais terrível contraste de angústia.

Eu desconfio que o João Serrasin me disse que tu estavas melhor para consolar-me. Ah! se assim é, êle faz muito mal, pois que, para ver-te, mesquinho obstáculo são para mim essas baionetas inimigas, mesquinho certamente, pois que sem ti de que me serve a vida?

Escreve, sim; conta-me o estado da tua saúde, se não me queres ver desesperar. — Adeus — etc.

Pai-passo, 4 de janeiro de 1844

Hoje vou escrever-te, já mais sossegado com respeito à tua moléstia. Ontem, depois que te escreví, deitei-me, a ver se conciliava algum descanso. Não pude e, a-pesar do sol que estava quentíssimo, ensilhei cavalo e fui novamente à barraca do João Serrasin, para tornar a inquerir sôbre a tua moléstia. Êle não estava, porém encontrei o Chiquinho e o Miguel, que também tinham ido e ouvido da Angelica as mesmas notícias; folguei de achar estes, que, como mais inocentes, não teriam habilidade para encobrir-me a verdade; e depois de os ouvir bem, fiquei mais sossegado e certo que estavas, se não boa como êles me diziam, ao menos melhor.

Hoje não serei mui estenso, porque estou muito cansado, pois desde ontem ainda não dormi, em consequência de termos feito uma contra marcha, pelo que foi necessário caminhar-mos até amanhecer.

Eu pretendia falar com o Dionisio e por êle remeter-te

Novas notícias da es-
pôsa; contra-
marcha; o
exército pas-
sa o Garupá
à noite.

panowski, do 6.º R. S., um dos promotores da revolta de 1830, em São Leopoldo. Sarrazin era, então, comerciante nessa colônia onde, também, exercia a função de relojoeiro. Com a revolução, escreve Aurelio Pôrto, transferiu residência para Cachoeira e, ao lado de Antônio Vicente da Fontoura, foi um republicano de apreciável destaque.

algum dinheiro; mas infelizmente ontem, quando passavamos o Garupá, lugar onde êle mora, eram dez horas da noite; mas, como estamos hoje perto da casa do capitão Reginaldo, hei de ver se por êle mando. — Adeus — etc.

Dívida do Funchal, 5 de janeiro de 1844.

Ontem em marcha foi só quando consegui falar com o capitão Reginaldo e por isso é que não te escreví, mas por conduto dêle remetí 80 patações e lhe pedí muito que êle mesmo fôsse falar contigo e dar-te notícias certas minhas, o que me prometeu. Também me disse que, a-pesar-de não ter podido falar contigo quando estive em Alegrete, sabia que estas vas boa, e que moravas nas casas do finado Manuel Luiz, e outros me dizem que moras nas casas em que estava o Barbosa; de sorte que a êste respeito não sei quem diz a verdade. Não aproveitei a ocasião a mandar-te mais dinheiro, porque não sei se estás ainda em Alegrete, ou se o Pereira já te mandou buscar.

Quando estivemos em Ibirapuitã, eu te escreví e mandei a carta ao Chico do Inferno, para êle te remeter, a qual julgo seria entregue.

Esta noite choveu muito e inda continua, mas logo vem o sol, que é o soldo dos farrapos. Um abraço a todos os filhinhos e lembranças ao Pedro. — Adeus — etc.

Campo junto a estância do Freitas, 6 de janeiro de 1844.

Que frio fez esta noite e mesmo ao amanhecer! Tem andado tão mudado o tempo que inda a 6 do mês passado caiu geada! Porém, deve ter corrido o ano mui bem para os lavradores. Ah! si eu pudesse transformar todo êste ferro, que nos é mistér para perseguição e destruição dos homens, em arados para romper a terra, quão belo me teria também parecido êste ano.

Que de vezes me tenho lembrado da nossa chacinha, e nem ao menos tu tens podido alí habitar! Não importa; bom é sofrer primeiro. Quando um dia em perpétua paz tivermos mais tranqüillidade, nós apreciaremos com mais ardor êsse tempo de venturas. — Adeus — etc.

Remessa de
dinheiro à es-
pôsa; novas
notícias de
sua saúde;
ignora qual
a residência
exata da es-
pôsa; chu-
vas; soldo
dos farrapos.

Frio; gea-
das em de-
zembro; de-
sejaria trans-
formar o fer-
ro das armas
em arados;
recordações
de sua chá-
cara.

Campo na divisa de Alexandre Ribeiro, 7 de janeiro de 1844.

Hoje, pelo capitão Reginaldo, que nos veio alcançar, te escreví uma cartinha que servia de sobrescrito às outras que te remetí, escritas desde o primeiro até 6 do corrente, e te fazia ver também que pelo mesmo te remeti 80 patações, que muito estimarei tudo te seja entregue.

Temos de marchar hoje mais cedo e por isso não posso ser muito estenso, e mesmo estou com muito frio, pois desde a madrugada que principiou a soprar um nordeste tão forte e frio, que parece estarmos no inverno. Que variedade de tempo.

Manda-me notícias do nosso Bentinho e mais filhinhos. — Adeus — etc.

Continua o frio; marcha; avisa que remetêra pelo cap. Reginaldo cartas e dinheiro.

Pontas de Ibirapuitã, na estância do Ribeiro, 8 de Janeiro de 1844.

Não faz uma hora que acampamos e até êsse momento que soprava furiosamente o vento de ontem, acompanhado de uma garoa ou cerração tão grossa que mais parecia um feio dia de junho, mormente que também o frio não nos deixava; pouco depois foi cessando o vento e tornou-se o dia tão quente que tive de alevantar um lado da minha barraquinha e acreditar então que estavamos no mês de janeiro. Como se paga o tempo. Que bom inverno tivemos e que verão vai indo tão chuvoso e frio.

Mudança de tempo; esperanças de passar dias sossegados junto à família; altruísmo de Fontoura.

Assim também, minha Clarinda, tempo virá em que a sorte nos recompense do tempo que nos separa, deixando-nos dias de paz e satisfação. Então, inda que seja rigoroso o inverno, eu, sentado ao pé do fogo, contigo e com os filhinhos, contarei a história de nossa vida.

Aquele Basilio, que nós criámos, desde que estou nesta força inda uma só vez não veio ver-me. Que mau gênio tem êste rapaz e quão mal pagam os filhos alheios a educação a seus tutores; porém, inda que êle nada mereça, eu lhe farei o bem que puder, em memória de seu pai, a quem eu estimava.

Vamos chegando perto do Gabriel e nestes dois dias estaremos juntos. — Adeus — etc.

Acampamento na estância do Silveira Gularte, 9 de janeiro de 1844.

Novo acampamento; balanço na roupa; incerteza de proseguir a marcha; boas notícias de Montevidéu; previsão; revés de João Antônio e Missões.

Temos pasado dois dias neste mesmo campo, e hoje tenho tido mais tempo para escrever-te e mais cedo teria principiado, se não fôsse o excessivo calor que faz, e não poder escrever fora da barraca por causa da garoa, que inda continua.

Hoje dei balanço às minhas calças e achei-me só com uma, e não pude deixar de rir-me com um descuido semelhante. Eu fui suprimindo a alguns amigos mais precisados, e, como não contava, pensei que inda tinha ao menos dois pares. Porém já mandei fazer duas, e em poucos dias estou arranjado.

Camisas, sim, não dou nenhuma porque as que tenho são feitas por ti e por isso as estimo muito, e mesmo não estou para depois vestir outras iguais àquelas que me fizeram em Bagé. Ontem um amigo pediu-me uma, eu lhe disse logo que sim, porém depois vi-me tão embaraçado, porque eu não queria dar, como digo, das minhas, e também não havia de deixar ir o homem sem camisa. Graças, porém, à minha lembrança, fui-me aos pessuelos do compadre Felisberto, tirei uma das dêle e dei, e quando êle voltar, justaremos essa continha.

Não sei si amanhã marcharemos daqui e se não marcharmos, hei de principiar mais cedo a escrever-te, pois é a única satisfação que desfruto nesta agreste vida.

As notícias que chegaram ontem de Montevidéu são mui favoráveis à causa que defendemos, e nem outra cousa esperávamos, porque o céu não protege aos tiranos; e se alguns instantes desaparece o sorriso da sorte, é para tornar-lhes mais amarga a hora da punição, que sempre está trovejando sôbre suas criminosas cabeças.

Ah! minha Clarinda, quão cheio está hoje meu coração de deliciosa esperança de ver-te e aos nossos caros filhinhos!

Sou interrompido por um amigo, que me manda chamar, para ir saber notícias certas do pequeno revés que sofreu a

fôrça ao mando do João Antônio ⁽⁹⁾ em Missões. Suspendo, portanto, a continuação da presente carta. Amanhã te direi o que souber, pois estou desejoso de ouvir qual a sorte de tantos amigos e parentes que alí estavam. — Adeus — etc.

Campo na estância do Silveira Gularte, nas pontas do Ibirapuitã, 10 de janeiro de 1844.

Não foi nada êsse revés de João Antônio, que o inimigo tanto tem engrandecido. No campo apenas estavam cem homens, contando 30 praças de infantaria, a qual se diz ficara prisioneira. O campo foi surpreendido das 11 para as 12 do dia e, conseguindo montar a gente, poucos ou nenhuns homens de cavalaria poudo o inimigo pilhar, a-pesar-de atacarem com fôrças triplicadas. João Antônio saíu para o centro, a fazer junção com as partidas que tinha fora; e Onofre ⁽¹⁰⁾. Boaventura ⁽¹¹⁾ e Carvalho ⁽¹²⁾ tomaram o flanco esquerdo na direção do Uruguai, e passando a Corrientes, em breve aquí estarão.

Uma derrota completa e não como esta é que devia sofrer o inimigo, se homens houvesse menos dorminhocos!

Teu irmão não estava alí e com êle deve estar hoje o João Antônio.

O compadre Frutuoso também não estava e consta-me que com o compadre Felisberto foram à Cachoeira, mais o Zeferino. — Adeus — etc.

Campo na estância do Silveira Gularte, 11 de janeiro de 1844.

Neste momento chegaram o compadre Carvalho, Onofre, mais oficiais e soldados que tinham emigrado para Corrientes. Todos vêm possuídos do mais nobre entusiasmo e anelando o momento de no campo de batalha reivindicar a glória que julgam eclipsada por um passageiro revés.

Revés de João Antônio; diz-se que ficaram prisioneiros os infantes; a gente de João Antônio emigra para Corrientes; noticias de parentes e amigos.

Carvalhinho e Onofre chegam ao acampamento depois de emigrados em Corrientes.

(9) General João Antônio da Silveira.

(10) Onofre Pires da Silveira Canto, coronel.

(11) Boaventura Soares.

(12) Carvalhinho. (Manuel Carvalho do Aragão e Silva).

Quanto mostram nisto que são rio-grandenses e que as horas de emigração só são aquelas precisas para atravessar o país estranho, procurando volver a esta pátria querida, como êles o fizeram.

Já estive com êles, mas vou ao seu acampamento a visitá-los e por isso não sou mais estenso. — Adeus — etc.

Santana do Livramento, 12 de Janeiro de 1844.

Viagem à
serviço; no-
ticias.

Hoje vim a esta capela, em serviço, com o compadre Carvalho. Êle segue a ver a mulher, que está na estância da Música, e com que inveja eu o ví partir! Ah! eu estive mais perto de ti e não pude ver-te, e por isso mandei dizer à comadre Mariana e Matilde, que não vou visitá-las a-pesar-de estar perto. O Delfino ⁽¹³⁾ está melhor e pelo Carvalho mandei vir o Gabriel, que já basta de Música.

Não sei quando hei de ter notícias certas tuas, e si não obtive-las até o fim dêste mês, hei de mandar o próprio que tenciono mandar-te. — Adeus — etc.

Campo no Trindade, 13 de janeiro de 1844.

Águas
ruins; Cana-
barro fala
em dar um
ataque geral.

Vamos chegando aos lugares de ruínas águas e tu sabes quanto me custa fazer uso de uma ruim água, não pelo péssimo gôsto, como mesmo pelo nocivo que é à saúde, e desde aquí até passarmos o Ponche Verde, que todas são mui salobras, ou ruínas por serem de banhado. Mas, si eu estivesse contigo e com os filhinhos, elas me pareceriam tão boas como as da Cachoeira.

Inda não vi uma fruta êste ano, pois nestes campos pouco se cuida da agricultura; porém o general (*) se prepara para dar ao inimigo um ataque geral, e eu estou ancioso que chegue êsse dia, pois será a véspera daquele em que siga a ver-te, porque todas as probabilidades do triunfo estão de nossa parte.

(13) Delfino Gomes Pôrto, irmão de Portinho.

(*) General David Canabarro, comandante em chefe, então, das forças farrapas.

Estive em Santana com a tia Chica, a Clarinda e elas me deram notícias tuas, dadas pelo Cirino, que inda são as mesmas que já tive da tua infausta doença, suposto que sempre dizem que estavas já boa, mas quem sabe!

Aquí acaba de chegar o Amancio todo leproso, e por ir conversar com êle não sou mais estenso.

Um abraço a todos os nossos filhinhos e lembranças ao Pedro etc.

Campo no Batoví-dourado, em frente ao Trindade, 14 de janeiro de 1844.

Ontem se pôs o sol tão lindo e hoje amanheceu chovendo! Que verão tão inconseqüente!

São 7 horas da manhã e eu dentro da minha barraquinha, com o coração tão triste como o dia; só penso em ti e nos filhinhos. Em vão, pegando um livro, tentei ler; nada conseguí.

Dobro o papel para escrever-te, rasgo uma palhinha para atá-lo em caderno, pego na pena, principio a carta e pouco a pouco sinto desvanecer o pêso que oprime minha alma. E é com esta mágica ilusão de, quando te escrevo, julgar que contigo converso, que tantas vezes tenho conseguido afugentar do meu coração tão acerbos penas. Ah! que fraca e mesquinha é a condição humana! Que de vezes consegue libertar a imaginação de opressões reais, só com a meditação de reais ilusões! Bem haja o céu, que nos concedeu êste attributo; inda que pueril, é todavia o meigo consolador de nossas mágoas...

Eu disse que estava na minha barraquinha; é mesmo barraquinha, minha Clarinda, porque aquela outra minha barraca já se rompeu, e eu da baeta que trazia debaixo do coxinilho, com mais duas varas de algodão, fiz uma barraquinha, que só chega para mim cômodamente, podendo apenas nela escrever meio recostado; porém isto mesmo é o que eu queria, porque assim vejo-me livre dos importunos, palradores e posso livremente ler e escrever. Contudo, eu sempre os trato bem, porque, quando chgam a fazer-me as suas visi-

Tempo in-
constante;
saudades; a
barraquinha;
visitantes
importunos;
dúvidas e es-
peranças; fé
cristã.

tas de vadios, eu lhes aponto a barraca de um tenente que mora comigo, ou a do compadre Felisberto, e ali lhes mando dar mate até se aborrecerem de falar. No entanto, eu estou só e livre dessa séca importuna, na minha barraquinha.

Ela foi feita por mim, fiquei com os dedos todos pinicados da agulha, mas não aturei a preguiça dos alfaiates. Está muito bem feitinha, porém muito mal cosida; e quando no acampamento algum furacão derruba as grandes barracas dos outros, eu estou tranquilo na minha, que, mais pequenina, só sofre o diminuto impulso dos ventos...

Ah! se na escala da minha carreira pública eu tivesse também só servido os mais pequeninos emprêgos, e abrigado estaria do violento furacão revolucionário que arraza a nossa bela pátria. Quiçá estaria mesmo a teu lado, e não houvera jamais conhecido as negras maldades dos homens!

Porém que sólida ventura pode haver neste vale de infortúnios? Todos sofrem, minha Clarinha, todos; e quantas vezes aqueles que julgamos no cume da grandeza, desfrutando os favores da aventura, têm o coração mais oprimido e a alma mais negra que o mais desvalido mortal da sorte desprotegido!

Eu estou, minha Clarinda, que o último lampejo de real felicidade que se pode gozar neste mundo, é aquele que, a custa de nossos trabalhos, de nossas fadigas, e depois de termos lutado braço a braço com todo o poder de uma má fortuna, antepondo-lhe a resignação de uma austera virtude, nos dá o práctico conhecimento das puerilidades desta vida. Então, sem êsse mundano e orgulhoso afã, o homem parece que se contém na esfera que o Ente Supremo lhe marcou aqui em baixo, e sua alma, mais liberta das transitórias cadeias, vê e pensa na eternidade com aquelas idéias sublimes que limpam seu coração das impurezas da terra.

Temos visto, minha Clarinda, desaparecer a fortuna de que éramos senhores antes da revolução; temos mesmo, no decurso dela, tragado o cálice da amargura por muitas vezes,

porém nós diremos um dia: — Perdemos, sofremos, mas aprendemos.

Nossos filhinhos, então poderão sair mais amestrados na carreira da vida. Um abraço a todos êles e adeus, etc.

Campo em Iatquatiá, no Bento Correia, 15 de janeiro de 1844.

Hoje mandou-me o general adiantar da fôrça, até êste ponto em serviço e já sei que hei de estranhar muito ter de dormir esta noite em casa, pois eu me acomodo mais com o sereno do que com as pulgas.

O Amancio também veio comigo e cada vez está peor da-quela sua lepra.

Tenho tido hoje muito serviço e por semelhante causa não sou mais estenso. — Adeus — etc.

Campo em Itaquatiá, 16 de janeiro de 1844.

Voltei hoje a êste campo, reunindo-me com a fôrça, e como chegasse ao meio dia e o sol estivesse quentíssimo, estou bastante cansado; mas os pobres farrapos em dormindo um sono e comendo um churrasco recuperam prontamente as fôrças que o cansaço havia abatido. — Adeus — etc.

Campo no Recruta, em frente ao Upamarotim, 17 de janeiro de 1844.

Com outra comissão mandou-me o general a esta estância e amanhã volto para o exército.

Até hoje uma só notícia certa tua não tenho tido, e mil vezes, eu quando fui contigo para o Alegrete, antes houvesse ido para Santana, pois é lugar onde sempre temos passado.

Espero que pelo Pereira, quando chegar teu irmão Juca, hei de receber notícias certas. Abençoa e abraça todos os nossos filhinhos, de quem um só momento me não posso esquecer, e dize ao Juquinha que tenho um lindo peticinho para êle. — Adeus — etc.

Fontoura é destacado: muito serviço; leva em sua companhia um enfermo.

Fontoura volta ao acampamento.

De novo destacado: falta de notícias da família.

Campo em Upamarotim, 18 de janeiro de 1844.

Campo
excelente;
águas péssi-
mas.

Ainda não estávamos acampados e eu já me lembrava da péssima água que temos hoje. O campo é excelente, o gado gordíssimo, porém a água é uma verdadeira salmora e turva; é enfim peor que a de Alegrete.

Ora, estou perto da comadre Mariana, haverá apenas duas léguas, mas não vou vê-la e já lhe mandei dizer que era por não estragar os cavalos, que estou poupando para dar um galope a ver-te.

O Delfino ontem me escreveu, já está melhor e hoje ou amanhã se há de reunir a nós, mais o Gabriel, que tem tido um semanário de Música, maior do que eu pensava. — Adeus — etc.

Campo nas pontas de Ponche Verde, em frente a estância do Moreira, 19 de janeiro de 1844.

Chegada de
2 cunhados;
esperança de
triunfo; más
notícias de
seus interê-
ses no es-
trangeiro;
esperança de
poder reti-
rar-se do
exército.

Ontem, depois que te escrevi, chegou o compadre Delfino e o Gabriel. O Delfino está magro, mas melhor, e o Gabriel cada vez mais gordo. A comadre Mariana ficou na Música.

Agora estou outra vez junto com teus dois irmãos, e amanhã ou depois se reunirá também o Juca. A Providência parece ir encaminhando as cousas de maneira tal que será inevitável ao inimigo o sofrer por estes poucos dias um revez formidável.

Depois do dia do combate é que hei de fazer seguir o próprio, a trazer-me notícias certas tuas, ou eu mesmo hei de ir.

Recebi uma carta do compadre Machado porém com data errada, e também não me agrada muito o seu conteúdo, de sorte que tenho de mandar ali entender-me com elle e saber como vão nossos interêsses naquele país, muito principalmente agora que ali vão melhorar as cousas, e já estão mais garantidas as fortunas e propriedades, tanto nacionais como estrangeiras.

Se aí estiver estado o João Assis, manda-me dizer se êle deixou alguma carta para mim, ou qualquer outra participação, porque eu lhe havia encarregado certo negócio sôbre a nossa invernada, e muito desejava que êle se verificasse; porque tenho que meter para alí maior porção de gados, e o campo é pequeno.

Depois deste desenvolvimento, digo, de termos ganho uma ação decisiva sôbre o inimigo, pretendo retirar-me a tratar de nossos poucos interêsses, afim de que não continuem a ser patrimônio de tantos ingratos e malvados. — Adeus — etc.

Campo na Carolina, 20 de janeiro de 1844.

Aquí estamos esperando a junção com a fôrça do general Netto (*), para batermos a divisão ao mando do Bento Manuel (**), e virá êsse Netto? Quem sabe! Há tantos malvados que se interessam em eternizar a guerra, que eu já não duvido de tudo quanto agoura o vulgo, e inda que não creio que êste general pretenda cooperar para a desgraça de tantos patrícios que à custa de suas fortunas e de seu sangue o elevaram ao grau que ocupa no exército, todavia conheço de sobra seu caráter dobre, e o quanto é fácil a ser fascinado pela ímpia adulação dos monstros que por tantas vezes têm jogado a honra e o sangue dos rio-grandenses.

Seja enfim o que for... Deus protege os farrapos.

Teu irmão Delfino trouxe umas quatro onças, recebeu mais dezesete patações que lhe deviam, e o tenho visto tão ansiado por gastar êste dinheiro! Tudo quer comprar, tudo! Que gênio célebre!. O Gabriel é o agente das compras e como afeiçoado ao doce, quando passa em lugares onde há tijolos (***), enterra a mão na compra.

Eu tenho passado melhor daquelas minhas dores de ca-

A espera de junção com o general Netto; há quem se interesse em eternizar a guerra; ingratidões; imprevidências de 2 cunhados; botins; distrações do acampamento; horas de repouso.

(*) José Antônio de Souza Netto.

(**) Bento Manuel Ribeiro que abandonou o serviço dos farrapos em 1839 e, a convite do barão de Caxias, começou, em 1842, a combatê-los.

(***) Tijolos: nome popular de pequenos quadriláteros de gojabada, ou marmelada, envoltos em casca de banana ou palha de milho. Hoje também se fabricam êsses "tijolos" de banana, sendo conhecidos por *mariólas*.

beça, e julgo ser devido à vida que passamos, à simplicidade da comida, ao ar livre e exercício que fazemos.

Meus botins se romperam de todo e, mandando fazer outros aqui pelo pardo do Manuel Bento, elle os fez muito apertados como costuma, e como era costume incharem muito os pés no verão, perdi a esperança de servir-me de tais botins; mas em um dia frio e chuvoso eu os calcei para largar os velhos, que de todo se acabaram; e quando pensava que tivesse de deixá-los logo, por causa do inchasso dos pés, é quando conheço não ser preciso, porque já não tenho essa moléstia. E' verdade que, antes de os calçar, fiz primeiro o Rodrigues e até o João Verissimo, com aqueles seus pés de ferro andarem uns dias para amaciá-los.

Aquele Tomaz e o irmão Juca, que andavam em minha companhia, faz mais de dois meses que os mandei para o corpo; eram uns ingratos e eu não pude mais aturá-los... E quanto custa mesmo a sofrer a canalha, de condição tal que, com um mesmo rosto, recebem o bem e o mal, e conforme o humor de que estão, assim se portam. Desconhecem inteiramente esse nobre sentimento de gratidão...

Porém para que estou eu agora declamando contra estes pobres diabos, se a raça dos ingratos existe mais nas primeiras gerarquias da sociedade, e talvez, se ela tem infestado a ínfima classe, é devido ao fátuo exemplo dos primeiros personagens do mundo.

Uma solidão, tu e os nossos filhinhos, é tudo quanto desejo no mundo.

Quanto vou estimando mais esta minha barraquinha! Agora que estou gozando do prazer de escrever-te, de pensar em ti e nos filhinhos, estão na outra barraca grande o Delfino, o compadre Carvalho e outros, jogando; uns alegres por ganharem, e outros amofinados por perderem, e todos cansando o espírito com os descartes e azares do jôgo, e gastando assim as horas que a nossa lida de campanha destina ao sossêgo, horas que o toque de aprontar faz sempre parecer tão curtas e

mesquinhas. Eu descanso mais do que elles, porque penso em ti, escrevo-te e, deitando-me pego no livro até adormecer. — Adeus — etc.

Campo na Carolina, 21 de janeiro de 1844.

Bem haja o venturoso instante em que eu, inspirado pelo amor e pela amizade, fiz o voto de escrever-te todos os dias. De quantas angústias, de quantos dissabores já me tem abrigado este propósito feliz. E' verdade que, enquanto eu assim não praticava, sempre os meus pensamentos eram teus; porém por tal sorte os envenenava e os confundia a pungente dor da saudade, que milhões de vezes, tentando distrair-me na contemplação da natureza, eu caía em um estado de torpor, e procurando em vão os lugares mais solitários do acampamento, volvia logo à minha pobre barraca, entregue a uma estúpida languidez. Aparecia a alva, eu mal a via; principiava o sabiá, êsse rouxinol dos nossos bosques, a saudar a aura matutina, que, levemente sacudindo o raminho onde pousava, interrompia seu inocente sono, e seu mavioso canto nem feria meus ouvidos, deslumbrados já das belezas que ostenta a natureza em uma bela manhã de primavera!

Ah! assim eu vi amanhecer muitos dias... dias que teria olvidado nesses meus êxtases, se o agúdo e para mim agreste som das trombetas, no importuno toque de alvorada, não desse por tantas vezes rebate ao meu coração.

Hoje enfim mais plácidos dias eu vejo amanhecer, ambicioso de observar com cuidado a variedade e formosura das côres que arreiam a faustosa precursora do sol, marcando daí as horas, as longas horas, que vão inda correr até o instante de acamparmos, instantes em que principio logo a escrever-te... Mas não é só escrever-te, eu penso que converso contigo e com os filhinhos. Ilusão querida! Esquecendo assim as fadigas da marcha, suporta também com uma doce emoção a saudade, essa companheira fiel das almas sensíveis. A falta de notícias tuas é só o que não deixa de amofinar-me e para o que não encontro remédio. — Adeus — etc.

Bendiz o momento em que fez o propósito de escrever diariamente à espôsa; lamenta a falta de notícias da família.

Campo do Pirai-Grande, 22 de janeiro de 1844.

Tempo chuvoso e frio; belo dia de agosto; notícias dos cunhados; marcha forçada; não se fez a junção com Netto.

Ao amanhecer para ontem choveu muito e inda de madrugada houve alguns chuveiros, e no acampamento todos amanheceram molhados, porque a chuva foi tocada de um vento forte, que desarmou quasi todas as grandes barracas. Eu não me molhei e a minha barraquinha se conservou firme.

Ontem fez muito frio, o dia não esteve bom; mas hoje que belo tem estado o dia! Fresco, o sol luminosíssimo, parecendo enfim um formoso dia de agosto.

Estes três dias tenho passado mais satisfeito com a companhia de teus dois irmãos; o Gabriel não perde a mania de ser passeador; hoje já me pediu para ir a Bagé, que dista daqui umas quatro léguas; mas não irá, senão estando mais perto.

Felizmente já atravessámos os lugares de águas ruínas, única cousa que me parece fazer grande mal ao meu escorbuto, de cujo mal não tenho sofrido muito, porque, se não estou são, também não tem aumentado.

Hoje fizemos uma marcha puchada e todavia inda não aparece o Netto, para fazermos junção! E' já inquestionável que há malvados que tem feito perder o momento de concluir a guerra, porém êles o pagarão. — Adeus — etc.

Campo no Pirai-Grande, 23 de janeiro de 1844.

Hoje ainda não mudamos de campo e tenho por isso mais tempo de escrever-te.

São onze horas do dia e não temos inda notícia do general Netto, pelo que sou forçado a ir crendo que por esta vez tem de ficar frustrado o plano que havia feito o general Canabarro de atacar a divisão de Bento Manuel, e já nem outra cousa se deve esperar quando o malvado Bento Gonçalves tem influência sobre Netto, que, a cabresto por êsse pérfido Luiz Boticario ⁽¹⁴⁾, caminha hoje só ao fim de saciar as vanganças daquele infame Gonçalves, a quem dirige o monstro

Netto não aparece; Bento Manuel não será atacado; queixas; José Mariano ateou o facho da revolução em 1835; José Gomes Jardim afasta a paz; sacrificios; uma paz honrosa; Deus protege os rio-grandenses.

(14) Luiz José Ribeiro Barreto, ministro da República.

dos monstros, José Mariano ⁽¹⁵⁾. Este maldito mulato, mais falso que Judas, mais inepto que Sardanapalo, teve em 1835 a diabólica habilidade de acender o facho da guerra civil em nosa querida pátria, e hoje, desconfiado de obter um indulto aos seus negros crimes, fez com sua maligna influência com que o estonteado José Gomes ⁽¹⁶⁾, que, por castigo dos rio-grandenses, dirige as rédeas do govêrno, afastasse dêste solo a paz, que tanto anela o coração honrado e verdadeiramente americano. (*)

Ah! Povo virtuoso e infeliz, quão infante está ainda a tua razão! Para que com tanto fanatismo hás nutrido e nutres meia dúzia de demônios que roubaram nossas fortunas, que encheram de luto nossas famílias e ensangüentam nossos campos, fazendo morrer a flor da pátria e suas esperanças! Oito anos de amarga e dura experiência é o luminoso farol que nos deve guiar na senda da honra, da liberdade e da América.

Uma paz honrosa está tanto nos interêsses do Brasil como nos nossos, e êle assentirá, sim assentirá; e se por fatalidade êsse govêrno vendido ao cobre português exigisse de nós uma ignomínia, então uma guerra muito justo e vigorosa, movida só pelos nossos salvados naturais recursos, daria à história mais um exemplo da facilidade com que se abatem os tronos, quando, contra a razão e a justiça atacam sem restrição a soberania do povo, e de um povo da América. Seja o que fôr, Deus protegê os rio-grandenses. — Adeus — etc.

Campo em Pirai, 24 de janeiro de 1844.

Vês tu as mãos de um índio bem tisonado? Pois assim estão as minhas. Nunca vi um sol que queimasse tanto! Quando entro nalgum arroio para lavar-me, despindo-me, sempre

Sol quente; recordações do lar; visita; falta de palha para os cigarros; vingança original.

(15) José Mariano de Mattos.

(16) José Gomes de Vasconcelos Jardim.

(*) Nessas imprecções contra Bento Gonçalves, José Mariano de Matos, e Netto e Vasconcelos Jardim, alude Antônio Vicente aos acontecimentos de Alegrete, em 1842, época em que se deu a cisão dos farrapos, na Assembléia Constituinte, cisão essa que se tornou um pomo de discór-

me lembro do pavão: dizem que êle, ao olhar os pés, entristece; talvez me acontecesse o mesmo, se, olhando para as minhas mãos, não me lembrasse logo das tuas que, por causa do trabalho, já do forno, já da plantação com que vais ajudando a vestir e a sustentar nossos filhinhos, devem estar não só morenas, como pisadas do grosseiro serviço a que não eram costumadas.

Graças porém aos nossos pais, que, não nos educando com excessivo efeminado luxo, souberam prevenir êsses revezes que nos preparava a sorte! Parece mesmo, minha querida, que te antecipavas a serviços tão duros... Sim, outrora, quando vivíamos no regaço da paz e na abundância, nunca deixavas de dar-te a semelhantes serviços. Ah! quantas vezes eu te dizia: — Clarinda, para quê trabalhar tanto? Acaso tens precisão?

O que me respondias então eu já não me lembro, mas é verdade que sempre foram judiciosas as tuas respostas, e oxalá que em muitos assuntos eu houvesse seguido teu parecer!

Hoje veio visitar-me aquí o nosso compadre Ricardo, que mora em casa do Borba, em Bagé; tem levado toda a manhã a falar com aquela sua natural vivacidade. De ordinário os que falam muito nem sempre acertam, mas êle, no turbilhão de idéias que tem exprimido, cousas tem dito com verdade e acêrto.

Tenho tido hoje muita raiva da Benta, (*) pois aquele velho Machado, de Santa Maria, chegou outro dia a Santana, e ela não só não me mandou por êle umas palhas para cigarro, como nem me escreveu, a-pesar-de eu ter lhe pedido sem-

dia, com a morte de Antônio Paulo da Fontoura, vice-presidente da República. Aliás, essa morte violenta não teve motivos políticos, como se verá mais adiante, em nota a uma carta em que Fontoura alude a êsse fato e outros que chama de "mashorca de Alegrete". Os partidos que então se formaram, o da minoria e o da maioria, aquele com 15 deputados, e êste com 8, eram chefiados, respectivamente, por Domingos José de Almeida e Antônio Vicente da Fontoura. A êste pertenciam, além de Fontoura, que era, então ministro, mais os ministros, padre Francisco das Chagas Martins d'Ávila e Souza e José Pedroso de Albuquerque, e os deputados Serafim dos Anjos França, Dr. Antônio José Martins Coelho, Manuel Martins da Silveira Lemos, Onofre Pires e Vicente Lucas.

(*) Irmã de Fontoura, casada com Portinho.

pre que me mande; e hoje, como tenho só para dois cigarros, me vou vingando em chamá-la de mofina e ingrata. Bem fiz eu em dizer-lhe, na última carta que lhe escreví, que me parecia que neste mundo só me restava minha Clarinda.

Um abraço a todos os nosso filhinhos. — Adeus — etc.

Campo no Pirai-Grande, 25 de janeiro de 1844.

Hoje só caminhámos como meia légua, a mudarmos de campo, e inda continuamos a esperar essa encantada junção das forças de Netto, de quem ainda não temos certas notícias; e antes hoje tivemos parte de João Antônio achar-se a 6 ou 8 léguas de distância, com o que muito me alegrei, porque ali devem vir teu irmão Juca e nossos compadres.

Bem a meu pezar, deixo de escrever-te hoje mais linhas por estar muito ocupado. — Adeus — etc.

Campo no Pirai-Grande, 26 de janeiro de 1844.

Esta manhã, quando estávamos no alarme, uma cena bem tocante veiu dar-me mais um motivo de pensar nos terríveis males de que se nutrem as revoluções, mormente quando o povo, por falta de illustração, se guia somente nesses momentos do inferno pelo gênio da destruição.

Nove carretas com famílias, procedente da vila de S. Frutuoso, abandonando seus lares, seus domicílios e suas fortunas, mostravam um semblante alegre pela dita que acabavam de conseguir, pisando em nossas fronteiras e escapando à brutal ferocidade dos partidos que, no país Oriental, enxovalhando a humanidade, se degolam, ao aprazimento de seus mesquinhos e envilecidos tiranos.

Conversei com os chefes destas famílias e quanto horror me inspirou a relação da perversidade dêstes nossos infelizes visinhos; e certamente que, se não fôsse a série quasi não interrompida de trinta anos de revolução por que elles tem passado, que não estariam tão selvagens, tão ferozes e tão endemoniados. Oh! revoluções! revoluções!

Ah! não permita o céu que, em nossa pátria, vejamos tão embrutecidas cenas! Não! Mil vezes a morte!

A espera
de Netto; no-
tícias de
João Antô-
nio.

Noticias da
revolução no
Estado Ori-
ental; fami-
lias emigra-
das.

Desde o ano passado que toda a nossa linha divisória e mesmo a margem de alguns arroios do interior é o acampamento de centenaes de famílias que daquele país emigraram, desde que o exército invasor passou o Uruguai; porém eu julgava que tivessem cessado ali as perseguições, bem como passaram os primeiros dias da invasão, mais terríveis sempre em tais ocasiões. Mas quanto me havia enganado. Êles se continuam a degolar inda com mais furor!

Asseguram-me estes últimos emigrados que, se a guerra atura ali mais um ano, ficará como todo o país.

Hoje sigo a Bagé em serviço e dali te hei de escrever mais longamente. — Adeus — etc.

Bagé, 27 de janeiro de 1844.

Esta noite passado seriam mais ou menos duas horas, quando eu, conversando com o ministro Lucas ⁽¹⁷⁾, lhe perguntei se Jucanes (*), que havia chegado de Cruz Alta, não daria acaso notícias de minha família, visto que eu não sabia se residiam inda em Alegrete ou se já teriam vindo para perto de S. Gabriel, onde havia passado o referido Jucanes, ao que me respondeu Lucas que êle dizia que estavas em Caçequi, notícias que em parte me alegrou, por te ver livre daquele lugar onde tanto tens sofrido, não tendo porém completa satisfação, por não receber carta tua e nem saber de certo onde estás.

Fontoura a serviço, em Bagé; encontro com o ministro Manuel Lucas; notícias da família recebidas de Jucanes; presentes às filhas; outro à esposa; duvidas si a esposa recebeu o dinheiro.

Comprei hoje uma caixinha de escrita para Lindoca, um lenço de seda encarnado para a Bindunga, e dois amarelos, sendo um para a Antoninha e outro para a Gabriela, e tudo há de ir pelo portador que levar estas cartas. E para ti o que hei de mandar, minha Clarinda? Um palinha que me deram. E' mui lindo e te há de dizer mui bem. Eu sei que dantes, quando fazíamos nossas viagens, tu sempre me falavas em teres um ponchinho... Pois bem, agora é ocasião e eu mesmo hei de ser o portador, e no entanto eu andarei com êle emprestado, sim...

(17) Manuel Lucas de Oliveira.

(*) José Anes.

Ora, se é certo o que diz o Jucanes, de estares em Cacequí, talvez não recebesses 80 patações que te mandei pelo capitão Reginaldo, quando estive ao pé de Alegrete, e um caderninho dêstes, que continha as primeiras cartas que te escrevi, desde o primeiro dia dêste ano, e em uma delas te contava como dia de ano bom, estando desesperado de saudades de ti e dos filhinhos, fiz voto de escrever-te todos os dias, tivesse ou não portador, e ir guardando para te remeter; voto querido e que tanto tem servido de lenitivo às saudades.

Por tudo isto, pois, cada vez mais desejo a vinda de teu irmão Juca, ou o compadre Frutuoso, únicos que notícias certas podem dar.

Está ultimada a comissão que me trouxe a êste ponto, e hoje volto para o acampamento. — Adeus — etc.

Campo no Pirai-Chico, 28 de janeiro de 1844.

Ainda me estão aos ouvidos as persuasões, os rogos, as exortações de alguns amigos que ontem em Bagé se reuniram para conjurar-me a aceitar o ministério; e êste eco que respeito, e que a tudo me movêra, não fez mais do que vigorar minha negativa e impassibilidade.

Fontoura
recusa o mi-
nistério.

A chaga que a ingratidão, o egoismo e a tirania abriram está mui recente, e nem eu podia prestar já um sólido bem ao meu país.

A minha Clarinda, os meus filhinhos e um deserto é tudo quanto desejo. Um coração bem formado, uma alma reta não pode servir na atualidade sem envilecer-se, ou amaldiçoar eternamente os homens. Porém que de clamar continuado é êste meu? Pretenderei agora erigir-me palmatória do mundo? Um não é tudo quanto me convém, e é aquilo mesmo que me prescreve a honra. — Adeus — etc.

Campo nas pontas do Pirai-Chico, 29 de janeiro de 1844.

Ontem, depois que te escreví, juntei todos os cadernosinhos das cartas que tenho te escrito; principiei a ler e logo um suave e doce sono se assenhoreou de mim... Despertei ao por do sol, e nunca hei visto um por de sol tão lindo! Esta hora amável que arrebatava todos os corações sensíveis, que de

Romantí-
mo de Fon-
toura

recordações me não trouxe à mente! Tingiu logo a noite os horizontes; eu fui deitar-me e, encarando a luz, que entrava pela barraca, me parecia ver-te rezando no teu rosário. — Adeus — etc.

Campo na tapera do Rufino, 30 de janeiro de 1844.

Ontem pela tarde fez junção parte da fôrça de Netto e Bento Gonçalves que esperavamos, acampando a um quarto de légua de nosso campo; essa vanguarda é mandada por Bento; quanto a Netto ainda não chegou; e si tivéssemos estado em mais vigilância, esta madrugada talvez se houvesse batido a divisão de Bento Manuel que havia acampado légua e meia distante de nós, e esta manhã a vimos em retirada.

Quanto é verdade que só Deus vela no destino dos pobres farrapos! E quantas ocasiões nos tem escapado o momento de concluirmos com uma tão desastrosa guerra!

E' hoje, minha Clarinda, o dia de mais calor que tem feito este verão. Eu estou coberto de suor, a-pesar-de ter levantado todas as pontas de minha barraquinha. O Delfino e o Gabriel estão dormindo, porém lhes está correndo em abundância o suor. O sol é ardentíssimo e não sopra a mais leve aragem.

Vou acreditando que tu já estás por S. Felipe ou Inhatium, porque, encontrando hoje umas carretas com a família do Farias que vem de S. Gabriel, mandei logo saber notícias tuas e mandaram-me dizer que o amigo Pereira havia mandadoas carretas para a tua condução.

Não sei que marcha ora teremos, e logo que saiba, farei seguir o próprio de que tenho falado. — Adeus — etc.

Campo na tapera do Rufino, 31 de janeiro de 1844.

Finalmente fez hoje junção o Netto, mas tarde e a más horas, porque Bento Manuel retirou-se, procurando também sua junção.

Por agora nada se tem deliberado e só se trata de dar uma

Junção com Bento Gonçalves e Netto; retirada de Bento Manuel; calor intenso; creê que a espôsa já se tenha mudado.

Junção de Netto; projeto de reorganização do exército; Jardim e os ministros; malvados; imprevidência; bom coração de Fontoura; coletor ladrão; prenúncios de chuva.

nova organização ao exército, afastando d'ele certas molas velhas e ferrugentas que hoje em dia só tem servido para debilitar o mesmo exército, tirando-lhe até a sua mais vantajosa qualidade — a mobilidade. Se uma tal mudança não fôr manca, atributo até hoje inerente a todas as nossas organizações, ela trará ao país profícuos bens; porém, se apadriharemos vícios, se respeitarem abusos, só por ser uma velha prática: então iremos de mal a peor e quem saberá então prever o embate da roda, dessa roda fatal!

Por mim continuarei sempre firme, chamando-me fora dessas contingências tão graves e que a leviandade de muitos faz chamar — obra de momento; e verdadeiramente, para muitos tem sido obra de momento, porque os seus fins eram outros, e elles mais ou menos os viram preenchidos, à custa de tantos illustre e ingênuo sacrifício... Malvados!

Aquí está também o velho presidente Jardim e seus ministros. Falei com aquele Viana (*), que foi nosso vizinho em Alegrete; êle me deu notícia do Antônio dos Rezes (Reis). Pobre homem! Está precisando de um tutor; pois, segundo o que diz o Viana, tudo quanto ganha gasta com uma mulata com quem reside ao pé de Piratiní. Que ingrato. Não se lembra talvez de sua pobre família, que, destituída de todos os recursos, está reduzida a viver, quem sabe como.. de pranto! Ah! revolução, quantas vítimas!

E ainda assim monstros há que alongam de nossa terra a aurora da paz! Mas nem sempre triunfará o egoísmo.

Suspendi por alguns momentos a continuação desta carta, para ir fazer um requerimento a um pobre homem, a quem um coletor ladrão havia embargado certa quantia. Depois que esteve o papel pronto, o homem quis pagar-me; eu lhe disse que não era êsse meu offício e que nada lhe custava. Agradeceu-me muito e estranhando seguramente proceder semelhante em um advogado, e vendo-me estar enrolando um cigarro de muito má palha, pergunta-me todo acanhado e comovido se eu não precisava de algumas palhas para o cigarro.

(*) Será o ministro da fazenda José Francisco Vaz Viana?

Eu lhe tornei logo: — “O’ amigo, pois não, preciso.” — E êle deu-me vinte e duas, e de muito boa qualidade. Ah! jamais letrado algum recebeu paga que prezasse tanto e viesse tão a tempo, como eu com essa minhas 22 palhas. Satisfeitíssimo, oh! satisfeitíssimo, e tanto mais que, de tantos requerimentos que tenho feito, é êste o primeiro que não foi gratis: amanhã teria talvez de cigarrear no papel e isto me é incômodo, se não fôsse tal espórtula.

E com que gôsto te conto estes miúdos acontecimentos! Se me figura sempre que, ao escrever-te, estou verbalmente narrando-os a ti. Se alguém tão tolo houvesse que censurasse estas minhas cartas, lhe responderia sem despeito: — Eu escrevo só para minha Clarinda.

Está trovejando muito, vamos a ter chuva e vou estaquear de novo a minha barraquinha. — Adeus — etc.

Campo na coxilha em frente à tapera do Rufino, 1.º de fevereiro de 1844.

Ontem depois que te escreví, seguiu o general Netto com quatrocentos homens para o município de Alegrete, e por isso nossa marcha deverá ser para ali, principalmente tendo voltado o inimigo sôbre nossa frente como voltou, depois (supoem-se) de haver feito junção.

Esquecia-me dizer-te que também aquí chegou na arribação o mulato José Mariano, e êste malvado não cessa de zombar da boa fé de nossos camponeses, impingindo-lhes um carolismo excessivo com respeito a maçonaria que tanto êle tem aviltado.

Devemos marchar hoje cedo, em razão de haver daqui onde acampou o inimigo, apenas uma légua. — Adeus — etc.

Campo nas pontas de Santa Maria, junto ao Alonso, 2 de fevereiro de 1844.

Hoje segue o Delfino adiantado, até a Música, para ali estar uns dias com a comadre Mariana e suas filhas, até chegarmos; e eu não posso outro tanto fazer! Vou escrever à

Netto destacado para Alegrete; José Mariano no exército; maçonaria; proximidade do inimigo.

Marcha de noite; noticia de ter Rivera derrotado a Oribe; esperanças.

comadre, pedindo-lhe alguma notícia tuas, e sabendo quando ela vai aproveitar tão boa portadora.

Caminhámos esta noite muito, estou cansado, e até me tem doído a cabeça, cousa que há muito não sofria.

Chegou-nos hoje a notícia que Fruto Rivera (*) derrotou completamente ao Oribe (**). Se assim é, irão melhor nossos negócios pela fronteira. — Adeus — etc.

Campo no Ponche Verde, em frente a casa do Gusmão, 3 de fevereiro de 1844.

Parece que hoje tudo se conspirou para amofinar-me. Desde que apareceu o primeiro alvor do dia que me oprime uma horrível dor de cabeça, e para aumentá-la não pude tomar o meu mate de costume, porque hoje dormiram mais do que deviam o Jacinto e o Juca e mesmo não havia lenha, e o que supre a falta estava inservível pela chuva que há três dias não tem cessado.

falta de lenha; chove três dias seguidos; ingratidão; resignação contra os dissabores da vida.

Faz uma hora que acampámos e outro tanto tempo que me fugiu o piá Juca, pois, apenas armou a barraca safou-se; e indagada a causa, soube que esta noite perdeu a mala com a roupa dêle e a minha cuia de mate. Não era em vão que eu tinha certa aversão a esta qualidade de gente. Se soubesses como êle andava vestido e bem tratado e quão mal me pagou! Porém nenhuma falta me faz, porque não só é meu costume ter uma certa prevenção para suportar os revezes, como que estou já afeito a lutar braço a braço com as iniquidades da sorte. Supre muito bem o Jacinto a falta dêle e eu breve hei de ter outro a quem, já mais amestrado, tratarei como piá.

Enfim Deus me é testemunha que nada me dá abalo nesta triste vida, senão as recordações dos dissabores que terás passado; que quanto aqueles que sofro diretamente, apenas dão rebate, apenas servem de um tema amargo às consoladoras reflexões da resignação.

Estou mui pouco melhor da minha cabeça e não escrevo mais para não piorar. — Adeus — etc.

(*) José Frutuoso Rivera.

(**) D. Manuel Oribe.

**Campo nas Corticeiras em frente ao Garcez, 4 de fevereiro
de 1884.**

Continúa o
mau tempo;
lastima os
sofrimentos
da espôsa;
destaca-
do sobre Pi-
ratini o co-
ronel A ma-
ral.

Estou bom, perfeitamente bom das dores de cabeça de ontem. A chuva não têm cessado, mas como é uma espécie de neblina com intervalos de sol, vai a roupa enxugando-se e os arreios.

Nenhuma falta me tem feito o piá, e afeito já a contentar-me com qualquer sucesso, vou com isso cruzando alguns lances do destino e impondo à sorte a coragem de um estoico. E quem assim não pensar, rodeado das obrigações que me carregam, quão desgraçada e afanosa se lhe tornará a carreira da vida!

Ah! só para os males que sofres e que tão diretamente me tocam, é que não encontro lenitivo, e se não fôsse a grata consolação de escrever-te, e escrever-te sempre, eu creio que seria verdadeiramente dsgraçado.

Antes de ontem, destacou o general o coronel Amaral ⁽¹⁸⁾ sobre o município de Piratiní, e nós, penso, tocaremos bem perto de Alegrete. — Adeus — etc.

Campo na divisa de Bento Corrêa, 5 de fevereiro de 1844.

Fontoura
com ordem
de seguir até
Santana do
Livramento.

Só para não quebrar uma vez o querido voto de escrever-te todos os dias é que hoje o faço, porque, tendo-me o general ordenado que seguisse a Santana, não me restava já um momento para ocupar-me de tão deliciosa tarefa; mas, enquanto me ensilham os cavalos, também assim aproveito o tempo.

Amanhã me devo reunir à fôrça e a ela já deverão ter chegado os compadres Delfino e Carvalho, por quem ancioso espero para ter alguma notícia tua.

Nossa marcha é sem dúvida para o Alegrete, e talvez tu já não estejas aí. Dá mil beijos no nosso Bentinho, um abraço a todas as filhinhas, e notícias da minha Lindoca, se está muito crescida. — Adeus — etc.

(18) Antônio Manuel do Amaral.

Santana do Livramento, 6 de fevereiro de 1844.

Tenho hoje de demorar-me nesta capela em serviço até a noite e, a-pesar do Placido e a mulher instarem muito para ficar em casa, eu vim acampar-me com a minha escolta junto do arroio, pois não me agrada o atual procedimento desta família. Eu não o vejo sem mágoa, pois que êles são reconhecidos e vez nenhuma passo aquí sem que comigo dispendam algum obséquio; mas nem por isso pode o meu genio tolerar uma mudança tão estranha, estranha digo, porque quando a mulher e a filha moravam em nossa casa, sempre procederam conforme os ditames da honra... Mas hoje, êsse Placido mesmo não é mais do que um Giquiti (*) e o primordial motor de todos êsse desarranjos, segundo me dizem.

Informou-me um amigo que, nos subúrbios desta capela, existem muitos terrenos devolutos e mui próprios para chácaras; eu já o incumbi de tirar-me umas confrontações, e conforme a marcha de nossos negócios políticos, se não derem esperança de uma pronta conclusão, vou mandar fazer uma casinha e mando-te conduzir para aquí; pois é ponto onde forçosamente temos de transitar.

O inimigo, receioso de nossa força, ou procurando efetuar mais alguma junção, vai marchando no nosso flanco direito, pelas margens do rio Santa Maria, onde têm lutado com incríveis obstáculos, devido às extraordinárias chuvas, tendo passado os consideráveis banhados Ponche Verde e Upacarái quasi em suas barras, urgência que bastante os havia mo-

Más noticias de uma familia residente em Santana; projetos de nova residência; o exército seguido pelos imperiais; Carvalhinho com ordem de molestar o inimigo pela retaguarda; enchescentes.

(*) Giquiti = não será giquitai? — Por mais que procurássemos, nada encontramos capaz de nos dar uma idéia exata da palavra empregada por Fontoura. A que mais se assemelha é a palavra giquitai, voc. guarani-tupí, que, segundo Teschauer, S. J., significa o que é picante. E, diz êle, por corruptela formou-se giquitai, nome que se dá a um tempêro com pimenta moída e outros ingredientes, que se põe na comida. Um Giquiti, o homem “não é mais do que um Giquiti”. Si quisermos dar uma origem tupí-guaranítica a essa palavra, e que cremos ser a verdadeira, teremos: Jequi, corruptela de i-ike-i = covo, cesto comprido de vimes, para pescar, que os indígenas usavam muito, + ti = água, rio, e também branco. Logo Giquiti, ou Jequiti, quer dizer cesto branco, ou, mais certo, cesto para pescar no rio. Donde se pode concluir que o homem era um pescador de... níqueis (?).

lestar, pois que nós, que vamos fazendo nossa marcha pela coxilha, e por isso despontando todos êsses banhados, temos assim mesmo dado algumas voltas por causa da extraordinária enchente.

O Carvalho recebeu ordem de molestar o inimigo pela retaguarda e por conseguinte não se juntará conosco estes poucos dias. O Delfino ou foi com êle ou ficou na Música, e eu no entanto, destituído de notícias tuas, que por êles esperava.

O Grabriel, desde que aquí cheguei hoje, anda passeando e com a desculpa de procurar palhas. E' provável que não apareça, senão pela noite. — Adeus — etc.

**Campo na estância do Alexandre Ribeiro, 7 de fevereiro
de 1844.**

Imprudente
vagem de
um amigo
até Pôrto
Alegre; uvas
e pêssegos;
falta de ou-
tras frutas.

Foi o meu amigo Isidoro para a Cachoeira e com tensões de ir até Pôrto Alegre; êle vai acompanhando a mãe do falecido Paulino ⁽¹⁹⁾, e eu não posso aprovar esta sua deliberação, ou pelo menos receio muito que êle sofra alguma violência, prática a que estão afeitos e autorizados os delegados e delegadinhos do govêrno imperial. Êle conservava-se pela campanha muito bem e podia mesmo tratar da vida, sem que nada o importunasse; mas o seu gênio ardente, a volubilidade de suas idéias, compondo e descompondo planos, o impeliram talvez a essa imprudência, que em bem cuidados me tem posto, pois que verdadeiramente o estimo.

Vi hoje uns quatro cachos de uvas, ainda não bem maduras e mofinas; não as quis provar, sustentando-me mais com a doce esperança de ir inda a tempo de prová-las êste ano nesse lugar; e o mesmo ontem succedeu com os pêssegos. Quanto às demais frutas, estou delas deslembado, pois, não vendo-as, apenas sei que é o tempo de sua abundância. — Adeus — etc.

(19) Antônio Paulo da Fontoura, conhecido por Antônio Paulino.

Campo no Sarandí, na estância do Delfino, 8 de fevereiro de 1844.

Hoje foi despachado o coronel Daniel (*) para o Estado Oriental, com negociações àquele governo, comissão para que o ministro me havia antes convocado e a que me neguei, resistindo a suas solicitações com aquela mesma firmeza com que, no fim do ano 42, pude tolerar as violências da mashorca de Alegrete (**).

Missão de coronel Daniel ao Est. Oriental; Fontoura negou-se à mesma; vítimas queridas; a procura de um próprio.

Do que é o mundo, do que são os governos e do que são os homens, altíssimas lições eu tenho, e não mais me deixarei surpreender por seus envernizados ademanos. Porque não me deixarão viver para a minha Clarinda, para os meus inocentes filhinhos, prendas que a oito anos hei sacrificado no altar da pátria, com o mais fanático amor? Não, vítimas queridas; não insultará jamais nossa desgraça o maligno riso da hipocrisia!

O Gabriel foi à casa de João Ferreira levar uns cavalos e amanhã deve voltar.

Estou na diligência de descobrir um homem para te mandar de próprio, e tanto que o achar, o farei seguir, pois, apesar-de ainda não saber ao certo qual é a tua residência, não posso sofrer por mais tempo esta incerteza, e muito mais sem saber do estado de tua saúde. — Adeus — etc.

Campo no capão do Guabijú, 9 de fevereiro de 1844.

A alma vil e fraca do mulato José Mariano e o mofino Bento se encomodaram muito pela missão que ontem foi confiada ao coronel Daniel, não ser a êle Mattos. Se eu a houvesse aceitado, como não estaria hoje no estaleiro dêstes dois demônios! Nas noturnas marchas e nos fogões mais abjetos é onde vão verter toda a sua danada bília; conhecidos já e já desprezados de todo o homem decente, não deixam contudo de ir pregar à canalha.

José Mattos desgostoso; sua proposta na Constituinte para a libertação dos escravos; Fontoura ainda bate; diretrizes da revolução; Fontoura à comsonha que só a federação pode salvar o Brasil; espera receber notícias da família.

(*) Daniel Gomes de Freitas.

(**) Veja-se a nota à carta de 23 de janeiro de 1844.

Cada vez mais me convenço que, quando êste mulato votou em plena assembléia pela liberdade geral dos escravos, foi com o fim sinistro de tudo confundir para, no início da geral consternação roubar-nos mais amplamente e evadir-se para o país vizinho. Êste pensamento meu não é um exaltamento de ódio contra êsse monstro; é a idéia bem combinada do resultado que teve o debate que na assembléia sustentei contra tão impolítica e monstruosa indicação, e que para fazer-me calar se levantaram todos os deputados da **mashorca**, sem dúvida iniciados no diabólico mistério de darem uma morte inglória à jovem república, que por suas maldades havia tocado às bordas do abismo. **Harpías** infernais, que, com tão nefando egoísmo, souberam conservar-se no mando supremo do estado, para aviltar-nos e minguar tanto ilustre feito, entregando vil e estolidamente ao inimigo quasi tudo quanto o valor e a constância haviam ganho!

Se a sã razão, se o verdadeiro liberalismo houvessem dirigido a revolução de setembro, estaríamos por ventura hoje lutando com o desgoverno dêsse fracionado e decadente império? Veriam ainda nossos estancieiros os fornecedores do exército imperial, êsses ladrões safados, arrebatarem-lhes 400 e 500 rezes, passando documento unicamente de 40 ou 50? Certo que não, e verdade é incontestável que todo o Brasil gozaria na atualidade de uma paz mais serena, escorada na nossa forma de governo, a que seria compelida essa facção lusitana que, para vergonha dos brasileiros, domina o império — a federação, única tábua de salvação que resta ao trôno brasileiro.

Basta; eu nunca trato dêstes negócios, sem que me bata irado o peito e o desejo da vingança venha turbar as horas, as doces horas que consagro a escrever-te! Mas o quadro lastimoso dos teus sofrimentos e dos filhinhos me arrancam involuntárias estas reflexões.

Amanhã estarei com o capitão Reginaldo e hei de ter o contentamento de saber certas notícias tuas, pois nunca, nunca estive tanto tempo sem receber uma carta. — Adeus — etc.

Campo nas pontas do Pai-Passo, 10 de fevereiro de 1844.

Para minha maior mofina o capitão Reginaldo de quem esperava hoje notícias certas tuas, está ausente para o Rosário, onde dizem foi ajudar a passar uma tropa sua. Não obstante, inda tenho hoje esperanças, porque pedi ao capitão João Fernandes para saber da família de Reginaldo notícias tuas, e trazer-me alguma carta se ali houvesse. Hoje deve voltar e, contando os momentos, o espero. Que terrível silêncio! — Adeus — etc.

Fontoura
triste por
não ter ain-
da recebido
notícias da
família.

Campo nas pontas do Quaraím-mirim, 11 de fevereiro de 1844.

Chegou o capitão João Fernandes da casa do Reginaldo, e disse-me que a mulher do Reginaldo lhe dissera que as minhas cartas para ti foram entregues; perguntei-lhe pela resposta, disse-me que tu não tinhas respondido e que a única carta que veio do Alegrete foi da mulher do Macedo para o marido; mas que com certeza sabia que tinhas seguido para S. Gabriel.

Fontoura
não recebeu
notícias da
família; Net-
to segue pa-
ra Alegrete
para tomar
as cavalha-
das do inimi-
go.

Eis-me aquí outra vez no estado de incerteza e sem ao menos saber si recebeste o dinheiro que com aquelas cartas que mandei, e logo havia de acontecer tu desta vez não me escreveres ao menos duas regras! Que descuido!

Porém amanhã pelo Serrasin que se adiantou com uma força ao mando do general Netto ao Alegrete, para tirar ao inimigo as cavalhadas, hei de saber mais alguma notícia tua. — Adeus — etc.

Campo nas pontas de Garupá, 12 de fevereiro de 1844.

De que serviram as notícias que com tanta ansiedade eu esperava pelo Serrasin? Só de amofinar-me, e amofinar-me bastante! — A Angelica lhe disse que estavas boa e que inda estavas no Alegrete. Que é isto? Que tantas notícias descontraídas e que silêncio tens tu guardado, podendo, quando não me respondesses as cartas que mandei pelo Reginaldo,

Ainda sem
notícias da
família; des-
canso de
Fontoura.

teres ao menos alguma carta na Angelica, que agora a tinha eu recebido... Ah! que labirinto de desconsoladoras idéias tem hoje carregado a minha imaginação.

Pois será possível que o amigo a quem encarreguei a tua condução e mudança dêsse lugar, não tenha até hoje mandado as carretas! E quando assim aconteça, não me restará ali já um amigo a quem tu pedisses para mandar um próprio ao Pereira? E ainda o que é mais, não haverá uma fôlha de papel em que tu me mandes escrever uma carta? Isto é muito! Viver assim, melhor é não viver. Serei eu condenado eternamente a fazer esforços por todos e ninguém por mim? — Adeus — etc.

Campo nas pontas de Garupá, 13 de fevereiro de 1844.

Ontem, depois que te escreví, chegou o Eufrazio, filho de José Joaquim, a quem eu havia encarregado de saber notícias tuas, e este falando com o pai, disse-me que elle me mandava dizer que tu estavas boa, que estiveste muito mal em consequência de darem-te, em ocasião que estavas doente, uma notícia falsa a meu respeito. Ah! e tu inda acreditas o embuste de almas vis e fracas, que se nutrem de alheios males, mentindo para levarem a efeito aquilo que por lícitos meios não podem conseguir. Não tenho eu dito tantas vezes que nada acredites do que disserem cobardes inimigos a meu respeito? Não sabes tu já por uma longa experiência que a arma favorita da legalidade tem sido a mentira, reunida à mais bárbara e indecente perseguição às famílias daqueles que todos os dias, no campo do combate, com o só desembainhar da espada, lhes fazem dar a espalda?

Ah! não sejas crédula, sim. Vê que com isso arruínas a tua saúde e dás dias de angústia ao teu angustiado espôso! Não temas nada por mim; o céu é justo e a causa que ajudo a defender é filha do céu. Demais, nossas circunstâncias vão a melhor todos os dias, e antes o partido imperial é que está a tocar a sua derradeira hora no Continente. Acredita-me, de uma só batalha depende a conclusão da guerra; ela está prestes e com todas as probabilidades do triunfo a nosso lado.

Noticias da
espôsa; falsas
noticias;
fanfarrona-
das da lega-
lidade; Fon-
toura em ilu-
sões sobre a
derrota dos
imperiais em
uma única
batalha; a
espôsa será
seu único
prêmio; Car-
valhinho o
trouxe-lhe o
piá que fu-
gira; impru-
dências de
seu cunhado
Delfino.

Ah! conserva pois a tua existência, para seres o único prêmio que ambiciono pelos serviços e sacrificios que tenho feito a uma pátria ingrata.

Basta, minha querida; eu não falarei mais, de hoje em diante, na tua moléstia, na falta de tuas letras e na incerteza de teu restabelecimento. Basta, estas tristes recordações me fazem submergir na mais cruel desesperação e me arruinam a saúde, bem como desde ontem soffro a mais terrível dor de cabeça.

Hoje bem cedo escreví ao Guedes (*) que está na frente do Alegrete e dentro foi outra para ti, recomendando-lhe que a todo o custo e pagando qualquer quantia te remetesse e pedisse o portador resposta, e a consoladora esperança da resposta me adoçará mais as horríveis horas de incerteza.

Ontem chegou o compadre Carvalho, trouxe-me o piá Juca; não lhe dei, porém hei de tratá-lo como piá. O Delfino ficou na Música e queira Deus que esta sua mania de não estar na fôrça não lhe dê inda que arrepender-se. — Adeus — etc.

Campo em Garupá, 14 de fevereiro de 1844.

Temo-nos conservado neste campo, à espera que o inimigo avance para batê-lo e talvez que a esta hora êle, em Alegrete, onde o retém o medo, esteja alardeando que já não existe um farrapo, na forma de seu costume. Contudo, bom é em certos casos a prudência, pois poupa-se assim o sangue da infeliz humanidade.

Não cesso de admirar a beleza das longas planícies destas circunvisinhanças. Jamais hei visto uma tão prodigiosa extensão de campo todo plano; e me afirmam que todo êste distrito até o Uruguai é a mesma cousa.

Isto já são campos pertencentes ao Bento Manuel; estão apinhados de gado, como nenhum outro no país; ao mesmo passo que centenaes de fazendas de probos legalistas e de republicanos estão despovoados, por causa dêsse mesmo Ben-

A' espera
do inimigo;
beleza de
vista; os
campos de
Bento Ma-
nuel apinha-
dos de gado;
contraste
com outros;
convicção
religiosa; es-
perança num
futuro riso-
nho.

(*) Jacinto Guedes da Luz.

to Manuel!!! Assim é a justiça do governo brasileiro, e assim é a justiça dos governos da terra. Homens, raça de infelizes! para que haveis saído do primitivo estado da natureza? Para aviltar-vos sòmente, sociedade antropófaga, que, com o falso verniz da ilustração, dominou, corrompeu e baniu a singela, a candida inocência que presidia aos festins de nossos maiores, lá, nessas virgens matas, onde hoje nem já geme a rola, assustada do estrondo do canhão do déspota, que, para segurar-se no trono vacilante, ousou talar tão sagrada nação!

Mísera humanidade! E qual a forma de govêrno que deixa de lançar-vos opressoras cadeias, com mais ou menos rigor? Nenhuma.

Ah! se a religião santa não me fizesse emudecer, quantas vezes, minha Clarinda, eu seria um blasfemo! Mas o respeito, o acatamento para com a Divindade, deve sempre luzir no rosto do infeliz, como a prova mais real de sua coragem e resignação nos trabalhos da vida. Adoremos, pois, os decretos da Providência e juntemos unicamente aos três versos do douto Sá de Miranda mais êste:

= Os homens não querem ver =
“homem de um só parecer,
“de um só rosto, uma só fé,
“de antes quebrar que torcer”.

Ah! minha Clarinda, quão amarga nos tem sido a lição na carreira da vida. Porém, se o Céu nos conceder ainda serenos dias, com que gôsto contaremos aos nossos filhinhos a causa de sua nudez e das suas privações; e, mais acautelados que nós, não serão tantas vezes a vítima do egoísmo. — Adeus — etc.

Bernardo
Pires, minis-
tro, de volta
à pátria;
Ulhoa Cintra
anistiado; a
espera de le-
vantar o a-
campamento.

Campo em Garupá, 15 de fevereiro de 1844.

Chegou ontem o major Bernardo ⁽²⁰⁾, que no tempo do meu ministério foi empregado para Montevidéu. Teve que

(20) Bernardo Pires.

vir por Buenos Aires, arrostar com mil perigos, mudando até o nome, para se reunir finalmente a seus companheiros.

Que contraste, minha Clarinda; êste honrado homem que escolhi, que preferi ao desmiolado e infame Pinheiro Cintra, (*) a-pesar-de sofrer por isso a mais cruenta guerra do malvado Bento Gonçalves e dêle, vem de tão longe, e cruzando tão estirados perigos, procurar-nos; no entanto que o sem vergonha que queriam ali pôr com o caráter de ministro, e que como digo, regeitei, foge de entre nós e vil e cobardemente se apresenta ao inimigo para gozar de uma anistia dêsse governo e dêses homens a quem êle outrora insultava e oprimia, além do justo e decente! A satisfação que tenho por tal acontecimento é aquela que no coração reto vem de tempos a tempos adoçar o fel da injustiça, com que homens indignos maculavam as mais sãs e ingênuas ações; e é aquela que os meus mesquinhos e malvados inimigos não puderam jamais gozar em todo o curso de sua miserável vida.

Hoje devemos levantar o campo, para o quê só esperamos parte da frente. — Adeus — etc.

Campo em Garupá, 16 de fevereiro de 1844.

Tenho tido hoje muitas dores de cabeça. O dia está quentíssimo e apenas de quando em quando sopra um vento norte, inda mais quente que o mesmo sol.

Inda nada da resposta da carta que mandei ao Guedes para te mandar! — Adeus — etc.

Dia quente; um vento mais quente que o sol; dores de cabeça.

Campo em Garupá, 17 de fevereiro de 1844.

Ontem logo que anoiteceu, fiquei bom da minha dor de cabeça. Ainda me não respondeu o Guedes, se mandou ou não a carta que escrevi para te remeter e de que tão ansioso espero a resposta. — Adeus — etc.

Cessa a dor de cabeça; ainda a espera da resposta de Guedes.

(*) José Pinheiro de Ulhôa Cintra.

Campo nas pontas do Quaraím-Mirim, 18 de fevereiro de 1884.

Munições
recebidas do
Est. Oriental;
preparativos
para um combate
decisivo;
Portinho
(Juca) feliz
em seus re-
contros; a
falta de no-
tícias da es-
pôsa; João
Antônio ope-
rando em ou-
tros departa-
mentos; no-
tícias de pa-
rentes e a-
migos; falta
de cartas.

Ontem chegou o coronel Daniel do Estado Oriental, trazendo-nos munições de guerra etc. etc. Continuamos nos preparativos de uma ação decisiva, cujo dia tanto desejamos, para assim ver terminada uma tão longa luta.

De teu irmão Juca temos tido muitas notícias, porem nem todas verídicas; e como êle está com saúde e tem sido feliz em os diversos choques que tem tido a divisão em que êle anda, é quanto estimamos. Todavia penso que breve se reunirá comigo.

Parece um encantamento a demora que tem havido em receber notícias certas tuas, e por mais que eu faça por esquecer e riscar da idéia tão desconsolador pensamento, não é possível.

Com a circunstância de andar a divisão de João Antônio operando em outros departamentos, ficamos destituídos de notícias de dentro e por essa razão nem do amigo Pereira tenho recebido cartas, pois, se êle me houvesse escrito, eu saberia mais certas notícias tuas e estaria menos desassocegado.

Tenho feito esforços também por um próprio de confiança para te mandar diretamente, levando-te dinheiro e as cartas que tenho para ti, mas não tenho encontrado.

O Gabriel está bom, não pára no campo, é mui passeador, e não há estância nenhuma onde não chegue, a pretexto de ir comprar alguma cousa. O Serrasin vai mandar a família para Santana do Livramento, aonde vai pôr negócio, e alugar casa.

Nenhuma carta tenho tido de Santa Maria, nada sei da Benta e menos de meu irmão Juca (*), que tanto tempo faz está a chegar do Rio de Janeiro. Parece que todos juraram não me escrever mais. — Adeus — etc.

(*) José Antônio da Fontoura, casado com Listarda, irmã da espôsa de Antônio Vicente e de Portinho (José Gomes Portinho).

Campo na divisa do Mingote, 19 de fevereiro de 1844.

Pensas tu, minha Clarinda, que aquele meu fanático amor da pátria; aquele desejo tão meu de sacrificar tudo por ela; ou que algum vislumbre de esperanças de ver nela imperar a justiça, é que ainda me conserva na afanosa carreira das armas? Ah! não, não é.

Desilusões
da vida guerreira e dos
homens.

Isso que outrora em meu peito flamejava, que me compelia com veemência a fazer sacrificar o bem estar das minhas mais caras prendas, já a maldade e ingratidão dos homens baniu do meu coração; e a lisongeira esperança de ver meus inocentes filhos gozar em seu país das vantagens de um governo reto, se há pouco a pouco dissipado, a proporção que minha natural ingenuidade, todos os dias iludida, do inocente letargo acorda e reconhece que, quando desistem os homens de um crime, é somente para com mais avidez a outro se arrojam.

Tal é, minha Clarinda, a idéia que dêles faço, e tal é a que devemos fazer dêste mundo vil.

Oh! bemaventurado o mortal que, entregue só a seus domésticos deveres, jamais encontrou a carreira pública e, incontaminado da comum sordidez, tem nos afagos da espôsa e nos meigos sorrisos dos filhos, o prêmio do trabalhado dia.

Em breve, em breve eu gozarei dêste prazer divino; eu enxugarei as tuas lágrimas para sempre, e a cruel ausência não nos dará nem mais um minuto de angústia. — Adeus — etc.

Campo no Sarandí, 20 de fevereiro de 1844.

Pouco tempo há que acampámos, e como estava com dores de cabeça, quando parámos não te pude escrever, e agora que me preparava para isso, manda-me o general avisar para sair em uma diligência. — Adeus — etc.

Fontoura
sai em diligência.

Campo no passo do Ricardinho em Quaraí, 21 de fevereiro de 1844.

Imigrados
orientais no
Quaraí; maus
costumes ad-
quiridos por
nossas patri-
cias; pregui-
ça nos ho-
mens; arran-
chamento de
imigrados
farrapos.

Hoje por aquí hei de demorar-me em serviço. Estive com o José Manuel (*), vi os ranchos sem conta dessa porção de imigrantes que pela guerra oriental, têm vindo povoar as incultas margens do Quaraím; lastimei os costumes dessas patricias nossas que por aí estão, costumes já em tudo semelhantes aos orientais; elas vadiam todo o dia, muito mal cuidando apenas de um filho pequeno, se o tem. Meu gênio franco induziu-me a perguntar a alguns imigrados se, por ser hoje quarta-feira de cinzas, é que as senhoras estavam assim ociosas. Responderam-me que não; que, como nada havia que fazer, era costume passarem assim os dias!!

Eu não pude deixar de tornar-lhes: — Oh! senhores, como não há que fazer! VMces. estão morando em ranchos tão péssimos e há tão boas madeiras! Fazem suas carnações junto dêsses mesmos ranchos, e aí ficam as imundícies! Vejo tantíssimas crianças tão sujinhas e rotas, e não tem as senhoras que fazer! Ora, é boa! Digam VMces. antes que já são orientais, que êsses não são os costumes com que seus pais os criaram.

Êles não gostaram, franziram o nariz, e eu também voltei-lhes as costas.

Pois é assim mesmo, minha Clarinda; estes mandriões estão só chorando misérias, comendo muito mal e sem farinha; mas um cercadinho só êles não têm, onde plantem uma espiga de milho ou colham uma abóbora, que mui bem supre a falta da farinha. Não é assim o arranchamento dos imigrados farrapos, que dista daqui duas léguas e é onde está o João Ferreira (**), e a quem estes imigrados mandriões chamam de canários, porque, em tão pouco tempo que ali estão, têm feito grandes plantações de árvores frutíferas, de grãos e legumes.

(*) José Manuel de Leão, coronel.

(**) Será João Ferreira da Silva, capitão, sogro do coronel José Manuel de Leão?

Hoje escreví ao Machado da nossa invernada, para que venha falar-me. Daquí à invernada há cinco léguas e hoje ou amanhã êle deve vir. — Adeus — etc.

Campo nas pontas do Sarandí, 22 de fevereiro de 1844.

Ontem à noite recolhi-me a êste acampamento e encontrei o Maximiano de Santa Maria, por quem hoje te escrevo uma carta e como êle tem de voltar pelo Uruguai e eu não sei ainda se estás ou não em Alegrete, por isso não te mando estas outras cartas e o dinheiro que tenho a mandar-te, o que farei, logo que tenha certeza do lugar onde estás.

Êle me disse que, em dezembro, falou contigo em Alegrete, que estavas na cama doente, mas que lhe disseste já estares muito melhor. Ah! e eu sem receber uma carta tua até hoje, e nem por êle me escreveste. — Adeus — etc.

Fontoura volta ao acampamento; manda uma carta a espôsa de quem recebeu notícias já antigas.

Campo nas pontas do Sarandí, 23 de fevereiro de 1844.

Hoje pouco te hei de escrever, porque estou muito ocupado com escritas.

O compadre Machado, que há dois dias mandei chamar, inda não apareceu e êste homem parece que já não marcha em regra. Sempre hei de topar-me com ingratos. Adeus — etc.

Fontoura muito ocupado; notícias que espera da fazenda.

Campo no Sarandí, em frente a Gaspar Simões, 24 de fevereiro de 1844.

Ontem à noite chegou o compadre Machado e quasi a noite toda conversámos. Hoje se retirou incumbido de certos negócios de que precisava encarregá-lo, a bem de nossos interesses. Veremos. Se não cumprir os seus deveres, não será por falta de ouvir de mim esta noite bem duras verdades.

Eu perguntei-lhe muitas vezes notícias tuas e estive me contando miudamente o que sabia. Sei do desaforo do Pai-xão e estou agradecido ao Francão. Porém o que é êsse canalhinha para te fazer derramar lágrimas? Para quê fazes caso de gente tão ordinária. Por tão insignificantes bagatelas não te deves nunca amofinar.

Passa a noite em conversação a respeito de seus interesses; notícias minuciosas da família; visita; melancias.

O João Ferreira veiu hoje ao acampamento visitar-me, inda não falei com êle por ter estado com o general.

O Gabriel tinha ontem ido à casa dêle, de onde me trouxe duas melancias boas.

Inda o Guedes não me deu solução da carta que te mandou para vir resposta. — Adeus — etc.

Campo no capão do Mata-olho, no campo do Camilo, 25 de fevereiro de 1844.

Mil zanguinhas que sempre aparecem para encomodarnos têm hoje carregado sôbre mim e, com o espírito agitado, não serei hoje extenso em escrever-te, cumprindo apenas com o querido voto de não passar um só dia sem que te escreva. — Adeus — etc.

Aborreci-
mentos; es-
creve só para
não quebrar
o voto feito.

Campo nas pontas do Sarandí, na várzea de Santana, 26 de fevereiro de 1844.

Ontem, junto do lugar onde acampeei, fiz uma fonte em um manancial, da qual tirava uma água tão fria que em nada differia da frieza da geada. Quando te escreví, quiz fazer-te o elogio desta água e só me estorvou o aborrecimento em que estive ontem. Foi bom, porém, assim, porque essa água, que a tantos ontem saciou a sêde, não tem de bom mais que a frieza, porque esta madrugada, quando me levantei, pegando na chocolateira (*) que sempre fica com água ao pé de mim e tomando uma pouca na bôca, conheci inteiramente que quanto ontem era fresca e leve, tinha hoje de quente, pesada e deixando sentir bem no paladar um sabor de pantano. Ah! que até para dizermos bem ou mal da água, necessitamos de tempo para não errar.

Tivemos notícias do general João Antônio. Entrou segunda vez em Missões, levantou as cavalhadas daquele município, vestiu a gente com os direitos que cobrou aos negociantes de S. Borja e passou a Corrientes.

Água muito
fria, mas
ruim; João
Antônio em
Missões; pas-
sa a Corrien-
tes; Bento
Manuel man-
da perseguir-
lo; força de
João Antô-
nio; preten-
ções de der-
rotar Caxias;
Jacinto Gue-
des na van-
guarda; ca-
lor excessi-
vo.

(*) Canéco de fôlha em forma cônica, com tampa, que serve ao mesmo tempo de copo, chaleira e chicara. E' objeto muito usado na campanha rio-grandense, mormente por tropeiros e carreteiros. Dão-lhe geralmente o nome de **chiculatera**.

Bento Manuel fez passar uma fôrça de 700 homens em sua perseguição. Foram Demetrio (*) e Correia. O primeiro comandante da fronteira correntina logo participou esta ocorrência, acrescentando que 200 correntinos se iam já encorporar a João Antônio, e que uma divisão de mil correntinos marchava sôbre a retaguarda do inimigo, para saber qual a razão porque insultavam assim o território correntino.

João Antônio passou com 300 homens; Boaventura ⁽²¹⁾ se lhe reuniu com mais 100; e com estes 400, mesmo que não tivesse coadjuvação dos correntinos, êle está habilitado para bater com vantagem o inimigo, porque a gente toda é muito aguerrida e tem bons oficiais. Esperamos anciosos o resultado.

Esta divisão, porém, vai marchando na frente do barão de Caxias, ao ponto onde o general em chefe lhe tem preparado uma derrota total. Não sei se êle será de tão boa fé que nos vá seguindo, e já há dois dias que não levanta o campo, talvez pela falta de segrêdo dos farrapos, que não poucas vezes têm corrido com a sorte.

O Guedes tem estado fazendo a vanguarda e por isso nada sei da carta que te mandei, mas já futuriso que não vem resposta, pois, se êle a tivesse obtido, certamente me haveria mandado.

O calor é excessivo e nem por isso é muito boa para um dia dêstes a minha barraquinha, por ser muito baixinha. — Adeus — etc.

Campo no Sarandí, na várzea de Santana, 27 de fevereiro de 1844.

Não te disse eu na minha carta de ontem que desconfiava muito que o pouco segrêdo dos farrapos fizesse conhecer ao inimigo alguma cousa do plano que há para batê-lo? Pois assim creio que vai acontecer, porque chegou-nos parte que êle já contra-marchou, e ou é porque alguma cousa soube de

(*) Demetrio Ribeiro.

(21) Boaventura Soares.

Desvanecem-se as esperanças de vitória; Caxias em socorro de Bento Manuel; duelo com Bento Gonçalves.

positivo, ou alguma derrota sofreu o Demetrio em Corrientes, que é necessário o Caxias ir em socorro de Bento Manuel.

De que serve pela minha parte haver eu guardado tanto segredo que, em minhas anteriores cartas, nem leves indícios dei da combinação que há para bater o inimigo com vantagem, si a maior parte destes homens é seu natural caráter não terem segredo uma hora! Que fatalidade!

Hoje em desafio se bateu Onofre com Bento Gonçalves, saindo aquele levemente ferido em um braço, e este preso à ordem do general em chefe (*). Com mais vagar te contarei os precedentes deste successo. — Adeus — etc.

Campo nas pontas do Sarandí, na várzea de Santana, 28 de fevereiro de 1844.

Contra-
marcha de
Caxias para
Pai-passo;
amofinações
de Fontoura
por falta de
carta da es-
pôsa.

Creio que novamente temos de marchar sobre o Alegrete, porque é verdade que o inimigo prosegue contra-marchando, e ontem já estava por Pai-passo.

Só me amofina atualmente não descobrir um próprio seguro para te mandar, porque, por mais que pretenda distrair o não ter notícias certas tuas, já não posso e até quando estou escrevendo para ti, já não tenho aquela satisfação que tinha, porque é nesse momento que mais se aviva a idéia com a lembrança de que estejas muito doente, ou que outro qualquer incidente te prive o escrever-me. — Adeus — etc.

(*) David Canabarro.

Como Fontoura não relata nas suas cartas, conforme prometeu, os precedentes do duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires, julgamos conveniente dizer nesta nota as causas. Segundo anotamos na carta de 23 de janeiro, houve uma cisão entre os deputados na Assembléia constituinte, no Alegrete, em fins de 1842. Essa cisão agravou-se ainda mais com a morte de Antônio Paulino da Fontoura a que também já aludimos. Paulino, agredido, à noite, e ferido gravemente, veio a morrer dias depois. Esse atentado foi atribuído pelos dissidentes a Bento Gonçalves e como se não descobrisse outro móvel senão inimizade política, todos acreditaram nessa lenda e daí a odiosidade do partido de Fontoura, chefe dos dissidentes, ao presidente da república. O móvel do crime, porém, conforme ficou esclarecido mais tarde, foi bem outro. Paulino havia conquistado uma senhora casada e o marido, sabedor do fato, esperou, certa noite o amante da espôsa e o alvejou. O próprio Paulino não ficou sabendo quem o ferira.

Esse fato foi, também, a origem do triste acontecimento que levou à morte inglória o valente Onofre Pires.

Campo nas pontas do Sarandí, na várzea de Santana, 29 de fevereiro de 1844.

Hoje fiz requerimento ao govêrno, pedindo demissão do posto de major. Vai em dez anos que esta fatal eleição imperiosamente abriu com a revolução a estrada de nossos infortúnios. Não debalde, mesmo fascinado da mais que abjeta aura popular, eu quis negar-me a semelhante nomeação, e se não fôra essa idade enganadora da esperança, e o meu fanático amor da pátria, que de dissabores teria eu poupado a mim, a ti e aos filhinhos! Ah! ignoraria mesmo até hoje, e talvez até o túmulo, a maldade dos homens.

Fontoura
pede demis-
são do posto
de major;
justificativas
do pedido.

Dado êste primeiro passo, que a minha jovem e inexper-ta razão não calculou, eu me constituí na dura obrigação de acompanhar a marcha revolucionária, e como empregado público tive de lutar com uma multidão corrompida, com superiores malvados, sempre e sempre em opposição a seus tramas, às suas maldades, que inda eu tão mal conhecia e que não poucas vezes ilaquearam minha sinceridade e boa fé.

Quando uma longa prática dos públicos negócios pouco a pouco rasgou a venda, eessa venda que encobria a hipocrisia dos homens; à vista de tantos crimes eu recuei, eu esmoreci e mesmo desesperei de ver na terra um govêrno justo.

Desde logo devia deixar êsses galões que só parecem per-

Êste, no acampamento, falava abertamente de Bento Gonçalves, não lhe poupando sequer a honra. Bento Gonçalves, aborrecido com tanta calúnia e difamação, chama à ordem Onofre que lhe responde agressivamente, dando causa ao duelo à que alude Fontoura nessa sua carta à espôsa.

Para maior clareza damos, a seguir, a carta de Bento Gonçalves e a resposta de Onofre. Ei-las:

“Havendo chegado ao meu conhecimento que, em princípios do corrente mês, em presença de vários indivíduos do exército, quando vinha em marcha, v. s. avançara proposições ofensivas à minha honra, e ousara até chamar-me de ladrão: eu, sufocando impulsos do meu coração e aquele brío que em minha longa carreira militar guiara sempre minhas ações por amor de minha posição, e, mais que tudo, pela crise em que se acha êste país, que o rei é tão caro, sufocando, repito, aquele ardor com que em todos os tempos busquei o desagravo da minha honra, recorri aos meios legais, únicos exequíveis nas presentes circunstâncias; como, porém, sua posição de deputado o põe a coberto dêsse meio, e deva eu em tal caso lançar mão do que me resta como homem de honra, quisera que com a honra que dá êsse caráter a um homem na posição de v. s. houvesse de dizer-me com urgência, por escrito, se é verdade ou falso o que a respeito me informaram.

tencer ao crime, mas razões forçosas, razões que a honra não dispensa, me compeliram a mais uns meses de dissaboreados dias. Felizmente, porém, hoje estão a findar; breve estarei eu livre dos homens.

Dá-te os parabens, dá-os a todos os nossos filhinhos, pela firme resolução que hei adotado: eu viverei para ti e para êles.
— Adeus — etc.

Campo na várzea de Santana, 1.º de março de 1844.

Hoje, quando vínhamos em marcha, veio um estrangeiro ter comigo, vindo do Passo Fundo, na Cruz Alta, a quem o ministro, pouco versado em seus deveres, pretendia fazer-lhe pagar uns direitos de erva-mate que não existem; com a lei na mão, apontando-a ao ministro deslembado, o fiz entrar em seus deveres. Agradecido, o estrangeiro perguntou-me pelo meu nome; eu lho digo e êle com emoção apeia-se do cavalo, abraça-me, e exclama na sua meia língua: — Ah! não é de balde que na Cruz Alta, e mesmo dentro de Alegrete, dizem tanto bem de VMce!

Eu lhe respondi: — Sim! oh! sim! E de que me serve isso? Diga-me Vmce.; sabe alguma notícia de minha família, visto que passou por Alegrete?

Deixo de fazer a v. s. qualquer outra reflexão a respeito, porque v. s. as deve perfeitamente compreender. — Campo, 26 de fevereiro de 1844. — **Bento Gonçalves da Silva.**

“Ladrão da fortuna, ladrão da vida, ladrão da honra e ladrão da liberdade, é o brado ingente que contra vós levanta a nação rio-grandense, ao qual, já sabeis que junto a minha convicção, não pela geral execração de que sois credor, o que lamento, mas sim pelos documentos justificativos, que conservo. Não deveis pois, sr. general, ter em dúvida a conversa que a respeito tive, e da qual vos informou tão prontamente êsse correio tão vosso... Deixái de afligir-vos por haverdes esgotado os meios legais em desafronta dessa honra, como dizeis: minha posição não tolhe que façais a escolha do mais conveniente, para o que sempre me encontrareis. Fica assim contestada a vossa carta de ontem. — Campo, 27 de fevereiro de 1844. — **Onofre Pires da Silveira Canto.**”

Êsse memorável duelo teve lugar cêrca de meia légua distante do acampamento, nas margens de um capão, na várzea de Santana.

Logo após o duelo, apresentou-se Bento Gonçalves a David Canabarro entregando-se prêso. David deu-lhe, por isso, voz de prisão. Bento Gonçalves tira a espada e quer entregá-la ao comandante em chefe do exército, mas êste responde-lhe: — “Para sustentar a espada de Bento Gonçalves, só conheço um homem: Bento Gonçalves”.

Ele tornou: — Sim, sei. Seis dias fazem que saí dali, e tendo tratado o frete de umas carretas com o Anhaia, êste veio ter comigo e disse-me que já não podia ceder-me as suas carretas, porque ia levar a Sra. Clarinda e família para S. Gabriel.

Eu, com semblante então menos sombrio, lhe agradeçi muito esta notícia, por me parecer certa e não ter outra mais circunstanciada.

Porém que é isto? Será possível que até o meu amigo Pereira nos tenha abandonado! Que seja êle causa de estares ainda em Alegrete por não mandar as carretas? E' muito! Porém tudo pode ser... E o pobre do velho Anhaia é quem nos faz hoje êsse serviço, a-pesar-de sua pobreza. — Adeus — etc.

Pontas de Quaraím, 2 de março de 1844.

A incapacidade de nossos diretores todos os dias prolonga a guerra; todos os dias se passam em concertar planos e romper dêles o sêgrêdo! Ainda não quero dizer-te o que haviam tratado com Fruto ⁽²²⁾, porém é verdade que temos contra nós por um lado a publicação dêsse movimento (que logo fizeram) e pôr outro a viveza do Rivera que sempre saí divertido à custa dos nossos **pedantes profissionais** e de seus tutelados... E' notável coincidência! Que parecidos que são estes nossos doidos com os doidos governantes do Brasil! Diabos! Assim fazem correr a jorros o sangue brasileiro.

Meu requerimento de demissão ainda não teve despacho, porém insto por êle, e como já o fiz, é quanto basta para nenhum respeito humano fazer-me voltar. — Adeus — etc.

Pontas de Quaraím em frente à estância do capitão Pereira, 3 de março de 1844.

Tenho visto hoje umas poucas caras de barba feita, calça bem estirada, e tudo para ir cumprimentar ao general Rivera, que devia esta madrugada chegar à estância do capitão Pe-

Falta de sigillo nos planos; Rivera e os farrapos; ainda sem despacho o pedido de demissão.

A espera de Rivera para uma conferência; pres-tígio de José Mariano na revolução; realiza-se a conferência com Rivera; morte de Onofre Pires.

(22) Frutuoso Rivera.

reira (da qual acampamos a meia légua distante) para ter com nossos chefes uma conferência de vital interêsse para a República! Todavia são onze horas do dia e inda não chegou o general oriental.

Uma conferência de vital interêsse, agora que Rivera há sofrido revezes!

De duas uma: ou todos estes homens andam doidos, ou eu só sou o doido; e às vezes desconfio quasi sèriamente que minhas idéias e minhas combinações sejam extravagantes, visto que mui poucas são as que se coadunam com as dêstes homens; e se me não amparasse logo a recordação dos anais da República, cuja vida definhada êles lhe a deram, e cuja morte minguada lhe prepararam, há muito que eu nem mais uma palavra sôbre o assuntos dera...

No entanto às margens aspérrimas do Quaraím vimos ter, pisando por tanta pedra, das quais um só terço bastava para muito peorar o nosso estado de cavallhada; mas é preciso a conferência de **vital** interêsse, porque assim o diz o mulato José Mariano, que, ao lado do velho José Gomes, governa de fato o país; e o general em chefe, que é tão bravo em frente do inimigo, também acompanha o farrancho e tem a sua hora de mansinho. Maldito mulato, que a tantos engana.

Sempre chegou o Rivera. Daquí da minha barraquinha estou vendo o cortejo que segue a cumprimentá-lo; eu estou tranqüilo e apenas suspendí a pena para mirá-los, ao mesmo tempo que êles vão, ora esporeando os cavalos para se tornarem mais galhardos, ora compondo-se em ademã de côrte... Coitados! Um dia que forte lhes pesaria a responsabilidade dêste **festim**, se aos interêsses de Rivera não conviesse que fôsse mesmo um **festim**!

Mais uma vítima imolada pela mashorca do Alegrete!!! Neste momento chegou parte de haver expirado o Onofre, hoje ao amanhecer, resultado da gangrena que lhe sobreveiu ao ferimento que teve na peleja com Bento Gonçalves. E um Deus existe que premia a virtude e castiga o crime! Ah! virtude! virtude! Não... Basta! — Adeus — etc.

**Pontas do Quaraím, em frente a estância do capitão Pereira,
4 de março de 1844.**

Ainda dura a **vital** conferência de ontem; enquanto que, para virem a ela tem-se alongado esta divisão da do inimigo, e êste carregou com todo o seu exército para os lados onde espera que o general João Antônio procure nossa junção, movimento que certamente compromete de alguma maneira aquela nossa força, visto que o Guedes que está como vanguarda desta com 500 homens nas pontas do Inhanduí, não pode obstar uma tentativa do desprendimento de todas as cavalarias inimigas sôbre João Antônio.

Continua
ainda a con-
ferência com
Rivera; Gue-
des nas pon-
tas do In-
handuí; iro-
nias de Fon-
toura.

Mas que queres, minha Clarinda, se os homens estão agora com a **vital** conferência... Ah! quando deixarei eu de lamentar tanto desvario? Pronto, sim, mui pronto, porque neste caderno será o último que ralhem minhas cartas contra os homens. Nos outros eu só tratarei de nós, de nossos filhinhos e nos meios de deixar para sempre tão insana lida!

Hoje não mudamos de campo e quem sabe se ainda amanhã continuará a conferência. — Adeus — etc.

**Pontas de Quaraím, em frente à estância do capitão Pereira,
5 de março de 1844.**

Ainda continua a **vital** conferência! Valha-nos Deus! Eu hoje não sou estenso, porque tenho bastantes ocupações. — Adeus, — etc.

Continua a
conferência
com Rivera.

Campo do Trindade, no cerro de Santana, 6 de março de 1844.

Força foi mudarmos hoje de campo, em razão de não haver já pasto no que havíamos permanecido. A conferência inda dura, e unicamente hoje a alteração de virem para o campo dois generais e um ministro, ficando lá os demais.

Minha demissão ainda não foi despachada, porém há de ser.

Ah! desde o primeiro dêste mês, que têm sido frio os dias e já se apetece o sol, e quanto me tenho lembrado das muitas

Ainda a
conferência;
mudança de
campo por
falta de pas-
to; frio; sem
noticias do
general Sil-
veira; diva-
gações e es-
peranças.

vezes que contigo e com a nossa rodinha dos filhos passámos dias iguais, gosando do benéfico calor dêsse astro!

Cuidadoso tenho estado pela falta de notícias do general Silveira (*) e de tantos parentes e amigos que alí tenho; não porque êle seja atualmente perseguido mas sim porque pode, não havendo cautela, ter inda outra surpresa, atenta esta nossa paragem, que dá lugar ao inimigo a estender mais sua cavalaria. Porém...

Mas Deus protege os republicanos.

E' tão filha de minha convicção a resolução que tomei de exigir a demissão que horas há em que me parece que já estou tratando dos nossos arruinados interesses.

Cruzam-se na idéia mil planos: dêste tiro o lucro para comprar uma moleca para a Lindoca; de outro mais uma cosinheira; e inda de mais outro, de ver decentemente vestidos nossos filhinhos.

Ah! muito vale aos infelizes a esperança! — Adeus — etc.

Campo no Alexandre Ribeiro, 7 de março de 1844.

Finalmente ontem, às 7 horas da tarde, terminou-se a vital conferência... E para quê contar-te tanta meninice, para quê? Vamos antes guardando silêncio de tão insólitas loucuras.

Eu me alegrei com a sua conclusão por tudo e mesmo ainda por ficarem os homens com mais tempo para despacharem o meu requerimento .— Adeus — etc.

Campo no Alexandre Ribeiro, 8 de março de 1844.

Em vão pedi à ingrata comadre Mariana, na carta que lhe escreví, que me mandasse algumas notícias tuas. Nada, até hoje nada! Parece que ninguém se interessa por nós, minha Clarinda.

Conclusão
da conferên-
cia com Ri-
vera.

Divagações
de Fontoura;
próprio a
João Antô-
nio.

(*) General João Antônio da Silveira. — “Ter inda outra surpresa”. Refere-se Fontoura ao revés sofrido nas Missões. Veja-se as cartas de 9 e 10 de janeiro.

Bem! Nem sempre há de durar êste estado de abandono, e eu pressinto já muito perto o seu termo: sim, muito perto, porque, não sendo nada impossível ao homem, quando uma constância pertinaz leva seus desígnios a êste ou aquele fim, como duvidarei eu de conseguir o fim a que almejo, o de viver para ti e para os nossos filhinhos!

Ingrata pátria! Mas não; ingrata pátria, não. Pérfidos os homens... Que não deixe o céu impunes seus delitos!

Hoje seguem próprios ao general João Antônio; eu devia escrever ao nosso compadre Juca e a outros; mas não o faço, porque muito breve espero vê-los. — Adeus — etc.

Campo junto à Santana do Livramento, 9 de março de 1844.

Desta vez, sim, hei de ir à Música, (*) porque, em caso que a comadre Mariana siga para dentro, quero entregar-lhe as cartas que tenho para ti e outras cousas; e quando não, ver um homem que alí mora para ir de próprio. Abraça todos os nossos filhinhos, de quem um momento me não esqueço. — Adeus — etc.

Fontoura
tenciona ir à
fazenda da
Música.

(*) Muitas vezes fala Fontoura na **estância da Música**, e seguidamente é ela referida na história farroupilha. Por isso julgamos conveniente dizer algumas palavras sobre essa localidade.

Música é o nome de uma lagoa e de um banhado nas margens desta, sítos no atual município de D. Pedrito. (Existe outra lagoa de igual nome no mun. de Uruguaiana). A lagoa da Música é ligada por um arroio ao Upacarái, afluente do Itaquatí, por sua vez afluente do rio Ibicuí. O banhado da Música termina na lagoa de Bacacaiquá, ao sul, que recebe as águas do Upamarotí que nasce na coxilha de Santana na divisa uruguaia, não muito longe do arroio Poncho Verde. — A **estância da Música** ficava nessas proximidades e pertencia ao govêrno da República Rio-grandense, pois com data de 23 de fevereiro de 1842 encontramos um recibo passado por Firmiano Cavalheiro de Oliveira, declarando que recebeu "tudo quanto menciona êste termo ("Têrmo de avaliação que se vai proceder em os bens pertencentes à Fazenda denominada Música") e por ser verdade passo o presente. Fazenda da Música 23 de fevereiro de 1842". O têrmo é assinado por Caetano José da Costa, escrivão interino; Nunes (João Rodrigues Nunes), juiz de paz do distrito de Upacarái, e Constantino José de Freitas e Marcelino Correa da Silva, como avaliadores. O arrolamento dos bens, avaliados em 8:552\$674, é assinado por Fontoura, (Antônio Vicente da Fontoura) que era, então, ministro da Fazenda. — Firmiano Cavalheiro de Oliveira era oficial das forças republicanas, irmão de Manuel Cavalheiro de Oliveira Filho, organizador de um corpo que comandava auxiliado por seus quatro irmãos: Firmino Joaquim, José e Firmiano.

Campo na Florentina, 10 de março de 1844.

Fontoura
estive em
Santana; no-
tícias desen-
contradas da
família.

Quando estive hoje na capela de Santana, falei com a Angelica do Serrasin; perguntei-lhe notícias tuas, disse-me que lhe tinhas escrito, e a mim nada! Também falei com o Bandeira, que daí velu com carretas; não me trouxe carta tua, mas assegurou-me que inda estás em Alegrete!

Que é isto? Que notícias tão desencontradas são estas? E que silêncio tens tu agora guardado...

Pois será possível que o Pereira não mandasse providenciar a tua condução? Para que então se ofereceu êle? Não, não é possível; alguma outra cousa existe! — Adeus — etc.

Campo nas Palmas, 11 de março de 1844.

Apreensão
de pólvora e
fazendas no
Rio Grande;
visita de um
parente.

Ontem e hoje tenho estado com o nosso compadre Jordão. Veiu escapado de Rio Grande, onde lhe embargaram mil libras de pólvora que trazia do general Paes para o general dos correntinos; as fazendas todas que trazia sofreram a mesma pena. Êle havia descido pelo Paraná a Buenos Aires, daí a Montevideu e ultimamente ao Rio de Janeiro. Deu-me miúdas informações do Paraguai e de Itapura, onde tem casa de negócio, assunto de que muito eu desejava informar-me circunstanciadamente.

Também aquí esteve nosso parente Sebastião Pinto (*). Quanto nêle me recordei da voz e feições do Paulino! — Adeus — etc.

Ponta de Ibicuí, 12 de março de 1844.

Luiz Boti-
cario falando
em tratar da
paz; confe-
rência sobre
a paz.

Antes de ontem chegou a esta fôrça o Luiz Boticario ⁽²³⁾, todo afanoso, fazendo espalhar e espalhando por onde passava, que trazia um salvo conduto do barão de Caxias, para ir ao exército imperial tratar das pazes.

(*) Sebastião Pinto da Fontoura, irmão germano de Antônio Paulo (Paulino) da Fontoura, e do poeta Francisco Pinto da Fontoura, o *Chiquinho da Vóvó*, autor de uma das letras do Hino de 35.

⁽²³⁾ Luiz José Ribeiro Barreto (*).

(*) Foi nomeado ministro da Fazenda e interinamente da Guer-

Casualmente o general me havia mandado a Santana, onde, primeiro que os demais, soube dos fátuos grasnidos de semêlhante corvo, e cá com os meus botões eu disse: — isto é supina ignorância ou plano atrevido dos diabos da mashorca, para terem inda um papel de representação no grave assunto que sua inépcia e malvadez perderam.

Verdadeiramente não me enganei; chegado ao campo, informo ao general e sem de nada mais sabermos, esperámos o miserável **embaixador**. Ei-lo que chega, e inda não cansado do estirado papel que em seu transito havia, a tanto custo e com devota hipocrisia, representada, de núncio da paz, ousa no mesmo ademã e insulsa presumida frase, pedir uma conferência ao velho Jardim. O pobre velho que na noite de 10 (quando justamente chegou o Boticario) havia levemente sido informado da missão, o que, conforme suas mesmas palavras, não o deixou dormir toda a noite, franqueou logo essa conferência, à qual assistiram êle, o general David, Netto, Mattos e o criminoso Bento, que, a-pesar-de estar fora de seus direitos políticos pelo assassinato (*) que há tão poucos dias perpetrrou no coronel Onofre, não podia ser dispensado, porque assim o julgou o velho Jardim, pela parda inspiração do Mattos!

Enchendo então as ventas, o estulto Boticario, com uma

ra e da Marinha, por decreto de 12 de dezembro de 1842, em substituição à Fontoura que pedira demissão. Por decreto de 20 do mesmo mês e ano, assume, também, o ministério da Justiça, em substituição a José Pedroso de Albuquerque, que se demitira, e por outro decreto da mesma data mais o ministério do Exterior, em substituição ao vigário apostólico Francisco das Chagas Martins d'Avila e Souza que também se demitiu. Barreto ficou, assim, até janeiro de 1843, ministro de todas as pastas! — Nascido em Santo Antônio da Patrulha, casou no Triunfo com uma filha de seu chefe, que era boticario, ficando, depois, com a farmácia. Daí o apelido. (Veja-se a breve biografia escrita por Marino Jozetti de Almeida, in Revista do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul, III — IV, 1931).

(*) Assim também julgou Alencar Araripe o duelo, por não ter tido testemunhas. Entretanto, sabendo-se hoje perfeitamente o fato em seus pormenores, sendo embora um assassinato, como todo e qualquer duelo, não se pode considerar a morte de Onofre, segundo as leis do duelo, como um assassinato. Fontoura, dissidente, ignorando ainda, quem matara seu parente, é justo que guarde todos êsses ressentimentos.

nova pitada de rapé, dando com o lenço uns sopapos no nariz e escarrando, pronuncia a arenga em viciada e descomposta frase brasileira, a qual inda mais lhe junta alguns trechos de péssimo cambinda. (*) Não muito avante foi, porque o Jardim e Canabarro, exigindo saber como havia obtido êsse salvo-conduto do Caxias e quem a isso o autorizou, de tal sorte embasbacaram ao Boticario, ao Mattos, ao Bento e Netto, que apenas poudes tornar em tom mais submisso que, de acôrdo com os senhores generais Netto e Bento, particularmente se havia dirigido a Caxias, para que lhe mandasse uma portaria, afim de ir tratar da pacificação da província.

Diz o Jardim: — Nada, nada! Isso é muito aviltamento. Pouco há se tratou disso, sob os auspícios de Severino ⁽²⁴⁾ e Pedroso ⁽²⁵⁾, e com outro decoro para nós, e todavia nada surtiu.

O infame e velhaco Mattos, a-pesar-de ser desta farça o primeiro agente, encolhia os ombros e mesmo naquela sua forma de orango-tango, afetava certos sinais de desaprovação, para não descair da graça do seu pupilo Jardim, a quem via te-naz recusar a pílula.

O Bento, velhaco mais estúpido, surpreendido com a recusa do presidente e Canabarro, completamente se descompõe, e deslembra que na bôca tinha uma masca, tranca com outra a língua, que já mal balbuciava uma desculpa (**).

Assim é, pois, que estes malvados mashorqueiros, quando a conciliação podia ser admirável puzeram na bôca do estou-

(*) Por estas palavras de Fontoura poder-se-á julgar que Luiz Ribeiro Barreto tenha sido um negro. Mas não: era bem branco, talvez mesmo louro, fisionomia severa, olhar franco.

(24) Severino Antônio da Silveira.

(25) José Pedroso de Albuquerque.

(**) Cremos que em todo êsse relato de Fontoura há alguma exageração, dado o seu estado de ânimo, e a exaltação em que o colocaram os últimos acontecimentos. Não podemos, de forma alguma, crer nessa atitude assustadiça de colegial que êle empresta a Bento Gonçalves nessa questão.

vado velho uma resposta imprudente, só porque deu a casualidade que nesse negócio não entrou um só da mashorca (*).

Que monstros! E quem poderá tolerar tantas maldades! — Adeus, etc.

Campo nos Cavalheiros, 13 de março. de 1844.

Ontem depois que te escrevi, recebi uma carta do compadre Delfino, em que me assegura estares por Cacequí. Amanhã hei de ir até a Música, para saber a certeza ou incerteza desta notícia, e ver o homem que há de ir de próprio.

Fontoura
frá a fazenda
da Música.

Estou curtindo hoje horríveis dôres de dente e não sou por isso mais estenso. — Adeus — etc.

Música, 14 de março de 1844.

Hoje cheguei a esta estância; estava eu vendo as comadres, compadres e meninas e apenas os saúdava com curtas e mal articuladas expressões, porque nesse momento me vinha mais à lembrança tu e os filhinhos. Perguntei logo ao compadre Delfino pelas notícias que de ti tinha obtido e nem por isso delas fiquei satisfeito, porque podem muito bem não ser verídicas.

Fontoura
na estância
da Música;
tristezas; re-
flexões.

Assim é que se passam já três meses que luto na incerteza do lugar de tua residência e isto quando sei que deves estar sem dinheiro e sem recurso, tendo há pouco saído de uma grave enfermidade!

E por mais dura ser a experiência que de nós faz a sorte, inda vem aumentar minha angustia a desconfiança que meus amigos a que te recomendei, nos tem totalmente abandonado. Ingratos!

Mas eu inda vivo, minha Clarinda, e se é verdade que tens sofrido privações por eu te haver confiado aos que inda julgo sinceros oferecimentos dos meus amigos, um bem inda tirei dessa amarga experiência, e vem a ser que, de ora em

(*) Refere-se Fontoura à anterior tentativa de pacificação, mencionada por José Gomes de Vasconcelos Jardim, cujos intermediários haviam sido Séverino Antônio da Silveira e José Pedroso de Albuquerque, ambos dissidentes e este último ex-ministro da Justiça.

diante, limitando-nos unicamente aos nossos poucos recursos, êles jamais nos faltarão enquanto o Céu me conceder uma vida que será só tua e dos filhinhos!

Doloroso é dizê-lo, mas preciso é confessar que neste mundo vil nós só valemos tanto quanto vale nossa fortuna...

Eu me não hei de retirar desta estância sem que tenha feito seguir um próprio até onde estiveres, custe o que custar. — Adeus — etc.

Música, 15 de março de 1844.

Ah! se a comadre Mariana soubesse quanto me aflige o bom e desvelado tratamento que me tem dado estes dias que aquí tenho parado, estou certo que, por não penalizar meu coração, limitaria seus obséquios, pois que com isso não faz sinão agravar as saudades que tenho da minha família, onde só os teus desvelos igualam a bondade com que sou aquí tratado...

Amargo o doce e sem sabor o chá (a-pesar-de sua boa qualidade) em vez de reanimar-se naquelas horas em dantes disso fazia uso, abate o apetite e com uma saudosa desesperada reminiscência me mostram a distância que nos separa, destruindo essa ilusão querida de que se nutre meu ser quando te escrevo!

Quando aquí cheguei, não tendo nada que dar à Maria Francisca, tirei um daqueles lenços que no folheto n. 5 dizia que eram para a Gabriela; por isso, quando aí chegarem, do dinheiro que te remeter, compra outro para ela.

Se não achar próprio seguro para te mandar, eu mesmo hei de ir. — Adeus — etc.

Música, 16 de março de 1844.

Ainda não está pronto o próprio. Que fatalidade! Uma cousa de tão pouca entidade e quanto tem custado!

Demorar-me-ei até amanhã, a ver se consigo mandar o primeiro homem que encontrar. Adeus — etc.

Bom tratamento dispensado a Fontoura; reflexões.

Fontoura não conseguiu um próprio.

Música, 17 de março de 1844.

Finalmente descobriu-se hoje um certo Juca Raia, vizinho desta estância e que me afirmam ser pessoa capaz. Por êle pois te escreví, mandando-te 16 onças, os cadernos das minhas cartinhas de n. 2 até 12 (*) e os lenços e caixinhas de escrita. Deus lhe ponha a ventura!

Deixo na mão da comadre Mariana mais quinze onças e quatro patações para te levar, que com as deseseis acima ditas fazem o total de quinhentos patações. Êste dinheiro e o mais que inda tenho a receber é o produto daquela malfadada tropa que em 1838 cobreí de meus devedores e que com tão boa fé emprestei ao govêrno, pensando que seu produto fôsse aplicado para cobrir parte da nudez de nossos soldados, porém...

Também deixo à comadre Mariana um relógio e corrente de ouro para te entregar, o qual me foi entregue por conta de uma dívida, e como está desconcertado, não o quero ter comigo.

Amanhã sigo para o exêrcito, de onde me havia apartado só para fazer-te êste próprio; e vou mais sossegado por ter esperanças de receber breve notícias tuas. — Adeus — etc.

Campo na fazenda do capitão Garcez, 18 de março de 1844.

Acabo de chegar a esta fôrça e como estava chovendo, fiz logo armar a barraca e principiei a escrever-te.

Parece que me sinto aliviado de um peso enorme, que a todos os instantes me enlutava, desde que seguiu o próprio. Agora só espero com anciedade a resposta. Não sei todavia se o próprio irá bem dirigido ao ponto que lhe indiquei.

O Gabriel veio comigo, mas o Delfino e Carvalho inda ficaram na Música.

Teve hoje o general parte oficial do coronel Amaral e dela consta ter o mesmo coronel com a fôrça de seu mando

Fontoura encontrou um próprio que levará as suas cartas e dinheiro à esposa; segue para o acampamento.

De volta no acampamento; chuvia; sente-se aliviado; notícia da vitória de Amaral no Can-diota; falta de novas de João Antônio.

(*) Essas cartas de Fontoura foram escritas em 27 cadernos.

derrotado completamente o Moringue (*) nas pontas do Candiota, escapando-se unicamente com 12 homens e gravemente ferido (**).

Do general João Antônio nada há de positivo, visto que não se tem recebido um só officio seu.

A fôrça do mando do Moringue que foi derrotada se compunha de 250 homens. — Adeus — etc.

Campo junto à estância do Garcez, 19 de março de 1884.

Madrugadas frias; idéias tristes de Fontoura; reflexões sobre a riqueza de muitos e sua pobreza.

Pouco a pouco vai desaparecendo a quadra das flores e dos frutos; aquelas desfolhadas e murchas, e estes passados de maduros ou secos, me estão advertindo que já vamos adiantados no outono; me estão advertindo, porque esta brusca vida é tal que nem eu havia feito reparo no frio que já se sente nas madrugadas, a-pesar-de que são essas as horas em que o alarme não nos deixa sequer a mesquinha cama! Parece que, à fôrça de tantos contrastes, deslembrado de sentir, alheio à dor, ao frio, à calma, preciso ver primeiro ir desaparecendo o mágico matiz com que se orna a natureza nessa quadra querida para sentir da estação a mudança!

Delírio, verdadeiro delírio a isto eu chamaria, se o não tivéra experimentado! Refletindo-se porém que vivo curtido de dores morais pelas mágoas, acerbos mágoas que te rodeiam, quão fácil é concluir-se a razão dessa, que chamarei minha física insensibilidade.

De contínuo lamentando tuas angústias e a de nossos caros filhinhos, sendo em parte o autor de seus sofrimentos que instante me restará para atender a mim próprio?

De mais, se dos males os menores são os que diretamente me tocam, como adverti-los, se todo o meu ser está atento a ti

(*) Coronel Francisco Pedro de Abreu, mais tarde barão do Jacuí, mais conhecido por Chico Pedro e Moringue, astuto official do império, comandante de uma divisão imperial.

(**) Refere-se Fontoura aos recontros de 15 e 18 de março, mais conhecidos por combates de Cerro da Palma e da Conceição. No primeiro foi derrotado Chico Pedro e no segundo officiais de sua fôrça, que haviam ido ao Uruguai, às estâncias de rio-grandenses, levantar nova cavallhada, pois tudo perdêra no combate do dia 15.

e aos filhinhos? A êles, cuja idade voa, sem lhes dar aquela educação que outrora em nossos dias de ventura com tanto amor e entusiasmo lhes preparava!

Mas, mesmo ao desabrigo dos golpes da sorte, quanto nos devemos julgar felizes, se contemplarmos êsses miseráveis entes que, engolfados na riqueza, do suor alheio adquirida, iludidos por uma aparente grandeza, não cessam de gemer com a perene dor do pungente remorso: Êles podem contar o ouro que um dia deve ser a herança de seus filhos; mas calcular o grau de infâmia que acompanha êsse legado, jamais, jamais!

Grande Deus! Não assim acontecerá aos nossos, minha Clarinda! Quando êles deixarem o teto paterno, quando entrarem no grande mundo, o velo do seu rosto viril não será coestado pelo afogueado calor da vergonha ao ouvir falar de seus maiores. Êles não contarão o ouro herdado, mas poderão referir com uma terna emoção os nossos infortúnios. Suas faces tomarão nesse instante o angusto colorido da modéstia e não do pejo.

E pois seremos nós infelizes, minha Clarinda? Ah! não, não! — Adeus — etc.

Campo junto à estância do major Leite, 20 de março de 1844.

O variado e interessantíssimo séquito de cenas que, nas tardes de outono nos apresentam os campos, mostrando ao longe um todo ora amarelo desmerecido, ora branco, e logo nos vales inda animado o lustroso verde da primavera... Aquí um vasto taboleiro de **fleixilha** parece que de antemão preparava lauta forragem ao fatigado corsel, que o mal vestido soldado, procurando apenas o alinhamento, sem ser ao pobre bruto, grato, insensivelmente alí o prende!

Acolá montículos de sêco trevo se deslizam pela encosta de uma colina; logo, sôbre um elevado cerro, a solitária tuna matiza seus verde-negros braços com o branco selvagem de sua flor, que, parecendo envergonhada do pouco que com ela foi desvelada a natureza, a mêdo desabrocha na quadra em que as demais flores, já despidas da primitiva louçania, não podem, a exemplo das **moças-velhas**, desdenhar de uma jovem feia.

Descrição
dos campos;
reflexões de
Fontoura.

Assim é que por toda a parte se divisa a vegetal produção gradualmente cedendo à irresistível fôrça das estações; e pouco e pouco, com mão avára, se vem aproximando o inverno.

Ontem ao entrar do sol, sentado sôbre um montículo de pedras que estava fronteiro ao acampamento, eu tinha a vista e a idéia ocupadas nestas meditações, e apercebi que já era noite, quando maquinalmente olhando para o horizonte, vi uma estrêla que corria, deixando após de si uma cauda luminosa. Eu me levantei exclamando: — Ah! talvez a minha Clarinda visse também correr esta estrêla!

Quanto feliz é o homem que, afastado do grêmio dos públicos negócios, dêsse turbilhão de ingratos e de crimes, cuida só de fazer a felicidade de uma espôsa virtuosa e dos filhinhos inocentes! Que grata me é esta idéia e que de dissabores já me tenho forrado desde o momento em que fiz semelhante voto!

El não chegará inda o momento de nos reunirmos! Sim, êle se vai aproximando e em breve te apertarei em meus braços. — Adeus — etc.

Campo junto à estância do major Leite, 21 de março de 1844.

Agora acaba de chegar o tenente Marcos e por êle recebi a tua carta de 16 do corrente, escrita de S. Felipe; terceira que recebo depois de 6 meses de ausência!

Ah! se viras a avidez com que, rompendo a obreia, procurava a tua carta entre as outras! Encontrá-la e lê-la foi obra de um momento, e quão acerba dor partiu logo o meu coração pela certeza da tua enfermidade! O meu coração, que tão fiel desde largo tempo havia presagiado êsse desastre na estrada melancolia com que se envolveu desde a primeira notícia que tive dessa infausta moléstia!

Prossigo na leitura das mais cartas, um pouco temeroso de encontrar em alguma delas descrição não favorável dos sintomas da moléstia; ao mesmo passo que do outro lado do coração batia o ardente desejo de encontrar também uma propícia

Alegria de Fontoura recebendo cartas da espôsa e de amigos.

dissertação a semelhante respeito, que, tirando-me da desesperada incerteza em que jazia, pudesse gostar um momento o delicioso prazer que me davam a esperança de não ser grave o teu mal e a leitura da tua carta...

Já com a rapidez do relâmpago, cintilam meus olhos sobre os diversos caracteres dessas cartas e instantaneamente fico imposto de seus conteúdos.

Torno a pegar nas cartas dos dois Pereiras ⁽²⁶⁾, pai e filho, por serem s que dão uma idéia mais exata da tua enfermidade, e confrontando-as conheço que nada devo recear pelos teus dias e que só tenho a sentir as dores que sofres.

Oh! meu Deus! Que bálsamo consolador veio vivificar meu ser abatido! Como o fumo, desapareceu essa febre sepulcral que me oprimia um minuto antes, e uma nova existência, si é possível, eu recuperei!

Ah! minha Clarinda, Deus, o nosso amor e a honra são irrefragáveis testemunhas do que digo e do que tem sofrido minha alma! — Adeus — etc.

Campo em Ponche Verde, 22 de março de 1844.

Que inescrutáveis que são, minha Clarinda, da Providência os mistérios! Há pouco mais de um mês que te escrevi dêste mesmo lugar em um mau dia de chuva, com muitas dores de cabeça e cheio de amofinações... e hoje torno a acampar no mesmo sítio, torno a escrever-te em um dia formosíssimo, sem dor alguma e com a alma mais sossegada por ter ontem recebido tua carta e notícias certas, com cuja falta eu andava quasi tocando a meta da desesperação.

Porém, para me não deixarem de todo acerbos pezares, inda luto com a tristíssima lembrança da tua enfermidade e a pungente dor da saudade!—

Mas um dia tudo se concluirá e êsse dia desejado não está longe... Os recentes triunfos das armas da república, obtidos em diversos pontos e a estirada duração da guerra assim nos anunciam.

Novamente
em Poncho
Verde; Fon-
toura acredi-
ta no próxi-
mo triunfo
da república;
reflexões so-
bre as cartas
recebidas.

(26) Manuel José Pereira da Silva e seu filho João Pereira da Silva Borges Fortes.

Tornemos, porém, às notícias de ontem. Com que prazer li a carta do compadre! Ah! nela bem se colige de quando é capaz um pai extremoso e que sabe ser pai. Como se conhece nas suas sinceras frases o quanto se tem compenetrado dos teus padecimentos! Quanto lhe estou obrigado, e se fôra possível aumentar a amizade que sem limite lhe tributo, quanto não aumentaria ela por êste lance sublime! Aprovo muito a tua mudança para Santa Maria, não só por estares entre pessoas que de perto tanto nos pertencem, e que por isso terás quem desvelada cuide da tua enfermidade, como que é fácil fazer vir um médico da Cachoeira, visto que da carta do meu amigo Dr. Pereira (*) mais e mais me convenço do quanto é comigo avára a amizade.

Que ingratidão! Eu por êle faria mais. E êle se nega a prestar-se com seu saber à pessoa que mais estimo. Não, não! E' um ingrato, nenhuma desculpa lhe admito.

E o meu velho amigo Pereira! Quem sabe si a demora de vires do Alegrete foi a causa da tua moléstia; e a quem devo eu essa demora, senão a êle? Mas não façamos um juízo precipitado e deixemos que o tempo mostre o causante de meus pezares.

Advirto-te e mui positivamente que, se mandarem vir o médico da Cachoeira, seja um médico habil e não algum charlatão, e isto inda que custe dobrado dinheiro.

Quanto por ficares em Santa Maria mais longe do que em S. Gabriel ou S. Felipe, ah! varre da idéia tal pensamento, porque, se eu for a S. Gabriel, muito melhor vou a Santa Maria, e em caso de necessidade ao fim do mundo, porque nada vejo que me possa estorvar. — Adeus — etc.

(*) Dr. João Pereira da Silva Borges Fortes. (Veja-se "Um filho ilustre do Rio Grande", in À LUZ DA HISTÓRIA, de Walter Spalding.) O Dr. Borges Fortes era conservador, a-pesar-de ter tido, na revolução, parentes e o próprio pai, Manuel José Pereira da Silva. Era um caráter nobre, justiceiro, franco e leal.

Campo na Carolina, 23 de março de 1844.

Sofrer, minha Clarinda, uma ingratidão é o que mais custa nesta vida e dêsses dolorosos bocados temos provado bastantes vezes; e para que nos não assemelhemos a êsses entes desprezíveis que assim praticam, devemos sempre ter em memória aquelas boas almas que conosco têm despendido seus favores, afim de que não percamos o momento de uma grata retribuição. Tu me falas em vendermos a chácara do Alegrete e neste caso eu me lembro antes de dá-la ao Joaquim Santos, como uma lembrança dos favores que lhe devemos, o que, se fôr de tua aprovação, me dirás para remeter o papel de doação para tu assinares; e quando não, como não pretendo alí residir, mandarei a procuração bastante para mandares fazer a venda. Agora, como estás acompanhada de três pessoas que te podem escrever, que são as manas Josefa, Listarda e Benta, quero que miüdamente mandes dizer-me o que motivou a tua enfermidade e quais as pessoas de Alegrete a quem somos mais obrigados, pelos obséquios que te prestaram, bem como todos os transees que passaste depois que saí do Alegrete.

Fontoura propõe a esposa doar a chácara do Alegrete a um amigo dali; satisfação por saber a esposa longe do Alegrete; cuidados para que os filhos não passem necessidades.

Temo-nos alongado um pouco da estância da Música e por isso é que não mandei hoje saber alí notícias do próprio que te mandei; porém estou muito satisfeito, porque encontrando êle o tenente Marcos no Campo Sêco, soube notícias certas tuas e por isso ia direito a S. Felipe. E em que boa ocasião foi êle! Si houvesse demorado mais um dia, talvez que já não te encontrasse aí e levaria mais tempo a receberes notícias minhas.

Visto que segues para Santa Maria, hei de ir à Música para mandar-te outro próprio levar o dinheiro que alí ficou e o mais que eu receber; e no entanto o que te rogo é que tu e os filhinhos não passem necessidades, pensando que me fenecem os meios para a sua decente sustentação. Quanto a essas faltas que tem havido, são devidas às vicissitudes da guerra e não jamais ao indiferentismo ou negligência de um marido e pai estremoso. — Adeus — etc.

Campo na Carolina, 24 de março de 1844.

Delfino Gomes Pôrto e Carvalho, voltam ao exército; Fontoura recebe carta da esposa; confiança em Deus.

Hoje aquí chegaram os compadres Delfino e Carvalho, vindos da Música; e o compadre Delfino trouxe-me a tua carta em resposta à minha que foi pelo próprio que mandei, e muito satisfeito fiquei por ires para Santa Maria, em razão de conhecer que terá alí alívio o teu incômodo pelo desvelado tratamento das pessoas que te rodeiam. Logo que siga gente para Alegrete, mandarei pagar ao Pedroso o dinheiro que te emprestou, a respeito do quê podes descansar.

Eu o que quero só é que fiques boa. Trata, pois, de curar-te e não te amofines com nada, porque jamais nos desamparou a Divina Providência.

Tenho hoje serviço a que atender e por isso não sou mais estenso. — Adeus — etc.

Campo na Carolina, 25 de março de 1844.

Notícias de João Antônio em Corrientes; projeto de casa em Livramento; si a guerra não terminar, a zona de Poncho Verde será o lugar de sangüinolentos acontecimentos.

Tive notícias certas do general João Antônio, de todos os nossos compadres e parentes: conservam-se inda em Corrientes, à espera de realizarem a troca e compra de uma cavallhada com que se devem recolher ao exército nestes poucos dias. Estão porém bons e foram alí mui bem tratados pelo Madariaga⁽²⁷⁾, actual governador daquelle país, e pelos habitantes em geral.

Eu tinha tencionado, como anteriormente te disse, fazer uma casinha em Sant'Ana do Livramento, e isto em caso de que continuassem as cousas no mesmo estado, por ser ponto onde sempre passamos, para o que já tinha tirado as confrontações de um terreno excelente; porém estou disso despersuadido, porque ou a guerra tem de terminar-se; ou o seu mais sanguinolento teatro, em caso de durar, tomará assento nessas alturas da linha. E em qualquer dos casos de nada nos serve essa casa; demais, eu hei de ir a êsse lugar, e então não nos faltará tempo para tratarmos disso; e como já estou

(27) D. Joaquim Madariaga.

mais descansado por ter recebido notícias tuas, principio também a trabalhar em nossos particulares negócios, com mais ardor, pois devêres que até para isso tinha arrefecido o ânimo. — Adeus — etc.

Campo no Pirai, junto ao passo do Viola, 26 de março de 1844.

Pouco depois que acampamos, chegaram a este campo os prisioneiros que fez o coronel Amaral ⁽²⁸⁾ no combate que deu ao Moringue: eram cento e um, fora sete oficiais inclusive um major: morreram, além disso, sessenta e tantos, entre os quais quatro oficiais. De nossa parte, tivemos dois oficiais feridos, e alguns soldados, e só três nacionais mortos.

Mando agora mesmo o Gabriel à guarda da divisão onde estão os prisioneiros para ver si há algum conhecido para soltá-lo. Coitados! Suposto que, na actualidade, sejam nossos inimigos, são brasileiros, e quão choradas e quanta falta nos farão um dia essas vidas que o furor dos partidos vai imolando. (*)

Quadros semelhantes jamais me alegrarão. Oh! revoluções... — Adeus — etc.

Campo no Pirai, junto ao passo do Viola, 27 de março de 1844.

Neste momento chegam de Corrientes com comunicações do general João Antônio, o nosso parente João Pôrto (**) e tenente Martins. Tive por êle uma exata relação de notícias de nossos parentes e compadres, e dêstes só o Frutuoso me escreveu, porque os mais tiveram preguiça. Teu mano Juca está bom e com João Antônio e compadre Felisberto iam passear ao exército correntino. Eles têm se conservado acampados junto a Merinham, arrôio de Corrientes; e por

Chegam os prisioneiros do combate do Candiota; Fontoura manda ver si entre elles há conhecidos para soltar; lastima a sor-das vítimas da guerra.

Noticias de João Antônio e dos parentes.

⁽²⁸⁾ Antônio Manuel do Amaral.

(*) Vê-se, também, por essa nota íntima de Fontoura, quão arraigado nos corações dos revolucionários estava o sentimento de brasilidade. E como Fontoura pensava a maioria dos grandes vultos farrapos.

(**) João Pôrto da Fontoura, filho do general Portinho.

esses doze dias fariam sua marcha para esta província, onde os esperamos.

Eles não têm ali sofrido nada e só lhes tem faltado a farinha.

O compadre Frutuoso vive passeando, Juca dormindo e Felisberto namorando; e o Zeferino contando histórias de barraca em barraca.

A Benta que não tenha cuidado com seu marido, porque são certas estas notícias. — Adeus — etc.

**Campo ao norte de Pirai, junto ao passo do Viola,
28 de março de 1844.**

Nossas marchas continuam a ser vagarosas, tendo mesmo parada de alguns dias em um campo, não só porque o inimigo está inda longe, como que é preciso ir assim encobrendo o movimento de uma divisão que há quatro dias se desprende desta força sobre o Rio Grande, com o destino de arrebatrar as invernadas de cavalcadas que estão além do São Gonçalo. Esta expedição deve ter um desfecho profícuo na actualidade, ainda mesmo sendo o coronel Teixeira ⁽²⁹⁾ o comandante.

Dos prisioneiros que te falei nas minhas cartas anteriores, não veio nenhum conhecido, a excepção de alguns que, não chegando a este campo, ficaram com Antônio Manuel (*) para sentarem praça em um corpo daquela brigada.

Tenho de seguir hoje em serviço, às pontas de Santa Maria, no Alonso, e por isso não sou mais estenso. — Adeus — etc.

**Campo ao norte de Pirai, junto ao passo do Viola,
29 de março de 1844.**

Finalmente hoje dei licença ao Gabriel para ir a Bagé, que desde que aquí chegamos que me faz seus requerimentos

Expedição
sobre o Rio
Grande para
arrebatar as
cavalcadas
dos imperia-
es; prision-
eiros do
Candiota.

Licença a
um parente
para passear;
perdidos por
descuido do
vaqueano;
João Antônio
repassa o
Uruguai.

(29) Joaquim Teixeira Nunes.

(*) Antônio Manuel do Amaral, coronel.

e suas réplicas para ir àquela povoação e tão desejoso estava de seguir que não o embargou o cansaço da troteada que demos ontem, em razão de, na volta para o acampamento, termos perdido, por ser o nosso compadre Delfino o vaqueano, a-pesar-de que não distava o lugar onde fomos dêste campo mais de três léguas, e estar o dia claríssimo. Porém como nenhum receio havia de inimigo, quis desenganar-me de todo do vaqueaníssimo tino do tal nosso compadre, e por isso deixando de atender ao caminho, me distraí conversando com os outros e dizendo-lhe de quando em quando algumas graças, para o perturbar melhor... E tudo isto nos serve de passatempo, minha Clarinda!

Hoje vou escrever para o Juca e vão as duas cartas que mana Benta mandou-me para êle. Êle e todos os mais devem reunir-se conosco muito breve, e segundo notícias devem estar já na província, pois ontem ou hoje deviam passar o Quaraím para êste lado, tendo atravessado o Uruguai no passo do Igo. — Adeus — etc.

**Campo ao sul do Pirai, junto ao passo do Silveira,
31 de março de 1844.**

Afinal passou ontem o dia sem te escrever! E é preciso agora dizer-te qual foi o motivo. Nosso alarme ontem durou até às 8 horas e $\frac{3}{4}$ da manhã, em razão da grande neblina, e quando levantou-se o campo, passava muito das nove horas; marchamos e quando acampamos, perto seria de meio dia e o sol estava ardentíssimo. Tratou-se de mandar fazer a comida e poucos minutos havia que tínhamos acabado de jantar, quando recebo aviso do general para a sair em diligência.

Marchei, e por mais que me esforçasse para voltar ao campo às horas de escrever-te, não foi possível, pois eram onze da noite quando cheguei.

O Gabriel chegou hoje de Bagé, levou três dias de folgado, pois o tal rapazinho está mui aquerenciado alí; mas é também tão enfadonha a vida que êle passa na campanha, e principalmente na sua idade! Deixá-lo divertir-se ao menos três dias.

1.º dia sem
escrever;
grande nebli-
na; Fontoura
sai em dili-
gência; vida
enfadonha do
acampamen-
to.

Hoje escrevi à comadre Mariana, e não mandei uns cadernos de cartas para ti, porque o próprio que para alí foi tem de atravessar perto do inimigo e mesmo pode que apareça outro mais breve portador. — Adeus — etc.

Campo em Pirai-chico, 1.º de abril de 1844.

Estamos a pouco mais de uma légua de Bagé e há poucos minutos que para alí seguiram em passeio o Delfino e Gabriel, mas voltam hoje mesmo, porque o inimigo se aproxima e nós temos de marchar.

Tenho estado hoje fazendo uns versinhos para mandar à Lindoca e Bindunga; estou cansado de escrever e por isso não sou mais estenso. — Adeus — etc.

Campo no Quebrachinho, 2 de abril de 1844.

Aquí acampamos hoje pelas dez da manhã e às duas da tarde levantaremos o campo.

Está um sol quentíssimo, e como temos poucas horas de descansar hoje, vou ser por isso pouco estenso. — Adeus — etc.

Campo no Sarandí, em frente ao Quebracho, 3 de abril de 1844.

Estão prontas as letrinhas para a Lindoca e Bindunga cantarem, e são as seguintes: (*)

- 1.^a Atende, mamãe,
do papai às letrinhas;
em frases sentidas
a ti dirigidas
e às suas filhinhas!

(*) Antônio Vicente da Fontoura faz parte dos poetas da grande revolução. Embora não o possamos comparar a Sebastião Xavier do Amaral Sarmento Menna, (cujas poesias foram publicadas por Dante de Laytano) é, contudo, digno de nota apesar das falhas de quasi todas as suas produções. Outras poesias figuram no seu **Diário**. A família de Antônio Vicente contava com outros poetas além d'ele: Antônio Paulo da Fontoura e Francisco Pinto da Fontoura, este mais conhecido por Chiquinho da Vovó.

Perto de Bagé; o inimigo se aproxima; F o n-toura poetando.

Fontoura envia os versinhos à esposa para que as filhas os cantem; seguirão até as pontas do Jaguarão.

- 2.^a Os ecos escuta,
os ecos chorosos,
que, os ares partindo,
estão repetindo
seus versos saudosos.
- 1.^a A grata opulência,
o repouso e a vida,
filhos e consorte,
dediquei à sorte
da pátria querida.
- 2.^a De tal sacrifício,
por prêmio traidor,
homens malvados
me expõem renegados
do egoísmo ao furor.
- 3.^a A espôsa me resta
do lance fatal...
De mais não preciso,
pois nela diviso
meu prêmio real.
- 4.^a Do meu coração
seu nome apagar
não pode o destino,
por mais que ferino
se queira ostentar.

As duas primeiras letrinhas fiz em nome delas, para encabeçamento das quatro, que são minhas, e que vou cantando devagarzinho nas nossas marchas, penosas marchas que tantas recordações me trazem.

Estamos adiante de Bagé e me parece que desta vez vamos até às pontas de Jaguarão. — Adeus — etc.

Campo, nas pontas de Jaguarão, 4 de abril de 1844.

Pernoite nas pontas do Rio Negro; saudades; o inimigo em Bagé; expedição ao Rio Grande.

Esta noite pernoitamos nas pontas do rio Negro; levantamos o campo antes das 5 da madrugada e vimos sestar aqui, mas creio que á tarde marcharemos.

Quanto me tenho hoje lembrado dos filhos e de ti... Da tua moléstia, como estarás? Ah! que martírio é o viver ausente de tudo quanto estimamos! E já tão penetrado da longa ausência, encaro como séculos os dias que vou passando! E inda não quer o govêrno dar-me a demissão que com tanta justiça reclamei. E para que? E que fazem com isso? Não tenho eu feito e firmado o meu propósito? Que me importa pois com a vontade dos homens? E de mais, o ter ou não ter a demissão, nada obsta a que prossiga sempre no caminho da honra; e antes essa exigência minha é mais um despeito com que brindo aos ambiciosos, do que necessidade.

O inimigo havia chegado ontem em Bagé, mas é possível que hoje já tenha marchado.

A expedição que avançou para o Rio Grande é causa de virmos prolongando nossa marcha, a qual suponho nestes poucos dias retrogradará, tomando a retaguarda do inimigo. — Adeus — etc.

Campo em Candiотinha, 5 de abril de 1844.

Cenas do acampamento; descuido dos officiaes que passam a noite jogando; reflexão; meditação sobre as desgraças do Rio Grande; alvorada.

Reinava o mais profundo silêncio em todo o acampamento esta madrugada e mais cedo do que costume tinha deixado a cama; caminho direito ao fogão e alí já estava se aquecendo, com o seu cachimbo na bôca, aquele Acaba-de-Querer, camarada do Zeferino... Levanta-se mui prontamente e com um ademão todo militar, toca com a direita no roto e velho chapéu e apresenta-me o cachimbo para eu acender o meu cigarro. Eu me volto rindo e pensando que êste pobre velho soldado cumpria melhor com o seu dever do que muitos officiaes a quem a segurança do campo é confiada, que, perdendo a noite ao jôgo, dormem profundamente às horas de alarme.

Chegando junto da minha barraquinha, não tornei a deitar-me e, passeando entre ela e a do compadre Delfino, me

entreguei todo à melancolia das minhas meditações. Encarando o céu, procurava no ocidente a lua, e no oriente a Alva; porém apenas se podia marcar daquela a altura pelo argenteo bordado das densas nuvens que a envolviam; desta apenas o trilho era conhecido pela aproximação dos diáfanos listões da aurora que, apesar da carregada atmosfera se deixavam ver. Esta lúgubre monotonia era de quando em quando interrompida pelo longínquo relâmpago que ao norte, rasgando as nuvens, parecia sumir-se nos abismos; pelo piar das corujas e o rouco grasnido dos pássaros que chamam dorme-dorme.

Estas imagens tristes me pareceram as da pátria e baixando à terra o pensamento que pouco antes contemplava o céu, principiei recordando essas cento e duas luas que, desde 20 de setembro de 1835, têm decorrido apadrinhando crimes e desgraças; nesse longo período em que as poucas sublimes almas, eminentemente amadoras da sacrossanta liberdade dos povos, se hão sacrificado em tudo e por tudo empós dêsse fantasma que sempre nos foge, vigorosamente tocado pelo turbilhão de egoistas e malvados, que com a máscara de patrióticas, roubam nosso ouro, jogam nosso sangue e arrebatam o precioso repouso das inocentes famílias.

Quanto a mim e os poucos honrados meus compatrióticas que com as virtudes de sua carreira pública hão normado a minha, tem sido para nós outros os belos dias da república o mesmo que é para uma sementeira a nociva fecundidade da terra.

Mas, embora! respire embora o ímpio o voluptuoso zéfiro da sua ominosa fortuna, que a virtude, essa pulcra deusa, tem em si mesma a recompensa que só pertence ao mérito.

Basta. Soou a alvorada nas cornetas, e suspendendo minhas meditações, tive de montar a cavalo para marcharmos. — Adeus — etc.

Campo nas Pedras Altas, no campo do Velede,
6 de abril de 1844.

Tanto que passamos o Candiotinha, fui observando que o terreno se ia insensivelmente tornando mais montuoso e

Observações
de Fontoura;
riquezas do
solo e sub-
solo; incúria
sobre tanta
riqueza.

árido; e cedendo a êste meu espírito de curiosidade e indagação, fui perguntando a alguns conhecedores do terreno pelas produções minerais desta parte do nosso país. Enlevado da narração de tão prodigiosa natural riqueza, mal podia atender ao pitoresco dos montes, à profundidade das cavernas e à geral desigualdade do terreno; aqueles povoados de grandes pedras, dentre as quais se elevam, pendentes, verdes arbustos, que, dando grata sombra ao sempre verde musgo, convidam o cansado viajante a dormir, depois de haver saciado a sede na água que, saltando de pedra em pedra, foge veloz e cristalina a esconder-se nas vizinhas grotas. O mais assentado das colinas estava revestido de mais ou menos pastagens, e assim é que, desde o Candiota até o campo denominado dos Amaro, corre uma linha do norte ao sul, cuja superfície é abundantemente povoada de preciosos minerais; o ferro, a capa-rosa, o carvão de pedra e o mais belo azul da Prússia têm aquí inesgotáveis minas. (*)

Uma outra linha de pedra calcárea, partindo de leste a oeste, parece atravessar êste jardim mineral, tomando a direção da serra de Asseguá, no Estado Oriental.

E é assim, pois, minha Clarinda, que, enquanto se degolam os homens pelo furor dos partidos fica inculta e indolente tanta riqueza, com que à nossa pátria foi pródiga a natureza!

O! tirania! ó egoísmo! fatais agentes únicos e primordiais do embrutecimento da minha querida pátria! Até quando zombareis das sinceridades dos povos?

Adeus, minha querida, contigo me consolo da injustiça do mundo. etc.

(*) Há um grande exagêro nessas informações fornecidas a Fontoura e por êle descritas. O principal das pedras de toda a zona (atual município de Cacimbinhas) são o granito e o gnéis. Tudo o mais que por ali aparece, é em quantidade diminuta, não comportando a exploração. Nosso consócio Dr. Francisco Rodolfo Simch, diz que os terrenos que vão das pontas do Gravataí, pelo Jacuí e Vacacá acima, até o rio Negro e pontas do Jaguarão são permo-carboníferos, com granitos, porfiros e gnéis. Caparosa azul e verde existe, em quantidade no Rio Grande do Sul, e mesmo nessa zona. Azul da Prússia, porém...

Campo nas Asperezas, 7 de abril de 1844.

O barão de Caxias continua marchando em nossa retaguarda, e hoje quando levantamos o campo podiam ser 10 horas do dia e não tinha da fôrça inimiga à nossa meia légua. Creio que êle nada empreende, porque mesmo não pode, pois sua coluna não excede a 1800 homens. Pela nossa parte, tanto que appareça oportunidade, o general não a desprezará e certamente lhe dará combate.

Caxias na
retaguarda
dos farrapos;
Fontoura
ainda acredita
em dar
combate.

Vai-se chegando o tempo de seguir para êsse lugar a co-madre Mariana, e eu desejo voltar à Música antes que siga, pois devo aproveitar tão boa portadora. — Adeus — etc.

**Campo na tapera do Estrugildo, na coxilha das Pedras Altas,
9 de abril de 1844.**

Ah! Já aí passou mais um dia sem te escrever. Foi ontem, que, chegando nossos bombeiros pelas 10 horas do dia, inda quando estávamos no alarme, por causa da cerração, deram parte de haver a coluna inimiga marchado na direção de São Francisco de Paula, com o que contra-marchamos e fomos acampar aquém do Veleda, em um arrôiozinho, ficando o nosso campo a menos de légua do inimigo, que nesse dia acampou mais cedo. Inda bem não havíamos armado barracas, quando nos chegou parte que o inimigo havia levantado o campo e que contra-marchava sôbre o nosso acampamento. Em consequência tivemos também de contra-marchar até a noite, motivo que me privou de te escrever.

Segundo
dia sem es-
crever; Ca-
xias marcha
em direção a
S. Francisco
de Paula;
marcha e
contra-mar-
chas; Teixei-
ra volta da
expedição a
S. Gonçalo; os
horrores do
Florishélo.

Volta o coronel Teixeira da diligência que se lhe havia encarregado ao outro lado do S. Gonçalo, sem nada haver feito, porque já o inimigo estava de tudo apercebido. Com o Teixeira ia também o Bento Gonçalves.

Não posso deixar de referir-te um caso atroz que hoje em marcha ouvi um certo coronel Nico de Oliveira contar aos dois generais, penalizando-me ainda mais a indiferença dos personagens ouvintes, e é o seguinte:

Mora neste distrito um tal Florishélo que sempre foi co-

letor e criatura do Almeida (*) durante o seu ministério, o qual tem por costume casar as filhas e passados tempos assassinar os maridos. Já isto havia feito a dois, do que teve por castigo a administração do distrito.

E esperando talvez um prêmio maior, ou por alimentar sua depravação e iniquidade, pouco tempo há que mandou por cinco negros matar o terceiro genro! A desgraçada filha e infeliz mulher, abraçada com o marido na ocasião em que o assassinavam, recebeu também uma grave ferida, porém não morreu e existe em casa do monstro, que de pai não deve ter o nome.

E é em um govêrno nascente e que se diz reto, que vemos tais iniquidades! Oh! meu Deus! E' muito! E me parece que, mesmo sem haver inda lido essa famosa composição dramática de Molière, eu tenho observado de tão perto os homens, e conhecido seus crimes tanto a fundo, que não exitarei um instante em dar razão ao Misanthropo dêsse filósofo. — Adeus — etc.

**Campo na tapera do Estrugildo, na coxilha das Pedras Altas,
10 de abril de 1844.**

O barão de Caxias tornou a continuar sua marcha pela estrada de Pelotas, e em consequência o general em chefe fez sair ontem o general Netto com uma brigada para o ir acossando, no entanto que outras partidas nossas se despren-

Caxias em
direção a Pe-
lotas; Netto
destacado pa-
ra segui-lo;
nova barra-
ca; abusos de
vários offi-
ciais; frio.

(*) Florisbello dos Santos Pereira, cuja provisão para coletor da "Fronreira de Jaguarão-chico" foi passada na "Cidade de Piratini em 6 de julho de 1837". A provisão é do teor seguinte: — "O cidadão Domingos José d'Almeida, Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios da Fazenda e Presidente do Tribunal do Tesouro Nacional, etc. Sendo de urgente necessidade a criação de uma Coletória na Fronreira de Bagé que receba os direitos pertencentes a este Estado, concorrendo na pessoa do Cidadão Florisbello dos Santos Pereira os requisitos necessários para um tal emprêgo e conhecer no mesmo adesão que professa a nossa sagrada causa. O nomeio Coletor da referida Coletória de Bagé, que terá vigor enquanto convier ao bem do Estado, e servirá na forma das Leis e Ordens existentes, vindo prestar juramento immediatamente que possa. Dada e passada" etc. Eu João José Dias da Cruz Miranda escrevão interino do Tesouro o escreví. — **Domingos José de Almeida.** — Provisão pela qual V. Exa. aprova a nomeação de Coletor d'impostos para a Coletória de Jaguarão-chico, do Cidadão Florisbello dos Santos Pereira, para Coletor da mesma Coletória. — Para V. Exa. ver."

deram a reunir gente e cavalos, tendo por isso de estarmos por aquí alguns dias até que se verifiquem as junções das diferentes reuniões de forças que existem fora; para então, segundo penso, seguirmos para o município de Alegrete, o que desejo seja breve, não só por escrever-te pela comadrinha Mariana, como por ver nossos compadres da divisão do general João Antônio, que a esta hora já os faço naquele município.

Já sabes que, de ora em diante, temos de contar a 10 de abril como aniversário de grande gala! Pois temos! E a razão é que, tendo-se estragado a minha barraquinha por ser de uma baeta não muito nova quando a fiz, recebi hoje, e pela primeira vez, da fazenda nacional 12 varas de algodão azul trançado, em conta dos meus vencimentos, para fazer outra! Quando apresentei a ordem ao comissário para dar-me o algodão, me disse êle que 12 varas era pouco e que ninguém pedia menos de 16 ou 18 varas; e eu lhe disse que não só chegava, como que inda havia de sobrar para uma calça do piá. E assim mesmo é, porém a maior parte destes meus senhores, querem fazer um sobrado e não uma barraca; seguindo-se o mesmo quanto ao mais; é por isso que eu não cesso de lhes

Florisbello, porém, não ficou Coletor por muito tempo, pois com data de 14 de dezembro do mesmo ano de 1837 encontramos um officio assinado por Francisco Moreira da Silva Verde, Inspetor do Tesouro, demittindo do cargo de Coletor ao cidadão Florisbello dos Santos Pereira, conforme foi deliberado em sessão do Tribunal do Tesouro, em 12 de dezembro. Em seu lugar foi, na mesma ocasião nomeado "o cidadão Vasco Amaro da Silveira a quem immediatamente entregará dita Coletória", e com a intimação de apresentar-se no prazo de 20 dias na Repartição afim de prestar contas.

Com data de 9 de janeiro de 1838 encontramos um documento firmado por Francisco Moreira da Silva Verde e José Maria da Silva, declarando ter sido entregue pelo ex-coletor de Jaguarão-Chico, Florisbello dos Santos Pereira a quantia de 40\$473. — E nada mais encontramos a respeito desse cidadão que Fontoura condena e dá como "criatura do Almeida" (Domingos José de Almeida), dizendo "que sempre foi coletor" durante o ministério deste. Almeida, porém, foi substituído por Côrte Real, pois com data de 30 de janeiro de 1838 encontramos um officio ao "Ilm.º e Exm.º Sr. Afonso José de Almeida Côrte Real — Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda". Mas Almeida voltou, mais tarde, ao Ministério da Fazenda. Encontramos officios assinados por êle, no O POVO, em setembro de 1838, mas já em fins de novembro desse mesmo ano, assina novamente como Ministro do Interior, somente.

aplicar aquele camponês ditado — que o cão, quanto mais magro está, mais pulgas junta.

Já tem feito dias bem frios e hoje ao amanhecer quasi que se julgava ver geada. — Adeus — etc.

**Campo na tapera do Estrugildo, na coxilha das Pedras Altas,
11 de abril de 1844.**

Discrição de
Fontoura;
formas de
governo; len-
ço com as
armas da re-
pública.

O assunto desta carta, minha Clarinda, vai ser dedicado ao nosso pai e compadre velho Pôrto ⁽³⁰⁾. Quero que digas a êle que não repare eu não lhe escrever dando-lhe notícias certas e bem circunstanciadas dos combates, das operações e dos sucessos da presente guerra, o que muito de propósito tenho deixado de fazer, não por falta de desejos de instruí-lo de tudo, mas sim porque conheço o seu gênio sincero e franco e que uma leve indiscrição de transmitir a outrem as notícias que eu lhe desse, o podia de novo comprometter, dando-me demais o dissabor de ser eu o causante; eu que todos os dias faço votos ao céu para que jamais êle se envolva em questões políticas, e que no seio de sua família desfrute o único e sólido bem que pode o homem gozar neste mundo — o de promover a felicidade de sua espôsa e filhos; porque esta ou aquela forma de governo não é o que faz a felicidade dos governados: por exemplo, o império do Brasil, cuja forma de governo é monárquico-mixto, que bens há trazido à terra de Santa Cruz? — a escravidão, a depravação, o roubo e a morte! E que culpa se pode attribuir aos princípios proclamados? Nenhuma, e sim aos homens do governo e tribuna brasileira: aqueles, ineptos, ambiciosos, incoerentes, iníquos e malvados, têm feito correr a jorros o sangue brasileiro. E estes, enxovalhando sua alta missão, sacudiram primeiro o facho da discordia, apoiam vil e baixamente as facções que agitam diariamente no Rio de Janeiro os que, por serem membros do executivo, têm cometido toda a sorte de degradações...

(30) José Gomes Pôrto (N. R.) (*)

(*) E' o pai do general Portinho (depois brigadeiro), da espôsa de Antônio Vicente da Fontoura e da de José Antônio da Fontoura.

Recordemos agora a nossa forma democrática, que os mecenias da revolução de 20 de setembro fizeram proclamar. Esses princípios, tão altamente elogiados, terão por ventura influído na rapina, tirania e iniquidade da mor parte de nossos diretores? Certamente que não. Sua nenhuma virtude, seu nenhum juízo, bem como no império do Brasil, são só o único agente de todos os nossos males, os quais são todavia mais estirados por falta de illustração dos povos...

Não estão aí a Suécia e a Norte América? Que diferentes que são seus governos e que felizes que são estes dois povos sob regimes e princípios tão opostos! Mas aí há virtude, há saber e moral.

Em vista disto, quem poderá ver sem dó sacrificar um pai de família, para sustentar esta ou aquella forma de governo, com cuja mudança só lucram os especuladores, os egoistas e os malvados, que, de antemão, têm fascinado a credulidade do povo, turvando com o sangue fraterno as águas para a sua pescaria.

Ah! pede-lhe que em nada mais se envolva, que cuide de si e dos seus.

Há mais de um mês que um amigo, morador em Pelotas, mandou-me um lenço de sêda com as armas da república, lindamente desenhado, e tanto que o recebi fiz tenção de te o mandar pelo primeiro portador, porém tenho pensado nisto tanto, lembrando-me que o compadre, em vendo, logo há de querer mostrá-lo, que vacilo se o devo ou não mandar, temendo que que não vá isso ser um motivo de nova perseguição para êle; porém eu mando e tu toma cautela.

Já tenho sido bastante estenso, e por hoje basta. — Adeus — etc.

Campo na coxilha das Pedras Altas, junto à tapera do Estrugildo, 12 de abril de 1844.

Hoje estava eu rebuçado com o teu palinha e me estava lembrando que devo mandá-lo pela comadrinha Mariana porque o inverno nos bate à porta e eu sei como tu és acanhada para fazeres roupa para ti, e que por casa não hás de querer usar da capa, e nem fazer outra mais grossa, limitando-te

Lembranças
do lar; demo-
ra no lugar.

simplesmente a algum chales grande que não é bastante para impedir o frio, e mormente agora que a tua enfermidade requer muito resguardo do ar. E sempre todo o dia com isto na imaginação, resolví fazer esta remessa quando fôr a comadre, e inda mais porque me parece que com êste ponchinho por casa e na chácara, onde creio que estás habitando, hás de ficar com o braço doente bem coberto e muito engraçada! Com um ponchinho! E, se não gostares dêle, quando eu fôr lhe darei uso. O peor, é que vai crescendo nossa demora por estes lugares, e temo por isso não encontrar na Música a comadrinha; porém como é muito estremosa pelo marido e êle aquí está, é mui provável que inda por mais um mês o espere. — Adeus — etc.

Campo nas Pedras Altas, 13 de abril de 1844.

Si a memória me não engana, creio que já em uma de minhas cartas eu havia prometido não declamar mais contra os homens; mas foi vã a promessa, porque nem mesmo o Job silencioso passar podera por tanta iniquidade.

Nem Job!
— Primeiras
acusações
contra a vida
de Canabarro
no acampamento.

Por exemplo, hoje que casualmente acampeei em uma colina, fazia que a vista passasse sempre rápida pelo acampamento, procurando-lhe um descanso amigo no viçoso verde de uma reboleira de vimes que me ficam à direita e que tanto invejo não poder transplantar para um sítio que fôsse nosso; porém minha imaginação sempre ardente e incansável com as cousas da pátria, me rouba êste descanso que ávido procuro, volvendo-me o pensamento e a vista ao acampamento de onde longe viver quisera, por não testemunhar tanta inação, desmazelo e miséria!

Que mudáveis que são, minha Clarinda, os homens! Esse em quem firmávamos nossas derradeiras esperanças (e que sabes quem é) como de certo tempo a esta parte há largado todas as rédeas de suas paixões! O homem pensador se julgaria aquí numa nova dissoluta Capúa ou dentro de um bilhar! (*)

(*) Refere-se Antônio Vicente aos amores de Canabarro com a célebre Papagáia, que mais adiante, denuncia claramente.

Basta! Quadros tão lutosos, bem é que entreguem-se à noite do esquecimento. Ah! quando hei de ver raiar a divina aurora dêsse dia em que, para sempre desligado das cousas públicas, me empregue só de ti, dos filhinhos, dos parentes e amigos, si amigos existem inda neste mundo! Doce esperança! toma-me em teus braços e com a imagem da pátria me consola!

Campo nas Pedras Altas, 14 de abril de 1844.

Estou cansado de tanto escrever hoje e é por isso que apenas faço quatro regrinhas nesta carta. — Adeus — etc.

Campo em frente às Pedras Altas, 15 de abril de 1844.

Hoje teve o compadre Carvalho licença para seguir a êsse distrito e depois de estar vacilante se iria ou não com êle resolví não ir, em razão de ter muita precisão de juntar-me com os compadres Frutuoso e Juca, e inda agora me posso desencontrar dêles; e como sei que o Juca tem de ir infalivelmente, me guardo para ir com êle. No entanto o Gabriel me pede para ir já, e eu por êle vou aproveitar a ocasião de te fazer remessa de tudo quanto pela comadre Mariana tencionava mandar. No entanto aproveitarei o tempo em arranjos que nos são muito precisos, e que te dirá o Gabriel — Adeus — etc.

Carvalinho
com licença
de seguir pa-
ra Santa Ma-
ria.

Campo em frente às Pedras Altas, 16 de abril de 1844.

Ora pois, já toda a minha escrita que tinha a fazer para o Gabriel levar para êsse lugar está pronta, e todavia inda talvez eu seja de tudo portador, porque agora mesmo estive dizendo aos compadres Delfino e Carvalho, que amanhã se adiantam para a Música, que, no caso de que o Juca e Frutuoso já estejam por alí, me mande um próprio aquí no exército para eu ir e seguirmos então todos; se assim fôr, breve te verei. — Adeus — etc.

Fontoura
tem esperan-
ça de visitar
a família.

Campo em frente às Pedras Altas, 18 de abril de 1844.

Chuvvas; re-
mete diver-
sos objetos e
cartas à es-
pôsa.

Ontem todo o dia choveu e deixando o escrever-te para a noite, não o pude fazer por causa de continuar a chuva e um vento fortíssimo que não deixava parar vela acesa na barraca. Isto pois foi a causa que me privou de escrever ontem a minha carta.

Continua ainda a chuva e por isso é que o Carvalho inda não seguiu.

Pelo Gabriel te mando o palinha, o lenço com as armas da república, os cadernos de cartas n. 13, 14, 15 e 16; e digo que receba da comadre Mariana as 15 onças e uma moeda de quatro patações que eu lhe havia entregado para te levar, e junto ao mais que leva para te entregar. — Adeus — etc.

Campo, 19 de abril de 1844.

Sòzinho;
curtas mar-
chas em di-
reção a Bagé.

Estou só, sòzinho. Hoje marchou para êsse lugar o Gabriel e também foi o Delfino. Compridas horas são as que vou contar até a volta do Gabriel, que tanto desejo quanta é a avidez de receber notícias tuas.

Vamos marchando, porém a curtas marchas, na direção de Bagé e com isso gôso da esperança de mais pronto reunir-me com nossos compadres na divisão de João Antônio — Adeus — etc.

Campo, 20 de abril de 1844.

Longas pa-
radas em um
mesmo cam-
po; curiosi-
dade e ale-
gria na famí-
lia Fontoura.

Estes dias que se pára em um mesmo campo, sem fazer alguma marcha, são para mim parecidos a um século! E' tanto quanto avalio quanto deve ser para ti mais penosa a nossa cruel ausência, tu que, entregue à pensionada lida da casa, te reconcentras e te consomes com a imaginação sempre cheia de infortúnios.

Ah! minha Clarinda! Passeia, faze por distrair-te, pois que sem isso só agravarás a tua enfermidade.

Agora me estou eu recordando da circunstanciada inda-

gação que tens de fazer ao Gabriel... Me parece que te estou ouvindo conversar com êle, que vejo teus gestos; e por último me rio das travessuras com que minha amiga imaginação me ilude e consegue enfim um alívio à custosa ausência.

Também vejo a Benta, com mais subtileza, inquerindo com avidez do Gabriel todas as marchas, combates etc. do João Antônio... mas não do João Antônio, e sim do Juca. A comadre, as meninas, também em tórno do mesmo Gabriel, vão a um tempo inquerindo do seu velho ferimento, ao que êle responde, em tom guerreiro: — Não foi nada; foi um arranhãozinho!

E logo o compadre entra também com o seu: — Quê! Por Deus! Por Deus! Como foi? Não pode ser. Por Deus, homem!

Por entre uma porta surge a velha comadre Libania, com a bôca meio aberta, e rindo-se diz: — Adeus, su Gabriel! O su compadre não veio?

Mais ou menos, há de ser êste o recebimento do Gabriel, e que pezar tenho eu de não estar presente. — Adeus — etc.

Campo no Candiôtinha, na estância da Conceição, 21 de abril de 1844.

Não te falei eu já em uma de minhas cartas, na impuni-
dade de um Florisbello, que costuma casar as filhas e depois
matar os genros? Pois vi hoje êste monstro; teve a desfaça-
tez de vir ao exército e já munido de novos crimes.

O general Canabarro mandou tirar cavalos, pelo tenente-
coronel Cabral, oriental que está ao nosso serviço, e tocando
êste no distrito da estância do tal Florisbello, mandou uns
três homens pedir-lhe uns cavalos para principiar o serviço;
êle respondeu que não dava, e em consequência e pelo abu-
sivo hábito adquirido, os referidos soldados vão ao campo e
pegam alguns cavalos do tal monstro; e logo êste aparece
acompanhado de uns 18 ou 20 celerados, e sem mais averi-
guação, manda carregar nos três soldados; dois correm, e
um fica morto. O Cabral, sabendo disto, com o resto da gente
vai sôbre os matadores, que, pressentindo-o, fogem e a toda

Conflito
com Floris-
bello e gente
de Cabral por
causa de ca-
valos; resis-
tência; des-
moralização
por falta de
disciplina;
Florisbello no
acampamen-
to; absolvido;
fraquezas de
Canabarro;
Fontoura rí-
gido e som-
brio; revolta
intima.

a brida se vão asilar na casa do Florisbello, a qual é logo posta em sítio; porém como esta casa é uma espécie de fortaleza, circulada de um largo muro, em cujos quatro cantos tem uma espécie de pequenos baluartes, dos quais se pode fazer fogo sem risco algum, aí se fez forte e não se entregou à prisão.

Cabral manda parte ao nosso acampamento, que distava apenas três léguas; o general manda o coronel Amaral e alguns infantes, afim de entregar-se à prisão, visto que êle dizia que não se entregava porque não conhecia o Cabral. Baldadas esperanças! Vai o Amaral, fica o assassino absolvido, e em uma carta oficial manda o general a arenga desculpatoria do seu protegido que dizia mais ou menos: "O cidadão Florisbello não vai, porque está muito incomodado, etc. etc."

Não sei o que resolveu então, o Canabarro, porém o Amaral voltou e o Senhor do castelo não veio.

Já se haviam passado 7 ou 8 dias, quando hoje se apresenta ao general com uns quatro negros armados, dizendo que vinha obedecer ao seu chamado, por já estar melhor; antes porém de falar ao general, foi à barraca do Bambaqueré ⁽³¹⁾, deu-lhe uma grande mala de biscoutos que em um momento foram logo devorados por êle e seus caudatários; e antes da tarde, voltou mui lampeiro e eminentemente habilitado para fazer outras.

E o mais é que, além de tudo, teve o arrojo de apresentar-se com uma farda de Guarda-nacional da república, enxovalhando, também a seu turno, essas três côres que há muito têm tornado safadíssimos seus vis protetores.

O pobre Canabarro, eu o desculpo. Eu não me posso persuadir que sua índole justiceira ficasse em paz com tão revoltante impunição. Porém êle se tem anulado e de dia a dia se torna mais débil para cortar os abusos e iniquidades de seus predecessores. Humana raça, eu te lastimo.

Ah! minha Clarinda, eu jamais tive uma alma melancólica; tu bem o sabes, e quem me tem feito tão rígido e sombrio para com a maior parte dos homens, senão a sua mesma per-

(31) Alcuinha de Bento Gonçalves.

fídia? Não obstante eu lhes perdoaria todos os males que me têm causado; porém, quando me lembro daqueles que tu e os nossos filhinhos estão sofrendo, e dos que diàriamente atormentam tanto honrado e virtuoso patricio, me exaspero e junto meus clamores aos seus.

Ah! basta, que afinal assuntos semelhantes me dão horas de dissabor; mas êste coração meu, sempre atento aos alheios males, não só me arrouba a alma, como combate vantajosamente a calculadora razão. — Adeus — etc.

Campo no Candioteinha, na estância da Conceição, 22 de abril de 1844.

Hoje mais que nunca tenho sentido todo o poder da saudade... Em nada achava distração. Já de aborrecido pego na pena e entro a fazer umas letrinhas — **A Saudade** —. Nem consoantes eu achava, quando, de improviso, me lembro que, em algum serão das noites de inverno hei de ouvir tu cantares estas mesmas letrinhas e naquele tom com que costumavas cantar a **Veloz Borboleta**; e por tal lembrança, ou porque quisesse a saudade também uma homenagem, afluiram tanto as consoantes que, sem saber como, em um instante, fiz o hino seguinte:

Aos golpes da sorte
resiste o meu peito,
e só à saudade
se rende sujeito.

Austera saudade,
não tens razão;
dominar queres
no meu coração.

Julgas acaso
que, por distante,
possa esquecer-me
da espôsa amante?

Austera saudade,
não tens razão;

Fontoura
aborrecido;
inspiração;
versos para
a espôsa can-
tar.

ela está sempre
no meu coração.

Não tenho na idéia
os gestos meiguinhos,
bem retratados,
dos caros filhinhos?

Austera saudade,
Não tens razão;
Eles têm parte
No meu coração.

Mas, ah! que delírio
tenho na mente!
Não! não me deixes,
amiga inocente!

Meiga saudade,
por compaixão,
domina e impera
no meu coração!

Contigo sou forte,
redobro o vigor;
afronto o destino
e o fado traidor.

Meiga saudade,
divisa e braço
da alma sensível,
do bom coração!

Inda bem não estava de todo escrito o hino, quando vem o Jacinto, o pobre Jacinto que sempre se lembra de mim, trazer-me um mate. Mais distraído já e mais aliviado, quanto melhor achei o mate em comparação dos poucos e desgostos bocados que do almôço havia tomado! E assim vou passando a vida, si é que viver se pode, ausente de tudo quanto amamos. Porém, consolado com a idéia de ouvir-te cantar essas letrinhas e às filhas as outras que mandei, vou iludindo a sorte e também a mim. — Adeus — etc.

**Campo ao norte do Candiotinha, em frente à Conceição, 23
de abril de 1844.**

Hoje apenas se mudou o campo para esta parte do ar-
rôio, e o general está resolvido a esperar o barão de Caxias,
que dizem foi ao Rio Grande prover-se de abastecimentos pa-
ra para passar o inverno na campanha; e para que êle não
tenha o incômodo de nos ir procurar mui longe, é por isso
que se vão demorando as marchas.

Canabarro
fala em pro-
curar encon-
tro com Ca-
xias.

Cinco dias tem passado depois que seguiu o Gabriel, e sé-
culos me parecem pela ansiedade com que espero notícias
tuas. — Adeus — etc.

**Campo ao norte do Candiotinha, em frente à Conceição,
24 de abril de 1844.**

Não houve hoje mudança de campo, e segundo me parece,
nossa demora por esta fronteira será mais prolongada do
que eu pensava.

Hoje levei o dia a fazer um traslado para a Lindoca e não
acabei por me ser preciso parar algumas vezes no debuxo
que em roda do mesmo estou fazendo, não sei se por ter ver-
dadeiramente falta de vista, ou si por ser todo o desenho de
preto, me cançava mais a vista. Porém, qual! Isto é dos
anos. Venham êles, e tomara já fazer-te companhia de ócu-
los. E como não nos fará caretas a Bindunga! — Adeus — etc.

O exército
revolucioná-
rio prolonga
sua demora
na fronteira;
Fontoura fa-
zendo dese-
nho para a
filha.

Campo em frente ao Veleda, 25 de abril de 1844.

De dia não te escreví, porque marchamos hoje um pouco,
e quando acampamos, voltei ao traslado da Lindoca, que,
quando o deixei, já estava o sol entrando; fui ceiar e depois
procurando um resto de vela de cera que inda tinha para ler
hoje, não o encontrei por se haver esquecido dêle o Jacinto no
lugar onde levantou hoje a minha barraca; e como a que
está agora acesa é de sebo e muito mal feita, não contínuo
por isso com esta carta. — Adeus — etc.

Continua a
trabalhar no
desenho; fal-
ta de boa ve-
la.

Campo no Valerio, 26 de abril de 1844.

Chegam ao acampamento dois ministros; o presidente escondido no mato; acusações a José Mariano; abdicação de Bento Gonçalves.

Hoje se nos reuniram os ministros Lucas ⁽³²⁾ e Viana ⁽³³⁾ ficando escondido nos matos de Piratiní o presidente in nomine José Gomes e o seu inseparável compadre, o pardo José Mariano, no entanto que os rio-grandenses não só arrostando os perigos e sofrendo mil privações, como continuam ausentes de tudo que lhes é caro.

Porém o malvado pardo, que esta tragédia dirige (oh! infâmia!) será só culpado de acontecimentos tão infamantes? Por certo que não; pois, em agosto do ano passado, quando tratavam da mudança de governo, eu de Candiota escrevendo a Canabarro e verbalmente fazendo sentir a João Antônio, disse que essa mudança, a que desde logo chamei abdicação não só era improfíqua, (*) como o resultado dos secretos manejos e intrigas do José Mariano; que colado José Gomes na presidência, não era este, mas sim aquele o presidente de fato, e que este regime seria então o mais borrascoso, porque a sinceridade e incapacidade mental de um, reunida à má fé, hipocrisia e vingança do outro, trariam nossa total ruína... Enfim parece que nessa ocasião só ouviam o gênio do mal: consumou-se a abdicação, e a meu pesar vou vendo realizar minhas profecias (**). — Adeus — etc.

Campo no Baú, 27 de abril de 1844.

Pouco caso ligado à artilharia; às voltas com peças!

Esqueceu-me dizer-te ontem que chegou-nos uma peça que estava escondida e hoje em marcha já a quebraram, graças à estupidez, má vontade e preguiça do comandante de di-

(32) Manuel Lucas de Oliveira.

(33) José Francisco Vaz Viana, ministro da Fazenda.

(*) Refere-se ao fato de ter Bento Gonçalves passado a presidência da República ao vice-presidente José Gomes de Vasconcelos Jardim, homem de idade avançada. Bento Gonçalves, na sua proclamação alegava motivos de doença. Simples pretexto este; pois a nosso ver a causa foi bem outra: a guerra que lhe movia o partido dissidente, cujo chefe era Antônio Vicente da Fontoura.

(**) Nota-se aí o espírito justiceiro de Fontoura. Embora inimigo de Bento Gonçalves a quem chama de "infame" e "vil", reconhece nêles qualidades de mando para chefe da nação.

visão Silvano (*), que em nada cuida de suas obrigações. O general está mandando concertá-la, porém pouco nos durará.

A propósito: como não está nesta fôrça o peça, o tram-bolho infernal José Mariano, — veiu essa para nos estorvar, a-pesar-de ser de calibre 3; pois hoje em marcha, por causa dela, foi preciso parar uma boa hora, incidente que ocasionou chuparmos uma grossa pancada de chuva antes de acamparmos, pelo que inda estou com o poncho e botins todos molhados. Que sempre me perseguem as peças... — Adeus — etc.

Campo no Baú, 28 de abril de 1844 (**)

São oito horas da noite e agora é que te posso escrever, pois um quarto de hora haverá que me deixou aquela minha horrível dor de cabeça, que por todo o dia me atormentou; e bom foi não mudarmos hoje de campo, pois ao contrário teria de sofrer mais as horas de marcha, que seriam de um verdadeiro suplício.

Dor de cabeça: vai se esboçando a paz; considerações de Fontoura.

Houve hoje conselho de oficiais superiores ao qual não pude assistir pelo motivo referido; porém seu objeto é — para enviar-se uma deputação ao govêrno brasileiro, oferecendo-se por acomodação a federação; devendo os comissionados seguirem mesmo ao Rio de Janeiro. Ora pois, isto que, em setembro do ano passado, se podera ter feito e já estar a província em pleno sossêgo, não o quizeram êsses imundos mashorqueiros do Bambaqueré, só porque representavam na cena Severino Antônio e Pedroso, que não pertenciam ao seu círculo; logo que se publiquem os nomes dos que forem a tal fim comissionados, te farei ver. — Adeus — etc.

(*) Coronel Silvano José Monteiro de Arruda e Paula.

(**) Baú. Antônio Vicente da Fontoura, como aliás, todos inclusive geógrafos, escreviam o nome do Cerro do Baú com h “Bahu”, o que estava completamente errado. Justificando essa grafia, davam como origem, a forma abaulada de “baú” ou arca que tem o cerro. A origem, porém, é bem outra e nada tem que ver com a palavra portuguesa. Aurelio Pôrto, com quem estamos de acôrdo, diz que o nome do Cerro do Baú vem do minuano **baú**, que significa Cerro, ou **baum**, que tem o mesmo sentido. (Veja-se o MINUANO NA TOPONIMIA RIO-GRADENSE, por Aurelio Pôrto, in “Diário de Notícias, de 23-7-931).

**Campo nas pontas do Arrôio Velhaco, em frente ao Bolena,
29 de abril de 1844.**

Hoje estou satisfeitiíssimo. Chegou parte oficial de ter feito junção com o Guédes o general João Antônio, a 21 do corrente à noite; e que juntos marchavam a bater o major Fernandes, que estava por Toro-passo com 400 homens, o que, se conseguem, é iminente a completa derrota de Bento Manuel; pois que, batida aquela força, fica a sua divisão reduzida a 200 homens de cavalaria e um só batalhão, visto que o Guedes, na mesma data de 21, participa ter batido e derrotado completamente no passo do Cordelro, em Quarai, ao major Vasco Alves, matando-lhe 26 homens e fazendo 17 prisioneiros, inclusive um alferes, e trinta e tantos cavalos ensilhados.

Nossos compadres estão bons, nenhum dêles me escreveu porque o próprio saíu de noite, porém o incançável amigo Frutuoso recomendou muito ao próprio que me procurasse e que me desse exatas notícias de todos.

Tinha-me esquecido dizer-te que, a 23 ou 24 do corrente, soltou o general todos os oficiais imperiais que foram prisioneiros na derrota do Moringue; (*) mandando-os acompanhar por um oficial nosso ao quartel general do barão de Caxias, para serem trocados por outros tantos oficiais nossos que se acham presos no Rio de Janeiro, troca que o mesmo Caxias propos.

Será possível que tenha chegado a hora de Bento Manuel pagar seus delitos... e alí mesmo em Alegrete! Talvez. O céu não dorme, e o estermínio do ímpio corre parelha com sua falsa glória.

Abraça nossos queridos filhos, e mil saudades a todos.
— Adeus — etc.

(*) Refere-se ao combate do Cerro da Palma, em que Chico Pedro foi derrotado pelo coronel Amaral. Veja-se carta de 18 de março de 1844.

Guédes faz junção com João Antônio; heredita na derrota de Bento Manuel; o major Vasco Alves derrotado; todos estão bons; prisioneiros legalistas libertados por meio de permuta.

**Campo nas pontas do arrôio Velhaco, em frente ao Bolena,
30 de abril de 1844.**

O general Netto com o 8.º corpo de guardas-nacionais e vários contingentes de outros corpos marchou hoje, com ordem de ir crear outra divisão além do Camaquã, devendo tocar pela Encruzilhada, circunvisinhanças de Rio Pardo e Xarqueadas. Veremos o que faz; pois, se trabalhar com energia, o resultado será vantajoso.

**Creação de
outra divisão
revolucionária.**

O barão de Caxias deixou a fôrça acampada na Orqueta e foi a Pôrto Alegre, mas talvez já esteja de volta. Julgo que agora nossa demora por esta parte será de poucos dias, e eu desejo que seja de minutos. — Adeus — etc.

Campo nas pontas do Velhaco, 1.º do maio de 1844.

E' noite e toda a tarde estive a fazer recomendações ao nosso compadre Jordão, que aquí chegou de volta para o Rio de Janeiro e São Paulo, afim-de que, em tornando à província, me traga o Juca, inda que seja prêso, pois que muita falta me traz para dar um impulso aos meus negócios; êle me prometeu muito e, como volta breve, tenho esperanças. — Adeus. Vou dormir que estou com muito frio.

Visita: frio.

Campo no Bolena, 2 de maio de 1844.

Foram nomeados para membros da comissão que devia fazer em Bagé os artigos ou proposições da acomodação que deve levar o enviado, os seguintes: Vigário Chagas, Luiz Boticario e o pardo Matos, nomeação que não só prova a coacção do ministro Lucas, como sua debilidade em política, e isto a-pesar-de ser no campo da batalha uma espada valente contra os inimigos do seu país!

**Proposição
de paz; con-
siderações de
Fontoura.**

O mulato com o intento de demorar toda e qualquer via de pacificação, respondeu audazmente que estava doente e que a intriga de que fôra vítima e má recompensa de seus anteriores serviços o impossibilitavam de fazer novos sacrificios, recomendando, bem como o tonto José Gomes, que no-

meassem o Almeida... Em vista do que, tomando o mesmo Lucas sua atitude de dignidade, resolveu aproveitando o tempo que assás é precioso, dar ao comissionado as precisas instruções, ajudado pelo Chagas e alguns amigos, desprezando a nomeação do conselho, atento o indicado inconveniente.

O enviado que deve ir ao Rio de Janeiro é o Dr. Joaquim Vieira da Cunha. Veremos o que resulta, pois que meus patrícios estão inda mui fascinados pelas lágrimas dos mashor-queiros crocodilos. — Adeus — etc.

Campo no Bolena, 3 de maio de 1844.

Saudades e
reflexões de
Fontoura.

O estado de incerteza é o mais aflitivo que pode atribular o coração que ama, e tão certo é para mim êste pensamento e tão amargo quanto são compridos os minutos que passam na contemplação do teu atual estado de saúde.

Em vão procuro enganar os meus pezares, representando mui possível teu restabelecimento, já pela salubridade do ar que ora respiras, mil vezes mais saudável que o de Alegrete, e já por estares entre pessoas de nossa família; com mais sossego de espírito e finalmente ao abrigo dos recursos da arte; porém depois de ter formado tão plausíveis combinações, destruindo mil obstáculos que a cuidosa imaginação a custo distribui, para a razão aplainar, lá vem a maldita incerteza e com um só adejo de suas negras azas, evapora o tênue sossêgo que a tanto custo me propunha gosar... Então só acho possível ter descanso quando voltar a São Gabriel. — Adeus — etc.

Campo na estância do Fernando de Freitas, 4 de maio de 1844.

Teixeira
envia 14 pri-
sioneiros; o
inimigo con-
tinua acam-
pado; expedi-
ção malogra-
da.

O coronel Teixeira, que o general havia feito seguir com 40 homens a emboscar-se junto de Pelotas acaba de fazer chegar a êste campo hoje 14 prisioneiros que tem feito e batido várias partidas. O inimigo inda continua acampado, porém preparando-se como para sair para a campanha.

João Antônio e Guêdes não conseguiram bater o major Fernandes, por se ter retirado com muita velocidade logo que soube da junção. De nossa parte, nos estamos também preparando. — Adeus — etc.

Campo na estância do Fernando de Freitas, 5 de maio de 1844.

Pretendo seguir amanhã até Bagé para aprontar-me de alguma roupa que necessito, e como soube que ali há caixinhas de tinta pequenas para vender, deixei de acabar a preto o traslado da Lindoca para o concluir a outras côres. Também te hei de pintar alguns acampamentos dos meus, afim de assim melhor sofrer as saudades. — Adeus — etc.

Tenho de
ir a Bagé fa-
zer algumas
compras.

Bagé, 6 de maio de 1844.

Acabo de chegar a este povo; não quis hoje ficar na casa do Luiz Machado, a-pesar-de suas instâncias, e vim para a costa do arrôio onde tenho minha barraca e cavalos, porque aqui estando eu, sempre os camaradas cuidam melhor dos seus deveres. — Adeus — etc.

Fontoura
em Bagé.

Bagé, 7 de maio de 1844.

Ontem quando chegava a esta povoação, encontrei com uns próprios do compadre Carvalho, que me informaram como êle com os seus 35 homens derrotou ao José Joaquim (*) com 200 e tantos na estância do Carlos Borges, junto de Santa Maria.

Os impe-
riais sofrem
uma derrota;
carta do Ga-
briel.

Hoje recebi uma carta do Gabriel escrita de Santa Vitória, em que me conta muidamente o acontecimento que deixo de referir porque o mesmo Gabriel já deve ter estado aí.

Hoje vou ficar na povoação em casa do compadre Machado, porque o tempo se está arruinando, faz muito frio e êle Machado insta para que eu ali esteja alguns dias. — Adeus — etc.

Bagé, 8 de maio de 1844.

Vês tu o pássaro a quem foi roubada a liberdade e que, a-pesar-de ter melhor comida e água, na gaiola se conserva sempre triste, até que o costume o vai pouco e pouco fazen-

Todos es-
tranham o
sembiante
sempre me-
lancólico de
Fontoura.

(*) José Joaquim de Andrade Neves.

do esquecer da liberdade que perdeu? Pois quasi que o mesmo me tem acontecido, porque a-pesar-de ter sido muito bem tratado em casa do amigo Machado, não sei porquê conservo um ar sempre melancólico que é de todos os meus conhecidos estranhado. Aquí estou passando estes poucos dias livres ao menos das privações da campanha. — Adeus — etc.

Bagé, 9 de maio de 1844.

São 11 horas da noite e apenas te escrevo duas regrinhas, porque estou com muito sono e até cansado de tanta conversa, Sim, eu estava já acostumado ao retiro da minha barraquinha, e alguma cousa sensível me tem sido ter de cumprir com os deveres da civilidade para com um sem fim de conhecidos que se reünem sempre à noite nesta casa. — Adeus — etc.

Fontoura
cansado de
tanta conver-
sa.

Bagé, 16 de maio de 1844.

Tem a 5 dias constantemente chovido e por essa razão não tem cessado de haver jôgo nesta casa por cujo motivo ficando occupada a sala onde dormimos, dia e noite, não me tem sido possível escrever as minhas cartinhas.

Passam 5
dias sem es-
crever, por
causa do
jôgo na casa
em que esta-
va parando;
muita chuva;
Caxias levanta
acampamento.

A primeira noite joguei e como ganhasse uns 90 patações, não tenho querido jogar mais, porque estes me chegam para vestir alguns camaradas que tenho e surtir o meu carregueiro, pois amanhã devo seguir para o exército.

O barão de Caxias no dia 11 do corrente, levantou o seu acampamento da Orqueta, e dizem-me que marcha outra vez para a campanha. — Adeus — etc.

Campo nas pontas do Camaquãzinho, 18 de maio de 1844.

Fez esta noite um frio terrível e si o inverno assim principia, ai dos nossos soldados, que por incúria, indolência e incapacidade de nossos governantes, estão quasi nós!

Frio intenso;
nudéz dos
soldados; incúria.

Si faltassem os recursos... Porém havendo-os, é seguramente mostrar de sobejo que hoje em dia só se trabalha por honra da firma... — Adeus — etc.

Campo nas pontas do Camaquãzinho, 19 de maio de 1844.

Grande para mim já é a demora do Gabriel, e inda para mais tive aquí uma notícia de que teu mano Juca marchou para êsse lugar. Porém isto ainda não é com certeza, e si for assim talvez que mais pronto eu siga para êsses lados, ainda que me desencontre dêle.

Nossa junção com João Antônio está ainda demorada, mas de qualquer sorte eu hei de ir ver-te. — Adeus — etc.

Esperança
de seguir pa-
ra junto da
espôsa; de-
mora na jun-
ção com João
Antônio.

Campo junto ao Irineu, 20 de maio de 1844.

Agora falei com aquele Mariano velho, que quando estávamos em Alegrete, êle alí esteve para te ir levar umas rezes gordas. Disse-me que está pronto e tanto que chegemos ao Delfino, eu o farei seguir; e por ter andado tão longe é que já não mandei e não porque me tenha esquecido, pois muito bem vejo que o inverno se adianta e nesse tempo se sofre aí falta de gado.

Pelo mesmo Mariano quero que me tornes a dar uma exata notícia da tua enfermidade, inda que o tenhas feito pelo Gabriel.

Um abraço a todos os queridos filhinhos. — Adeus — etc.

(No original havia aquí um desenho)

**Campo nas pontas de Pirai-grande, enfrente ao Irineu,
21 de maio de 1844.**

Suposto que o campo hoje não tenha nada de interessante, contudo como o dia tem estado formosíssimo, e nada é capaz de distrair-me da formidável saudade da minha querida família, senão aquelas cousas que faço a ela dedicadas, é por isso que antes de principiar esta carta desenhei a plan-ta do meu acampamento tal qual está hoje colocado; e pas-sarei a fazer-te dêle a explicação.

A barraquinha azul que fica à esquerda é a minha, den-tro da qual estou agora te escrevendo; o fogãozinho que está ao pé da porta é o lugar onde esta madrugada hei de aque-

Próprio
pronto; pre-
tende; enviar
rezes para a
família.

Descrição
do acampa-
mento.

cer-me ao fogo e tomar mate com a lembrança toda cheia da tua imagem e com os olhos de momento a momento procurando a alva, que a essa hora, bela e radiante, se ostenta por cima de minha cabeça, difundindo-me na alma vivíssimas idéias da divindade e no coração o doce balsamo da resignação.

A outra que se segue, branca, grande e em forma piramidal, é do compadre Frutuoso, que agora em Bagé recebi do nosso compadre Ricardo e na qual se abrigam o João Verissimo, outro João também meu ordenança, e aquele Fernando de Alegrete, que agora serve de meu secretário.

A que se vê logo adiante, metade encarnada e o resto branca, é a que foi minha e que dei para o Jacinto e o piá, e enfrente da qual está o fogão grande onde se faz a comida.

A última finalmente e que está na direita toda cheia de remendos e um tanto suja, é do Acaba-de-Querer, camarada do Zefeno.

Eis aqui o séquito entre o qual passo dias e dias sem ver mais que os meus livros e os meus papéis! Porém não há mal que sempre dure, nem bem que se não acabe. — Adeus — etc.

**Campo nas pontas do Pirai enfrente ao Irineu,
22 de maio de 1844.**

Tenho lidado hoje todo o dia por ver si acerto a fazer o mingau de araruta e já era a quarta vez que tornava a principiar de novo e nada, nada de sair bom.

Eu já estava zangado com todos quantos estavam ao pé de mim, quando o Fernando tomou à sua conta o fazê-lo. Ele sempre arranjou, porém não muito bem; contudo há de servir, porque como nossas marchas são quasi sempre ao romper do dia, hora em que não posso comer carne, usando de tal almôço, já não estou com jejum até o meio dia; e como uma pequena porção de farinha de araruta dá para muitos dias, fica mui cômoda essa qualidade de almôço, que eu também podia ter aprendido a fazer, si alguma vez, tivesse visto de que forma o fazias.

Aquí acaba de chegar nosso primo Portinho, de Bagé, por alí se vir aproximando o Caxias. — Adeus, etc.

Fontoura
atrapalhado
em fazer um
mingau; Ca-
xias próximo
a Bagé.

**Campo nas pontas de Santa Maria, enfrente ao Antônio
Jacinto, 23 de maio de 1844.**

Finalmente nossa marcha ora deve ser mais ativa, bem como já hoje se principiou; e por isso espero ver nestes 8 dias nossos compadres da divisão João Antônio.

Atividade na
marcha; muito
frio;

Hoje não te pude escrever, senão agora à noite, e como está muito frio, não sou mais estenso. — Adeus — etc.

Campo na estância de Alexandre Simões, 24 de maio de 1844.

Por Bagé deve estar hoje o barão de Caxias; e agora em marcha desprende o general para aquele ponto o coronel Antônio Manuel, com o 2.º corpo de clavineiros e um corpo de guardas-nacionais do mando do tenente-coronel Felicíssimo⁽³⁴⁾ e nós seguimos para o município de Alegrete.

Caxias em
Bagé onde um
destacamento
revolucionário
irá operar.

Si puder, nestes três dias adianto-me até o compadre Delfino, afim de fazer seguir algumas rezes, como já disse. — Adeus — etc.

**Campo na margem do Santa Maria, no campo do Cunha, 25
de maio de 1844.**

Pouco depois do toque de alvorada, principiamos nossa marcha, porém com muita chuva, porque era necessário passar o rio Santa Maria, enquanto estava de vau, o que efetuou-se hoje pelo meio dia. Como havia cessado um pouco a chuva, tratei logo de enxugar o meu poncho, para ao depois meter-me na barraca e escrever-te e também desenhar o campo de hoje, para compensar-me da chuva e frio que sofri esta manhã.

Fontoura
desenha para
distrair-se;
descrição do
acampamen-
to.

(2.º desenho do original)

A planta do acampamento está riscada tal e qual; o colorido, porém, não sei si sairá, pois que em tudo apenas sou guia-
do pela mestra natrueza.

No primeiro acampamento, eu só desenhei as barracas. Neste, porém, como é mais estenso e lindo, tive de meter aque-

⁽³⁴⁾ Felicíssimo José Martins.

le meu cavalo ruano ouveiro, que me acompanha há mais de um ano, e que de madrugada e á tarde vem relinchando reque-rer junto da minha barraca a ração de milho. A mulinha car-gueira não pude resistir ao desejo de inclui-la também no quadro, compensando-a assim da injustiça que lhe faço, por ser ela quem carrega o milho e nunca tocar-lhe uma só ração, apesar dos esforços que faz, quando vê o cavalo com o embor-nal. Coitada! Deixa nessa hora o pasto e com gesto submis-so, vai pouco a pouco chegando-se para minha barraca, até que a sogá a puxa, e inda é enxotada para o lugar onde está prêsa. No entanto, engorda o ruano com o milho que, suada, carrega a mulinha! El assim é o mundo! — Adeus — etc.

**Campo em Poncho Verde, enfrente ao Cunha,
26 de maio de 1844.**

Finalmente hoje fiquei ciente de que meus compadres Por-tinho e Felisberto já seguiram para êsse destino, deixando eu de ir com o compadre Carvalho para ir com êles! Não impor-ta. Eu irei...

Também recebi uma carta do Zeferino de 17 dêste mês, em que me diz que o compadre Frutuoso ficou doente na nossa internada e por certo que bastante cuidado me tem dado, pois o lugar nada tem de seguro.

Amanhã vou falar ao general para me adiantar até a Mú-sica, e si fôr, te hei de mandar, como já disse, outro próprio.

Na forma do costume, principiamos hoje nossa marcha ao amanhecer e muito frio sentí, porque, como geou muito de noi-te, quando safu o sol, também se levantou um ventinho sul que, bulindo com a geada que mui quietinha estava no capim, açoitou-nos regularmente o rosto; porém o fogo é meu des-pique. — Adeus — etc.

Campo na Carolina, 27 de maio de 1844.

Ontem fez um ano que Bento Manuel foi destroçado em Poncho Verde (*) e por uma notável coincidência, quasi às

Portinho e Felisberto se-guiram para Santa Maria; projetos de ir a Música; geada.

Reminis-cência do combate de Poncho Ver-de; compara-ções; começa a descrever; censuras a Canabarro; a PAPA-GAIA.

(*) Refere-se ao combate de Poncho Verde, travado em 26 de maio de 1843, que Bento Manuel, a-pesar-de escrever ao barão de Caxias "Ho-

mesmas horas do combate, nós vínhamos em marcha sôbre o campo de batalha. Minha inquieta imaginação, depois de tributar largos instantes de sentimento e saudade a essas vítimas que ali exalaram o último suspiro, principiou a inquirir o que se há passado daquela época até hoje, e só atingia com o quanto que o tempo influi na mudança do coração humano, com os desastres, novos desastres que a si mesmo se procuram, já por causa da volubilidade de índole, e já por debéis se tornarem escravos de suas paixões! No entanto que só a maldita revolução continua estacionária e mais sangrenta... E quem sabe se não tem mesmo retrogradado!

Por exemplo o meu amigo Canabarro, que o ano passado trilhava estes mesmos campos, comandando o seu 2.º corpo de exército, laborioso, ativo, enérgico, prevendo as marchas e os planos do inimigo; suprimindo a nudez e privações dos soldados; em marcha já em um ou outro flanco, já na retaguarda e logo na frente de seu corpo de exército, fazendo conservar a ordem dos esquadrões e a regularidade das colunas; infundindo ao soldado enregelado, um novo brio, uma audácia mesmo contra o rigor da estação; quão mudado está, quão diferente!

Marcha seguidamente na frente, jamais volve aos flancos ou retaguarda, e todo o exército toma na marcha um prodigioso terreno, por efeito do seu nenhum alinhamento!

No entanto, conversa-se com entusiasmo em carreiras; e por mais estirada que seja a marcha, sempre as malditas carreiras dão assunto à conversa.

Acampa-se, e êsse homem vigilante, que não deixava a eminência das colinas, dando hoje algumas mesquinhas ho-

Je depois duma batalha bem parecida à que houve no Passo do Rosário no ano de 1827 em que fui carregado por toda a força inimiga" etc. (Offício de 26 de maio de 43), declara-se vitorioso no offício de 29 do mesmo mês e ano. Entretanto Chico Pedro, em suas *Memórias* (Rev. do Inst. Hist. e Geog. do Rio Grande do Sul, II trimestre de 1921), § 75, diz: "No campo houveram mortos e feridos de parte a parte e dos legais alguns prisioneiros, ficando os rebeldes senhores da cavallhada, e alguma bagagem assim como da carretinha de Bento Manuel Ribeiro". Como se vê, a-pesar-de ter ficado indecisa essa batalha por se terem ambos os exércitos retirado a um tempo a vantagem toda foi dos farrapos. Logo si vitória houve, essa foi dos republicanos.

ras aos assuntos públicos, vai qual um adamado maricas para a barraca da safadíssima **Papagaia** ⁽³⁵⁾, roubando à pátria em puéris conversas, horas que só à pátria deve, pela posição em que está colocado. Humana raça!

Mil vezes eu tenho pegado na pena para escrever-lhe; e como amigo fustigá-lo mais uma vez a prol da causa pública; porém minha razão, já tão oprimida pela ingratidão e iniquidade dos homens, principia a ter medo de dizer a verdade. E poderei eu, minha Clarinda, continuar a ver e a dissimular! Eu com o caráter de dissimulado! Não, não é possível representá-lo; e por isso mais pronta será a minha retirada. — Adeus — etc.

Campo na Carolina, 28 de maio de 1844.

Já tenho licença para seguir para a Música, e só espero que fique mais quente o dia para marcharmos. No entanto vou escrever-te uma ligeira cartinha, e como é escrita à pressa, procurei assuntos menos sérios ou mesmo jocosos. Seja o primeiro: **Eu e o Bambaqueré**.

Alfim parece que o rígido desprêzo com que tenho tratado êste malvado e seus mashorqueiros, vai triunfando completamente de suas iniquidades; porque consta que já mui raras vezes sou **elogiado** por tão viperinas línguas... No entanto quero agora ser-lhe grato e por isso lhe vou tributar os dois seguintes versinhos que mui bem vem ao caso:

“Malvado que a tal ponto se embrutece,
em não fazendo mal, se lhe agradece”.

Também pode ser que seja para êsse procedimento motivo a estravagante e ilegal ordem do dia 26 do corrente, on-

Tem licença para ir à Música; Fontoura e Bento Gonçalves; o “Acaba-de-Querer”.

(35) Mulher do boticario ou cirurgião João Duarte de Taquarí. Em marcha, um dia, êste levava ao ombro uma gaiola de papagaio, e um official disse: Tenho visto gaiola de muitas qualidades; de chifre é a primeira vez. Ficou-lhe o nome de Dr. Gaiola e à mulher o de Papagaia.

(*) O nome todo do cirurgião João Duarte era João Duarte Ferreira, natural do Rio de Janeiro. Era boticario e tinha no exército o cargo de médico. Sua mulher, a que apelidaram **Papagala**, chamava-se Maria Francisca, e era natural de Taquarí. (v. Amores de Canabarro, de Othello Rosa).

tem publicada, pela qual êle passa a comandar a primeira divisão, e em consequência hoje o ví em ademã, não de carnívoro lobo, como até aquí, mas de velhaco e sarnoso perdigueiro que amarrar pretende a inocente perdiz. Porém onde irá o cão, que cão não seja?

O coronel Teixeira e o Acaba-de-Querer. — Esta madrugada, apesar do frio e geada que havia, passou a galope junto do nosso acampamento o coronel Teixeira. Estava o Acaba-de-Querer no seu fogão e querendo fazer um elogio ao coronel, que outrora foi seu comandante, descreveu a meu ver com muita singeleza e exatidão o caráter do seu ex-comandante, que por lhe achar algum sal e muita semelhança, aquí transcrevo com as mesmas frases que ouvi:

— E' puxa, gruío! Êsse si que chamaro veredrandêro gruío! Ro cavaró ere memo vai refrogrando, (*) não vê!! Êsse si, foi no Coimbria véia! Êsse que chama memo ro homem afreventado! Gruio, no sente ro frio. Cara deve memo cu cavaró tudo é um memo; no sente ro frio! E' puxa!

Êste pedacinho retórico descritivo do Acaba-de-Querer, sendo bem meditado e conhecendo-se bem o herói que o pobre inválido na sua meia língua elogiou, quem deixará dè lñe achar uma certa propriedade, e ainda mais, exatidão histórica na descrição que fez o Camões do fero Rhadamanto.

Não será assim, porém estou que a descrição é exata e que também o juiz do inferno não tem uma cara mais safada que o tal homem afreventado.

Basta. Veiu o João Veríssimo dizer-me que estão prontos os cavalos e eu vou seguir. — Adeus — etc.

Música, 30 de maio de 1844.

Cheguei ontem à tarde, e como estava sequioso por conversar com o Delfino e comadrinhas, deitei-me muito tarde, e por isso não te escreví. Pretendo demorar-me oito dias, e

Fontoura
na fazenda da
Música; pre-
tende ficar al-
oito dias;
pouca espe-
rança de
mandar o ga-
do à espôsa.

(*) O cavallo era sonador, e o Teixeira (*), por causa do frio, também sonava. (Nota do manuscrito).

(*) Coronel Joaquim Teixeira Nunes.

tenho poucas esperanças de mandar as rezes, por não fazer conta em razão da falta de cavalos. Enfim, farei o que for melhor. — Adeus — etc.

Música, 31 de maio de 1844.

São 4 da tarde e agora mesmo vou seguir para o exército, chamado pelo general. — Adeus — etc.

Fontoura
volta ao
acampamento
a chamado do
general.

(NOTA: com esta carta termina-se o 19.º caderno. Os restantes, de Ns. 30 a 27 serão publicados no próximo número desta Revista.)

Político Riograndense

Conselheiro Antônio Eleutério de Camargo

Excerpto de um Ensaio Biográfico

O sol de um grande ideal que iluminou a ação exercida pelo dr. Antônio Eleutério de Camargo foi o da dedicação à liberdade política.

Ele pertenceu à geração de brasileiros ilustres que figurava no cenário da política dos últimos tempos do segundo Império.

Geração romântica e patriota, nas lides do partidarismo, inspirava-se em servir a causa pública, aos interesses do país na imprensa, diária, nas câmaras da representação nacional e nos cargos da administração.

Seus representantes educaram-se civicamente alistados nos partidos que se formaram no sistema constitucional, obedecendo aos princípios dos programas políticos, propagando-os com integridade moral.

Para subirem aos postos mais elevados, quasi todos êsses homens vinham pela escada das corporações eletivas: municipalidades, assembléias legislativas-provinciais, deputados à assembléia geral; presidentes de Provincia nos intervalos das secções parlamentares; ministros da Coroa, conselheiros d'Estado e senadores.

A entrada na Câmara Vitalícia era a suprema posição que os representantes políticos sempre aspiraram no antigo regime.

Os ministérios costumavam ter por presidente algum senador prestigioso no partido ao qual pertencesse e, nas mudanças de situação o Imperador consultava o Conselho d'Estado, outras vezes para organizar o gabinete ministerial ouvia a opinião dos presidentes das câmaras legislativas.

Membro influente do partido liberal da sua Província o dr. Antônio Eleutério de Camargo não chegou à posição senatorial por motivo da transformação das instituições em 1889.

A sua existência é um exemplo honroso de lealdade e correção de convicções.

* * *

Natural da antiga Província do Rio Grande do Sul, como a maioria da mocidade Rio-grandense da sua geração, alistou-se no exército, cursou as Escolas Militares e a Central, atualmente Politécnica, donde saíu engenheiro.

Exonerando-se do posto a que atingira na classe militar fixou-se na Província como engenheiro civil; nesta profissão construiu o mapa geográfico da mesma região e que era considerado muito exato.

Na reorganização do partido liberal histórico, após a queda do ministério presidido pelo senador Zacarias de Vasconcelos em julho de 1868, o dr. Antônio E. de Camargo se distinguiu como um dos principais adeptos do liberalismo pois recordava o civismo do seu antigo amigo e patrício dr. Felix da Cunha.

Transferindo-se o dr. Gaspar Silveira Martins, do Rio de Janeiro para a sua terra natal disposto a lutar por princípios num partido que consubstanciava as grandes aspirações dos seus patrícios, o notável tribuno teve no ilustrado dr. A. E. de Camargo sincera cooperação.

O diretório liberal, dois anos depois fundou o jornal **A Reforma** para órgão do partido. O dr. Silveira Martins formou a redação deste órgão político e dela foram membros os drs. Antônio de Camargo, Timóteo Pereira da Rosa, Carlos de Koseritz, Antônio Antunes Ribas, A. Corrêa de Oli-

veira, Florêncio de Abreu, João Inácio Teixeira, Carlos Chaves.

Mais tarde pertenceram à redação da mesma fôlha liberal o tenente-coronel Joaquim Antônio Vasques e Inácio de Vasconcelos Ferreira, escritor de vernáculo corretíssimo.

Jornalista, o dr. Antônio Eleutério de Camargo distinguuiu-se nos editoriais d'*A Reforma* com que criticava a administração dos presidentes conservadores que procediam com excessos de partidarismo.

Noutros assuntos, um destes artigos de imprensa mais apreciados foi aquele a propósito do passamento do dr. Timóteo da Rosa, modelado em estilo expressivamente sentimental e dizendo, nestes períodos, o perfil moral do extinto:

“E’ raro consubstanciar um homem, em si, um conjunto de tantas e tão raras virtudes como as que ornavam a alma e o caráter do dr. Timóteo da Rosa...”

A sua vida porém, como tudo prenunciara — não foi um triunfo; foi um martírio, a sorte não lhe deparou os meios de fortuna.

Só ontem descançou à sombra dos seus tristes louros o nobre batalhador.”

Companheiro quotidiano do dr. Timóteo da Rosa nos debates da assembléia provincial e da imprensa, o dr. Antônio E. de Camargo estava em condições intellectuais de conhecer e bem julgar os méritos que lhe deram relêvo na vida política.

A influência partidária do tribuno Silveira Martins firmou-se em todos os setores do Rio Grande do Sul e no período de opposição os seus dois íntimos amigos e admiradores foram o coronel Joaquim Pedro Salgado, chefe realmente popular, e o dr. Antônio de Camargo que sabia enfrentar os adversários com a lógica das convicções no terreno a que o conduzissem.

Silveira Martins recomendou-os ao eleitorado liberal que lhes deu representação do partido nas legislaturas provinciais e gerais, tendo o dr. conselheiro Camargo pertencido em 1885 ao ministério do senador Saraiva, no qual exerceu a pasta da guerra.

A linha de sua conduta, sempre correta e moderada, destacava-se quando desempenhava as funções de presidente da assembléia provincial. Os adversários tinham-lhe respeito e apreciavam a delicadeza de suas maneiras nas discussões.

* * *

Arregimentado desde 1872 o partido liberal Rio-grandense, pela palavra arrebatadora e pelo talento superior do seu chefe, que não descuidava de colocar-se, e os seus principais companheiros em contacto com o eleitorado — recomendava-lhes os nomes para cada eleição.

Costumava Silveira Martins acompanhar os seus candidatos nas excursões políticas pelos distritos visitando os respectivos chefes e para conhecimentos dos interêsses locais que fôsse necessário melhorar.

O conselheiro Antônio de Camargo costumava ser eleito, em 1.º escrutínio e pelo 1.º círculo, o da Capital e região das colônias.

A sua individualidade era simpática e de porte aprumado, como o dos oficiais do exército; faces rosadas num rosto claro, bigode curto e pequeno "cavaignac" em ponta; olhar vivo através dos óculos de cristal e aros de ouro, vestuário corretamente elegante; maneiras muito afáveis; discursava e palestrava num timbre de voz agradável e natural.

Residia, com a sua digna família, na avenida Voluntários da Pátria, na formosa Pôrto Alegre, fronteira as águas do rio Guaíba, numa confortável vivenda ajardinada e arborisada. Na sala dos livros tinha o escritório de trabalho, e nêle acolhia a visita dos amigos e conhecidos.

O senador Silveira Martins costumava procurá-lo com frequência e na intimidade conversavam sôbre fatos políticos e outros assuntos da ocasião.

Inspirado artigo, o conselheiro Camargo escreveu quando o glorioso Marechal Osório veio a Pôrto Alegre e o povo recebeu-o com festejos magníficos. Outro, não menos brilhante dedicou ao Marechal Visconde de Pelotas, o vencedor do combate de Aquidaban.

Estava o ilustre Rio-grandense reeleito deputado geral

em novembro de 1889, viajava com os companheiro de representação juntamente com o senador Gaspar Silveira Martins quando receberam em Santa Catarina as notícias da proclamação da República e da detenção do chefe liberal naquele pôrto ordenada pelo Govêrno Provisório.

O momento foi de emoção. Constou que os deputados conselheiro Antunes Maciel e dr. Joaquim Pedro Soares declararam aceitar as novas instituições e que descendiam de revolucionários gaúchos de 1835 a 45.

Todos se despediram do senador Silveira Martins que desembarcou acompanhado pelo fiel amigo dr. Antônio Eleutério de Camargo, enquanto os outros deputados regressaram ao Sul, no primeiro navio que tiveram para transportá-los.

Em Pôrto Alegre, o honrado patrício, achou no recinto do lar a tranquilidade que esperava depois de tantas perturbações. Começava serviços de medição de terras, quando alguns amigos residentes em São Paulo, entre estes os drs. José Pinto do Carmo Cintra, banqueiro, importante agricultor e benemérito cavalheiro pelos seus dotes morais, Martim Francisco de Andrada, prestigioso advogado em Santos e antigo deputado liberal, convidaram-no para que viesse ao Estado, em tanta prosperidade. — Nessa quadra o Banco Construtor e Agrícola incorporou a empresa Mogí-Limeira que devia construir uma linha férrea de ligação dêstes municípios e dela seria diretor o conselheiro A. E. de Camargo, cuja carreira política estava terminada no Rio Grande do Sul.

O ilustre patrício fez as suas despedidas de Pôrto Alegre, em documento que a imprensa publicou, e viajou para São Paulo em 1891, onde se fixou; embora padecendo acerba saudade da querida Província.

Poucos anos depois faleceu. A nostalgia aumentava-lhe o sofrimento físico.

Leopoldo de Freitas

Mais um pouco de Folclore

Farrapos e Barrigas-verde.

Como o Rio Grande do Sul, há muito vinha a província de Santa Catarina pleiteando direitos que o govêrno de Pedro I e, depois, o da Regência, longe estavam de reconhecer. Como no Rio Grande, a opressão era lei na terra dos "Barriga-verde".

Em 1831 começaram a manifestar-se os descontentamentos e, no horizonte carregado, alguns patriótas moviam o facho rubro da revolta.

Aliás, conforme regista a História, em quasi todas as províncias o clamor era o mesmo, mas com uma diferença: nem todas tinham a coragem de enfrentar a situação dominante, na ocasião: a fereza do Regente. O exemplo do Rio de Janeiro calou fundo em todos os ânimos. O "leve tudo a ferro e fogo" ordenado a Caxias, então simples major Lima e Silva, arrefeceu muito os ânimos. Poucos eram, ainda, os que ousavam manifestar-se, e à testa dêstes poucos marchavam Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

O Rio Grande conseguiu, em 1835, dominar por completo a situação opressora da província, expulsando o presidente Braga e o comandante das armas, marechal Barreto. Santa Catarina, pouco antes, tentara uma **revanche**, mas foi mal sucedida. Esse insucesso acalmou-a, também, um pouco.

O exemplo do Rio Grande, porém, fê-la criar novos alentos. Mas, é preciso notar-se, o movimento, lá, não tinha o apoio unânime de seus filhos. Tirando Laguna, o restante

da província era francamente pelo governo, ou antes, era francamente contrária a uma aventura armada. Daí os ensaios que constantemente faziam, principalmente na imprensa, e os convites aos farrapos.

Em 1839, finalmente, resolveram estes auxiliar os seus irmãos oprimidos. Não podiam, por mais tempo, a-pesar-de também não estarem em situação muito brilhante, desatender os reclamos constantes dos catarinets que, como os farrapilhas, apregoavam a república federativa.

Canabarro, Garibaldi e Teixeira tomaram a si libertar do “fero jugo” os irmãos catarinenses e infundir-lhes a sufficiente coragem para enfrentar o “demônio da regência” vestido de padre.

A surpresa coroou de êxito a invasão da província. Dominaram-na quasi que por completo. Mas não se puderam sustentar. O exército que do Rio Grande haviam levado não aumentou como esperavam. Os filhos da terra não corresponderam à expectativa. E em vez de auxiliarem eficientemente os farrapos em sustentar a situação de dominadores que haviam criado, uns retraem-se, outros tomam o partido da legalidade.

A coluna imperial não encontrou obstáculo algum, entrando na província como quem fazia uma parada em dia de festa: cercada de curiosidade e aplausos. Laguna, o único ponto de resistência, em vista da facilidade com que entraram os legais, em número muito superior, resolve abandonar a posição após pequena luta, mas ainda na esperança de encontrar, mais adiante, auxílio eficiente.

Esperança vã. Perdem Laguna e perdem toda a esquadra que Garibaldi com tantos sacrifícios obtivera, e vão perdendo todos os pontos conquistados, aquí, alí, acolá.

Coritibanos é o seu último baluarte. Pensam poder manter-se aí e, ainda na esperança de novos auxílios catarinenses, reforçar e tentar a reconquista da sua “República Juliana”.

Mas, ainda desta vez, tudo falhou e nos primeiros dias de 1840, forçados pelas forças legais, voltam os farrapos, can-

çados e desiludidos com seus irmãos catarinetas, ao Rio Grande do Sul.

E assim ruíu a primeira tentativa de federação. Dela ficou, porém, o exemplo e uma página brilhante, a mais, na História do sistema federativo republicano.

Dessa luta heróica, conserva Santa Catarina, no seu folclore, quadras e cantigas de uma ironia terrível, picante, achincalhante. E todas elas contra a República, contra os próceres do movimento reivindicador de sua terra, o que mais uma vez prova que o sentimento de *revanche* não era geral, mas limitadíssimo. O povo dêle não fazia parte. Era, portanto, impopular.

E isso podemos afirmar com absoluta certeza, pois é verdade incontestável que o povo só canta e endeusa o que lhe cála no íntimo, o que lhe vai nalma.

Si, portanto, o populário barriga-verde referente à República Juliana ironiza os seus pro-homens e feitos, é porque não estava de acôrdo com êles.

E daí concluirmos que a idéia, ou o ideal republicano-federativo era, apenas, de uma elite, brilhante, por certo, mas em minoria e impopular.

E encontrarmos, entre as quadras populares catarinetas, versos como estes:

O senhor José de Jesús,
é homem de presunção:
foi queimar a sua escuna
lá no rio Tubarão.

Refere-se essa quadra à ação do comandante da escuna, lanxão diz Rio Branco e outros, **Imperial Catarinense**, José de Jesús.

Atacado pelo lanxão **Seival**, comandado por Garibaldi e Griggs, a **Imperial Catarinense** resiste por algum tempo mas vendo-se perdido, resolve José Jesús incendiar o lanxão e fugir, por terra, o que consegue com facilidade.

Pelo povo êsse feito do valente legalista mereceu a imortalidade da trova, ao passo que ninguém se lembrou de immortalizar o feito de Garibaldi e Griggs tomando, pouco mais abaixo, o lanxão **Lagunense**.

No Destêrro foi criado um batalhão provisório para combater os republicanos.

Diz a tradição que o povo reclamou contra tal medida, e pediu à espôsa do comandante que intercedesse para que êsse batalhão não ficasse efetivo.

A senhora do comandante prometeu envidar todos os esforços para dissolver o batalhão logo que terminasse a guerra.

E o povo cantou:

A mulher do comandante
prometeu a S. Gregorio:
si a guerra se acabasse,
de dar baixa ao Provisório.

A respeito dêsse batalhão lê-se o seguinte numa correspondência de 6 de janeiro de 40, publicada no **Jornal do Comércio**, do Rio:

“O nosso batalhão do Destêrro que tão prontamente se organizou, as deserções o tem debandado; dão como causa disto o mau tratamento que dá o comandante aos soldados guardas-nacionais destacados no batalhão, e o nímio rigor e aspereza de que para com êles se uza; algum tanto tem de verdadeiros êsses motivos; mas o principal, quanto a mim, é que os soldados da própria terra nunca prestam”.

Por isso, é também de crer-se que haja ironia na quadra citada devido as deserções, e também na seguinte:

A mulher do comandante
prometeu à Conceição:
si a guerra se acabasse
de dar baixa ao batalhão.

Esta, aliás, é simples variante da primeira.

Típica, quanto ao pouco caso que fazia o povo da República é a seguinte quadra dirigida a um oficial:

Senhor tenente Trajano,
temos muito que falar:
está acabada a República,
temos contas a ajustar.

E' nada mais nada menos do que responsabilizar o tenente pelo susto que lhes pespegou.

Também esta:

Senhor tenente Fragoso,
quero lhe dizer assim:
tome cuidado e cuidado
com seus dentes de marfim.

Nada mais do que uma ameaça de quebrar-lhe os dentes por ter sido revolucionário.

As piores, porém, são as que se dirigem a Bento Gonçalves, a Garibaldi e aos farrapos em geral.

Vejamos como o tratam, desempenhando o papel de chefe da revolução e comandante das forças em operação:

O general Bento Gonçalves,
— vem contando os farroupilhas —
vái tocando a sua tropilha
como tropa de novilhas.

Querem dizer que levou a sua gente a um matadouro, neste caso Santa Catarina, onde o povo não era republicano e, portanto não o auxiliou. Em outras palavras: os farrapos foram considerados intrusos pelo povo.

Garibaldi e seus amores com Anita de Jesus Ribeiro, foram, também muito satirizados.

Eis algumas amostras, aliás, já muito conhecidas:

Garibaldi na Itália
só comia macarrão;
ao chegar cá no Brasil,
carne seca com feijão.

D. José chegou à barra
com tenção de nela entrar;
deu o vento pela prôa
cambou na volta do mar.

Garibaldi, sabiam-no todos, era maçon e carbonário fi-
liado à corrente **mazzinista**, causa de andar no exílio com
regular número de companheiros, como Rossetti, Zambicari,
Valerigni, e outros.

O povo, fácil em fazer espírito, cantava:

Garibaldi foi à missa
a cavalo, sem espora:
o cavalo tropicou,
Garibaldi pulou fora.

Não poudé, por isso, assistir a missa.

Anita foi à missa
a cavalo, de balão...
D. José ao saber tal
quasi morre de paixão.

Nesta há, além da malícia representando Anita a cavalo
vestindo saia balão, há ainda a alusão ao acatolicismo do
condottieri.

D. José chegou à barra
e sua mãe bateu o pé;
ninguém deixa a lei de Deus
pelo fumo e o café.

Alusão ao mercenarismo que queriam emprestar a Garibaldi, o que não é certo.

Garibaldi incorporou-se aos revolucionários do Rio Grande do Sul por simples amor às aventuras, pois desde o princípio viu que nada lhe poderiam pagar os farrapos. Era um espírito irrequieto, essencialmente aventureiro.

A ironia e as alusões ferinas aos farrapos, transparecem nas seguintes quadras:

Os farrapos já diziam
que o Brasil era seu:
veiu D. Pedro segundo,
e nem farrapo e nem eu.

Os farrapos já diziam
que a Laguna era sua;
chegaram os **caramurús**:
safa farrapos pra rua!

Os farrapos já diziam
que a Laguna era sua;
chegou o povo da Ilha,
toca farrapo pra rua.

Os farrapos já pediam
pelas Chagas de Jesús
não nos — deixassem presos
nas mãos dos caramurús.

Os farrapos farroupilhas
quando saem a passear
levam os sapatos nos dedos
e as meias para calçar.

“Farrapo”, nessa quadra, é empregado no sentido de trapo, restolho. Nem de outra forma podemos compreender o sentido da redondilha, cuja alusão final é clara.

A sinhá Maria do saco
só ela foi a ditada
de ajuntar tamancos velhos
para a nossa retirada.

Tem esta quadra o mesmo sentido da precedente quanto à indumentária e mais uma alusão irônica à derrota sofrida na Laguna e em todo o território catarinense, tal como nas quadras “Os farrapos já diziam”, etc.

Dois capitães vencedores são também cantados, um como fautor da expulsão dos farrapos, outro como expulsando uma “tropa de ladrões”:

Senhor capitão Cordeiro,
no seu cavalo tordilho,
repontando os farroupilhas
como tropa de novillo.

Senhor capitão Candinho
no seu cavalo alasão
vai repontando farrapos
como tropa de ladrão.

Para terminar, e como máximo do sentimento legalista do povo catarineta, citaremos a seguinte quadra:

Viva a pátria, viva a lei,
viva o nosso novo mundo,
viva todo o legalista,
viva D. Pedro segundo!

Esta quadra resume tudo. Nela está condensado o pensamento que animava o povo barriga-verde durante os agitados meses da República Juliana.

Não conhecemos, infelizmente, nenhuma quadra ou canção catarinense favorável aos revolucionários e cremos, mesmo, nada existir nesse sentido.

Em nossas pesquisas foi só o que encontramos e mais uma ou outra variante das quadras citadas.

Ora, os versos que ficaram registados são tipicamente populares, até mesmo nas suas incorreções e êrros gramaticais.

Daí a nossa afirmação de que o movimento que provocou a República Juliana não fôra um movimento popular, mas sim um movimento da elite que, infelizmente, não encontrou eco nos sentimentos do povo catarinense, pacato por natureza e, como lá disse o correspondente do **Jornal do Comércio**, imprestável para soldado.

Não fôsse isso e certo estamos de que a República teria tido ao menos duração maior registando combates sérios e vitórias brilhantes que fariam, também dela, um exemplo digno de nota nos anais da História do Brasil.

Walter Spalding.

Rua do Porvir, 445 (Gloria) — Pôrto Alegre.

Processos dos Farrapos

(Notas de Aurelio Porto)

REHABILITAÇÃO DE BENTO GONÇALVES

— Vários historiadores tem afirmado que o general Bento Gonçalves da Silva além de desertar das forças portuguesas fôra na Vila de Melo, onde se homisiara e depois casara, servir aos espanhóis, chegando a ser eleito Juiz de paz daquela povoação. Veiculou a acusação o desembargador Rodrigo de Souza Pontes, em sua célebre **Memória Histórica sôbre as causas e acontecimentos que mais imediatamente precederão a sedição de 20 de setembro de 1835, na cidade de Pôrto Alegre, capital da Província do Rio Grande do Sul.** (Cod. Bibl. Nac. I — 31 — 23 — 4. Publicado no *An. Grac.*). Depois de um formidável libélo contra Bento Gonçalves, apreciando o decreto imperial de 28—I—1834, que mandava premiar os serviços dêsse illustre cabo de guerra, termina Souza Pontes: “Não obstante o gênio dissipador e caráter perdulario do caudilho é certo que seu nome gosava de consideração, e influência não vulgar. Em uma população acostumada de tantos anos a olhar com respeito e a falar com louvor de todos que se distinguirão nessas guerras de estilo árabe, onde se leva sempre o fito na surpresa, e na presa, não podia deixar de adquirir renome o homem que, por feitos de semelhante natureza, se tinha elevado de Porta-Estandarte de Milícias desertor, e Alcaide do Serro Largo, a capitão e major de guerrilhas, tenente coronel de Milícias, e finalmente a coronel de 1.^a Linha, sendo aliás absolutamente certo que o comportamento de

Bento Gonçalves na batalha de 20 de fevereiro de 1827, e os sentimentos de lealdade ao trôno e à pessoa do soberano por êle constantemente affectados também lhe grangearão simpatias”.

Comentando, em nota, essa asserção de Rodrigo Pontes, o ilustre dr. A. Varela, (*Rev. Cisp.* 994, n. pág. 112) diz que: “ a ser verdade o que consta da “Memória” de Rodrigo Pontes, o próprio Bento Gonçalves não escapou ao arrastamento que avultou a hoste de Artigas com os riograndenses liberais. Segundo êsse autor o futuro general, em rapaz, e como furriel de auxiliares, chamado a serviço na guerra de 1811, desertou. O fato de permanecer no Estado Oriental e de aceitar um cargo cível, no departamento de Serro Largo, talvez explique o abandono das fileiras como uma adesão à causa do libertador uruguaio, que não duraria, por motivos já expostos.”

Acabamos de encontrar sôbre êsse assunto na **Biblioteca Nacional** copiosa e inédita documentação que vem, não só rehabilitar a memória de Bento Gonçalves da pecha de ter servido aos espanhóis, como ainda, mais exaltar os serviços por êle prestados à causa nacional, em época da vida dêsse heróico riograndense, ainda não versada pelos seus inúmeros biografos. Não há necessidade de ressaltar o valor dessa documentação, nem sequer comentá-la, oferecendo-a aos estudiosos da nossa história, na integra, afim-de que, de hoje para sempre, fique riscada da vida de Bento Gonçalves essa nódoa que empanava o brilho das suas virtudes cívicas.

São os seguintes os documentos que encontramos na Biblioteca Nacional, **Cod. mss. C. 506 — 10:**

“SENHOR — Diz Bento Gonçalves da Silva, capitão comandante de Guerrilhas na Fronteira do Rio Grande, Capitania de S. Pedro do Sul, que tendo-se passado á Campanha de Montevideo com permissaó desse Governo, afim de tratar de seu negocio se estabelecera naquelles Dominios com fazenda de criar gados, e casa de negocio na Villa de Serro largo, por cujo motivo foi por muitas vezes solicitado por Artigas e seos Chefes para entrar no serviço dos Insurgentes com promeças

de grandes vantagens; porem o suppl.^e fiel aos deveres e character de verdadeiro e leal vassallo de Vossa Magestade, longe d'annuir a semelhantes pretenções sempre se correspondeo com os commandantes da Fronteira, avisando-os de todos os movimentos dos Insurgentes, e seos projectos, isto com grande risco de sua propria vida, e de sua familia, e com despesas de sua conta, atrevendosse o suppl.^e pelo bem do serviço de Vossa Magestade offerecer-se ao Exmo. Marquez de Alegrete para coadjuvar com sua peçoa e bens para surpresa daquella Villa no caso que as Tropas de Vossa Magestade houvessem de entrar naquella Campanha o que tudo faz o suppl.^e certo pelos documentos de N. 1, 2 e 7: não foi aceito este offerecimento do suppl.^e talvez por circumstancias que naó saó de seo alcance, nem taó pouco avizado que as Tropas de Vossa Magestade entravaó em Campanha; porem logo que chegou a sua noticia que a vanguarda da Divizaó do Marechal Bernardo da Silveira commandada pelo Brigadeiro Felix José de Mattos tinha passado a Fronteira, o suppl.^e debaixo do maior risco por andar já a esse tempo vigiado por suspeito pelos Insurgentes se evadio, e se apresentou ao dito Brigadeiro, a quem deo as mais veridicas informações do inimigo, como mostra pelos documentos N. 1 a 7, e acompanhou até o Serro largo, onde por votos dos moradores, aprovados depois pelo Marechal Silveira, foi o suppl.^e nomeado Alcaide daquella Povoação, e como tal foi encarregado do municiam.^{to} das Tropas, o que tudo o suppl.^e saptisfez com approvação do dito Marechal, prestando o suppl.^e tudo quanto lhe foi requerido até com dinheiro de sua conta dos quaes ainda está por embolçar; e sendo depois da retirada daquella Divisão invadida aquella Villa pelos inimigos, o suppl.^e se poz em fuga e se apresentou ao Exmo. Snr. Tenente General Manuel Marques, e com os soccorros que poude prestar o mesmo Exmo General, o suppl.^e reunio huma Partida de moradores e com a maior actividade conseguiu encontrar o inimigo que hia em retirada com o saque da dita Villa de Serro largo, o qual lhe foi retomado pelo suppl.^e, ficando inteiramente destroçada a Partida inimiga, o que faz certo pelo Documento N. 12; continuando a ser ameassada a Fron-

teira do Rio Grande pelos inimigos e conseguindo huma Partida dos mesmos entrar athe o Erval, saqueando varias Estancias e conduzindo presioneiros differentes moradores, foi o suppl.^e quem com poucos homens de seu partido, atacou a dita Partida, e destroçou e tomou tudo quanto levavaó pondo a salvo os Presioneiros; em consequencia pois desses servissos foi o suppl.^e chamado a Villa de Porto Alegre e convidado pello Exm.^o Marquez d'Alegrete a entrar no Real Servisso, o que o suppl.^e immediatamente aceitou esquecendo-se de seus interesses, lembrando-se unicamente dos deveres de bom vassallo; foi por portaria do dicto Exm.^o Marquez d'Alegrete promovido ao posto de capitão e autorizado a formar huma Companhia de Guerrilhas a seu commando para a defeza da Fronteira de Jaguarão, a qual immediatamente foi organizada pello suppl.^e chegando ao completo de 120 homens, os quaes pella maior parte são fardados a custa do suppl.^e e para armamento dos quaes comprou e offereceu 200 espadas; com esta Companhia tem o suppl.^e feito assignalados servissos destroçando a Partida Insurgente do capitão Morera junto ao rio Limar com extraordinaria perda dos inimigos e ultimamente surprehendendo o Acampamento das Canhas, aprisionando o Capitão Commandante, tomando grande N.^o de Cavallos e Armamento, e destroçando na sua retirada huma grande Partida que pretendia salvar o ditto Capitaó Presioneiro e retomar o saque; o que tudo o suppl.^e mostra pelos Documentos n. 1 a 7. Confiado pois o suppl.^e nos seus servissos, e ser de huma familia limpa deste Continente filho do Capitaó Joaquim Gonçalves que servio de Deputado & Thesoureiro da Real Junta de Fazenda desta Capitania, vae o suppl.^e humildemente aos Augustos Pés de Vossa Magestade, que tanto tem apreciado os servissos de seus fieis Vassallos desta Capital implorar haja de conceder ao suppl.^e a mercê do Habito da Ordem de Christo, podendo fazer renuncia da mesma Mercê em qual quer tempo em hum de seos filhos. E. R. M.

No alto da primeira lauda da petição encontra-se o seguinte despacho: "Em 9 de Dezemb.^o de 1820 — Não ha que deferir. Veja-se officio do Gov. Interino da Capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul, em 9 de Novembro de 1820."

Seguem-se os documentos referidos na petição:

“N. 1 — Illmo. e Exmo. Sr. Diz Bento Gonçalves da Silva, Capitão Commandante de Guerrilhas, que sendo por muitos annos morador e estabelecido na Villa do Serro largo procurou em todo o tempo que alli residio dar provas evidentes do seo Patriotismo correspondendo-se frequentemente com os Commandantes da Fronteira, e communicando-lhes todas as noticias, e movimentos dos Insurgentes e na passagem que fez por aquella Povoação o capitão Joaó Pedro da Silva Ferreira, elle suppl.^e se lhe apresentou e mandou offerecer a V. Exa. para coadjuvar com a sua peçoa e bens na surpresa daquella Villa no cazo de rompimento com os Insurgentes; logo que as Tropas de Sua Magestade entraraó no Territorio do Inimigo se apresentou o suppl.^e debaixo de todo o risco ao Brigadeiro Felix José de Mattos e o acompanhou para o Serro largo, e sendo por votos dos moradores e aprovação do Marechal Bernardo da Silveira nomeado Alcaide da Villa desempenhou o suppl.^e as funções de seu cargo com a maior actividade, até supprindo a Divisão com generos, e dinheiro de sua propria conta; pela auzencia do Marechal Silveira foi retomada aquella Villa pelos Insurgentes, e o suppl.^e abandonando a sua familia e bens se apresentou com a maior brevidade no Rio Grande, ao Exmo. Tenente General Marques e com alguns auxilios que o mesmo Tenente General lhe prestou, seguiu o suppl.^e com huma Partida de moradores ao Inimigo, e alcançando-a lhe retomou parte do saque, deixando desbaratada a Partida inimiga que o escoltava; sendo depois roubadas algumas Estancias da Fronteira do Rio Grande por huma Partida de Inimigos que entrou athe o Erval, foi o suppl.^e quem com vinte homens por elle reunidos destroçou a ditta Partida e retomou o roubo e poz a salvo os Presioneiros que levavaó; nomeado depois por V. Exa. Capitão de Guerrilhas formou o suppl.^e huma Companhia de mais de cem homens que tem pela maior parte fardado a sua custa, comprando desde logo duzentas Espadas que gratuitamente offereceo para Armamento da mesma Companhia, e com ella tem o suppl.^e estado acampado na Fronteira, debaixo das ordens do Brigadeiro Felix José de Mattos e conseguido ter derrotado por dezeseite vezes

Partidas inimigas que pretendiaó hostilizar áquella Fronteira; e porque o suppl.^e deseja conservar de V. Exa. hum documento de approvação de seos servissos rogo portanto a V. Exa. haja por bem de lhe fazer a graça de passar por attestação os servissos que o suppl.^e tem exposto e que forem do conhecimento de V. Exa. de quem E. R. M. (F. R. 1819).”

A esta petição, que era dirigida ao Marquez de Alegrete Governador e Capitão General do Rio Grande do Sul, deu êste o seguinte despacho: “Attesto que o suppl.^e tem praticado os serviços que relata no presente requerimento e daquelles que não testemunhei eu o faço, refferindo-me ás participaçoes dirigidas pellos Officiaes debaixo de cujas ordens tem servido, e as honrosas attestações que por elle suppl.^e me foraó apresentadas; e defferindo ao seu requerimento lhe mandey passar a presente que assignei e fiz sellar com o sello das minhas armas. Porto Alegre, 6 de d’Oitubro de 1818. — **Marquez d’Alegrete.** (Sellos de Armas).

“N. 2. — Diz Bento Gonçalves de Silva, capitão de Milicias e Commandante de Guerrilhas, que tendo de levar á Real Presença de Sua Magestade se os requerimentos assim como taó bem o do Illmo. e Exmo. Sr. Marquez Gov. e Capitaó General se lhe faz necessario que V. Ex.^a. para melhor codijubar a sua Justiça e para que V. Ex.^a possa entrar no conhecimento de todos com o maior respeito tenho a honra de expollo: Que achandose residindo na Villa de Mello, por se achar alli estabelecido e cazado, jamais deixou de dar as noticias necessarias para a defeza da nossa Fronteira, e ainda muito tempo antes da segunda entrada das nossas Tropas nos Dominios Espanhoes que succedendo cazualmente obrigado por seos negocios ter hido a Buenos Aires e voltando dalli ao sitio de Monte Video de onde recolhendose a sua caza poude informar a V. Ex.^a circunstanciadamente do estado das forças tanto de huma como de outra parte; o suppl.^e effectivamente continuou a fazer Siente a V. Ex.^a e a todos os Commandantes da Front.^a de Jaguarão, as circunstancias do tempo, o que por V. Exa. me foi recommendado, ultimamente entrando as Tropas commandadas pelo Exmo. Brigadeiro Felix José de Mattos e constando ao suppl.^e a sua proximidade ao Serro largo, podendo

escapar-se a todo o risco se lhe veio apresentar-se em Chuy, comessando desde este momento a servir a Sua Magestade acompanhando logo a Partida Avanssada commandada pelo Illm.º Coronel Manuel Xavier de Paiva que perseguiu o inimigo athe a Costa do Taquary, e depois avançando ao Serro largo esperou a columna que na mesma entrou; poucos dias depois acompanhou a Partida Commandada pelo Illmo. Coronel José Maria de Almeida, e mandando o ditto adeantar hum Partida de cem homens commandada pelo Capitão Manuel Joaquim de Carvalho, o seguiu athe o Quebraxo, de onde por causa de enchentes de Arroyos, e mau estado das Cavalhadas tiveraó ordem de retirarse, trazendo prezos alguns Espias do Inimigo.

Por despozição do Illmo. Brigadeiro concurrendo os Votos do Povo, foi o suppl.º nomeado Juiz da Villa de Mello, em cujo exercicio forneceo a Tropa de Viveres e Lenhas, assim como de todo o necessario aos Hospitaes; com a chegada do Exmo. General Silveira continuou no mesmo exercicio fornecendo á Divisão da mesma maneira que já o tinha feito ás primeiras Tropas, sem q'athé o presente tenha recebido, nem requerido a sua importancia que assas foy concideravel pella duração do tempo sendo este desde 13 de Agosto athe 22 de Novembro de 1816; finalmente sahindo as Tropas daquella Villa, poucos dias depois sendo ameaçada, para aver de salvar asua vida, assas amiassada pelos Insurgentes por aver servido ás Tropas de Sua Magestade se retirou dois dias antes do ataque, que os Inimigos fizeraó contra a mencionada Villa, apresentando-se no Serrito e depois a V. Exa. de quem recebeo ordens para formar hum Partido de Guerra; formado este passou immediatamente ao outro lado, ostilizando os Insurgentes, fazendo Prisoneiros, e contendo os Inimigos a que não cometecem novo atentado; finalmente na ocasião que penetraram té o Erval e prisionaram hum Padre, e outras muitas pessoas e escravos, matando outros, acompanhou o Sargento-mór Hypolito da Costa Brandão conceguiu com a gente de sua Partida revender o saque, pôr em liberdade o Padre e os mais Presioneiros, fazer treze dittos do Inimigo, além dos que ficaraó no campo extintos.

Foi taó bem o suppl.^o em carregado por V. Exa. de mandar huma Partida composta de cento e cincoenta e sete homens, e com ella ficar á retaguarda do Inimigo que se retirava do Serro largo e ficando té hoje por ordem de V. Exa. em carregado da Defeza daquelle Ponto athe que ultimamente o foy pello Exmo. Sr. Marquez Gov. e Cap.^m General conferindo-lhe a Patente de Capitaó de Millicias e command.^{te} de Guerr.^{as}; entaó bateo completamente a Morera, depois fez o Avance do Acampamento das Canhas, fazendo prizioneiro o Cap.^m Commandante Francisco Antonio, e vinte e quatro Prezioneiros, e sete mortos, tomandolhe setecentos e vinte Cavallos, e nesse mesmo dia bateo a Latorre, que pella retaguarda o buscava para tirarlhe a presa e obrigandolhe a debandar fezlhe hum prezioneiro e cinco mortos, obtendo em hum e outro Ataque, o tomarlhe quarenta e huma Clavinas, onze Espadas, doze Bayonetas, e seis Pistollas.

Tem o suppl.^o de allegar que desde que tem a honra de servir a Sua Magestade tem sempre armado completamente, pago, fardado, e moneciado a sua Companhia a sua propria custa o que mostra com a attestação do Illmo. Brigadeiro Commandante em carregado daquelle Fronteira, por tanto

P. A. V. Exa. haja de fazerlhe a onra de attestarlhe o supra dito fazendo constar da sua lealdade e patriotismo. E. R. M. (F. R. em 25—IX—1818)”.

A êste requerimento dirigido ao tenente-general Manuel Marques de Souza, commandante da Fronteira do Rio Grande, deu êste o seguinte despacho, que encima a primeira lauda:

“Attesto ser verdade todo o relato deste Requerimento por ter recebido participagoens officiaes a que me reporto tendo só de acrescentar que o capp.^m suppl.^o tem actividade, muito desembaraço, e prestimo para o serviço desta Campanha, de que he summamento pratico. E para constar mandei passar a presente indo por mim somente assignada e sellada com o sinete de minhas armas. Acampamento de Chuy a 30 de Agosto de 1818. M.^o Marq.^s de Souza”.

“N. 3 — Snr. Bento Gonçalves da Silva. Accuso ter recebido a carta de V. M. escripta a 22 na Freguezia de Pirati-

nim e fico sabendo das Participações que me faz na Fronteira de Jaguarão e o plano que tem trassado para o prosseguimento da defeza della.

O cap.^m Antero, Ajud.^o das minhas Ordens encarrego de communicar a V. M. todas as noticias q'tenho sabido tanto de Monte Video como das Columnas da Direita, e por isso excuso estar aqui relatando. O dito Cap.^m vai encarregado de fazer marchar a primeira Cessão de pessoas de cada hum dos Districtos e desta sorte poderá reunir-se hum corpo maior: se acaso fôr o que penso será necessario dividir o Corpo em duas Partidas, encarregando huma delas do cap.^m João dos Santos Campello, porquanto os Corpos grandes não se movem, nem se regem bem, ficando huma das mesmas Partidas mais immediato ao Serrito, e a outra no Rincaó do Candiota, ou adonde houver maior commodidade ou segurança. Isto he o que por ora posso dizer a V. M., e o mais dirá o sobre dito cap.^m

Apeteço q' V. M. gose saude. Rio Grande, 28 de Abril de 1817. De V. M. — Seo muito seguro Venerador — **M.^o Marq.^s de Souza.** (F. R. 25—VIII—1818).

“N. 4 — Penço que o coronel Antonio Pinto terá adeantado a V. M. a noticia do movimento que soube de Otorguez levantando o seu Acampamento com... de 350 homens pouco mais ou menos; deixando unicamente as familias, dizem se encaminhava para a Fronteira de Bagé, porem pode acontecer que mude o seu plano. A vista do que conhece V. M. a perciação que ha de immediat.^o reunir a sua gente e o mais que puder para a costa do Jaguaram, adonde julgar mais conveniente para rebater os inimigos, ou surprezar a sua Cavallhada. Naó necessito dar daqui despozições pois tenho conhecimento de sua actividade, pratica da Campanha e de seu prestimo. D.^s G.^o a V. M. Rio Grande 10 de Mayo de 1817. — **M.^o Marq.^s de Souza.** — Sr. Bento Glz. Command.^{te} da Partida Volante da Fronteira de Jaguaram.” (F. R.).

“N. 5 — Felix José de Mattos Pereira de Castro, Proffessa na Ordem de Aviz, Brigadeiro dos Reaes Exercitos, Cheffe do Batalhaó de Infantaria e Artilharia da Capitania do Rio Grande por Sua Magestade que Deus Guarde etc.

Attesto que marchando com huma Devizaó de Tropas

d'El Rey N. S. a meo mando com destino a ganhar, e segurar a Villa de Mello; nos Dominios da Capitania de Montevideo; foi antes de alli entrar que da dita Villa se escapou o cap.^m Bento Glz. / entao paizano / portuguez e vesinho, cazado em aquella Villa, dando-me noticia do numero, estado, e opiniao dos Inimigos, cujas informacoes muito me serviraõ para a feliz surpresa daquella Povoacao; no decurso de mais quasi cinco mezes que alli me concervei entrou o refferido Bento Goncalves a prestar-se com muita utilidade para o Real Servisso, dando exactas noticias dos Insurgentes, marchando como Explorador em algumas Partidas que destaquei e desempenhando com madureza e respeito o logar de Alcaide para o que foi nomeado por uniformes Vottos dos vesinhos. Avancando as Tropas de Sua Magestade para Montevideo, e sendo retomada aquella Povoacao pellos Inimigos, retirou-se o dito Bento Goncalves para esta Capitania, e continuou a desenvolver os seus servissos em muitas ocazioens, sendo a que lhe faz muita distincção a reconquista do saque do Erval que elle fez com vinte vesinhos reunidos a seu chamado e se bateu contra mais de cincoenta no Passo da Cruz de Jaguaram. Foi successivamente nomeado Cap.^m Comm.^o de hum Companhia de Guerrilhas, e em Dezembro de 1817, tomando por ordem superior o Comando desta parte, da Fronteira era a Comp.^a do suppl.^o hum dos Corpos desta Guarnicao, tendo servido athe hoje debaixo das minhas ordens com muito valor e denodo, fazendo muitas prezas ao inimigo, para o que estava autorizado pelo Gov. desta Capitania, batendo o pyrata Morera no cytio dos Corrales para o lado de Limar e por minha ordem surprehendeo a 20 de Julho deste anno o Acampamento dos inimigos nas Canhas, cahindo prisioneiro o Cap.^m Commd.^o e 24 gauchos: muitas armas, municoens e mais de 700 cavallo e em aquelle mesmo dia derrotou a numeroza Partida do insurgente la Torre matando-lhe cinco e aprezionando-lhe hum; mallogrando deste modo as tençoens que tinha o dito la Torre de resgatar a presa das Canhas. Sempre a sua Comp. foi respeitavel pelo avultado numero de homens que concerva fardados, armados e mantidos á sua custa. E por ser verdade mandei attestar o deferido que assignei. Acampamento

de Sarandy, 19 de Agosto de 1818. — **Felix José de Mattos Pereira de Castro.** (F. R.).

“N. 6 — Manuel Xavier de Paiva, Cavalleiro da Ordem de S. Bento de Aviz, Coronel da Legião de Voluntarios da Capitania de Rio Grande do Saó Pedro do Sul, por Sua Magestade que Deos Guarde etc.

Attesto que tomando o commandamento do Departam.^{to} do Serrito em quatorze de Abril de mil oito centos, e quinze, fui informado pello meo antecessor o finado cap.^m da dita Legião Antonio Per.^a Marques, das relaçoens que tinha com o capp.^m de Milicias e Commandante de Guerrilhas, Bento Glz. da Silva, entaó morador na Villa do Serro Largo rellativo aos servissos que prestava a Nação fazendo-lhe todas as Participaçoens dos Movim.^{tos} e desposiçoens dos Insurgentes, em virtude do que convidando-o para continuar com os mesmos servissos, prestou-se com a maior boa vontade, não deixando nada a desejar a este respeito, fazendo-me prontos avizos, athe com despezas; e elle m.^{mo} por duas vezes arriscou a sua pessoa atravessando occultam.^{te} o cordaó das Guardas, para me informar da Reuniaó dos Dragoens da Liberd.^e na Villa do Serro Largo; e da approximação de Otorquez naquella m.^{ma} parte, assim como da compra de sinco mil espingardas e Muniçoens etc. que os mesmos Insurgentes tinhaó feito; assim tão bem de todas as medidas Osteis que os m.^{mos} tomavaó desimuladam.^{te} para hum movim.^{to} contra esta Fronteira. Ultimam.^{te} na entrada que fizemos ao Serro Largo, se apresentou desta parte do Chuy dando as noticias das circumstancias do inimigo e da direção que tomavaó em retirada, tendo abandonada a Villa; de entaó a esta parte tem prestado servissos mui relevantes e abalizados nesta Fronteira; que compete a ser attestado por outros superiores de baixo de cujas ordens actualment servimos.

Por ser verdade o referido e me ser pedido mandei passar a presente que assignei para que assim conste onde melhor lhe convier.

Acampamento do Passo da Cruz, 21 de Agosto de 1818 — **M.^{ei} X. de Paiva.** (F. R.).

“N. 7 — Joaó Pedro da Silva Ferreira Cap.^m graduado de

Cavallaria addido ao Estado Maior do Exercito com exercicio as Ordens do Exmo. Sr. Marquez de Alegrete, Governador e Cap.^m General desta Capitania.

Attesto que sendo mandado pelo Exmo. Sr. Marquez de Alegrete em commisaó á Campanha de Montevideo em o anno de 1815, na minha passagem pella Villa de Serro Largo encontrei a Bento Gonçalves da Silva, Portuguez alli estabelecido e casado, e por ter delle anticipadamente muito boa informação o encarreguei do miudo exame das forças dos Insurgentes que occupavaó aquella Povoação, e suas immediagoens, seu estado de armamento etc. assim como dos que compunhaó a Divizaó de Otorquez; o dito Bento Gonçalves me satisfez cabalmente, dando-me as mais decisivas provas do seu Patriotismo, cooperando com as fieis instrucções que me ministrou para o bom exito da diligencia de que eu hia encarregado; no meo regreço por aquella Povoação me pedio houvece de fazer certo ao Exmo. Sr. Marquez de Alegrete que elle se offercia para coadjuvar com sua pessoa e bens para a tomada daquella Villa ao caso que S. Magestade houvesse de mandar occupar aquella Campanha, o que participei officialmente ao mesmo Exmo. Sr.; sei por ter visto as participagoens officiaes que o dito Bento Gonçalves, depois que os Insurgentes retomaraó o Serro Largo se apresentou ao Exmo. Tenente General Manuel Marques e que reunindo alguns moradores em partida, seguira o comboy de equipagens que conduzia o saque do Serro Largo e que conseguira retomar huma boa parte, derrotando a Partida inimiga que o escoltava, sendo depois nomeado Cap.^m Com.^e de Guerrilhas, formou um... de mais de 100 homens e fardou á sua custa, e com elle tem defendido parte da Fronteira do Rio G.^a e conseguido por duas vezes ter derrotado os inimigos que atrevidamente se propunhaó hostilizarem as fazendas daquellas immediagoens e fazendo respeitavel e temido o seu nome entre os Insurgentes; he subordinado, activissimo e valoroso, o que tudo affirmo debaixo da minha palavra de honra, e por me ser pedida esta lhe passei indo por mim assignada.

Porto Alegre, 7 de Outubro de 1818. — **Joaó Pedro da Sliva Ferr.^a** — Cap.^m as ordens do Gov.^{dor} (F. R.)

Recepção de novos sócios no seio do Instituto

Os discursos que foram pronunciados pelos srs. Gaston Hasslocher Mazon, Clemenciano Barnasque, Walter Spalding e Alcides Maya

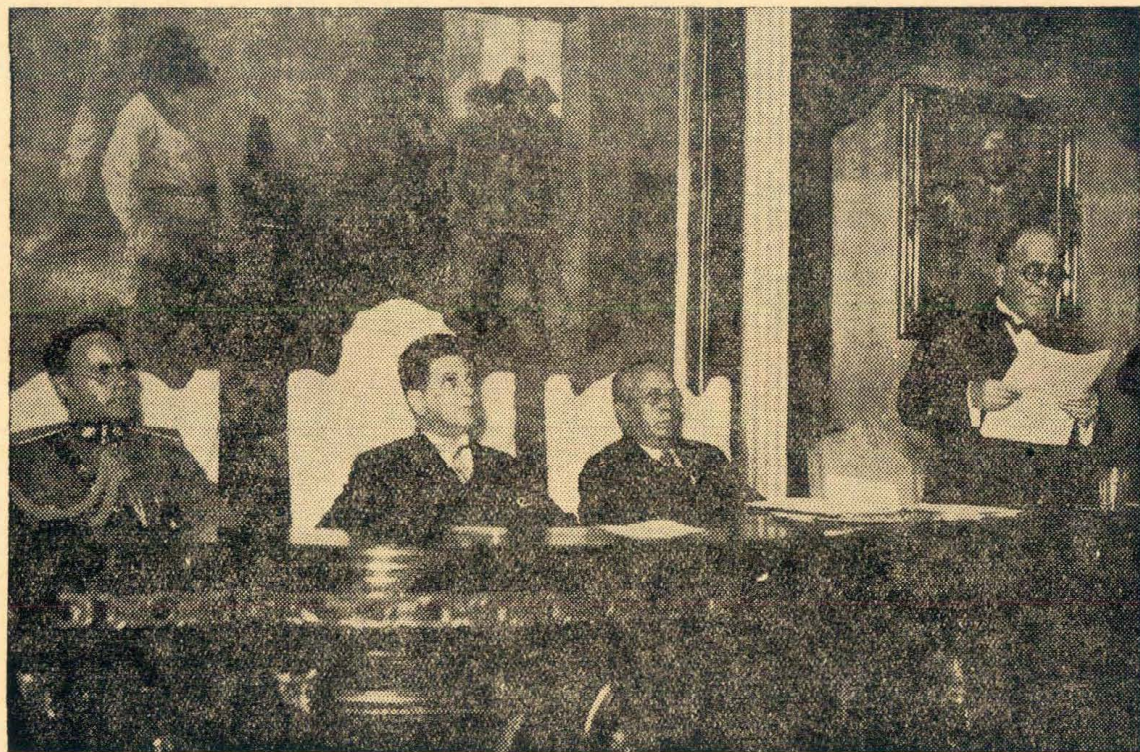
A ORAÇÃO DO SR. GASTON HASSLOCHER MAZERON

“No momento da minha recepção no seio da útil corporação que é o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, quero render homenagem a um grande brasileiro, cidadão por muitos títulos recomendável à veneração e à gratidão de todos os patriotas.

Procurarei lembrar embora em traços rápidos o que foi a sua vida e sua imensa capacidade de trabalho, tudo isso aliado a um profundo sentimento de patriotismo, a nortear todas as suas benéficas iniciativas.

Quero falar de Antônio Carlos Lopes, aquele farmacêutico benemérito, que viveu na cidade do Rio Grande e de quem tanto se deve orgulhar a sua terra, e seu Estado e a sua Pátria.

Antônio Carlos Lopes, inspirado nas organizações de outros países, que em grandes dispêndios asseguraram os meios de defender a sua integridade, resolveu fundar Sociedades de Tiro Brasileiro, e para isso organizou, naquela cidade, um núcleo de patriotas que recebeu o nome de “Socie-



Recepção do sr. Gaston Mazon

dade de Propaganda do Tiro Brasileiro”, a qual tinha como escopo o preparo dos brasileiros civis para poderem, com eficiência, cooperar com o nosso glorioso exército na defesa militar do Brasil.

Essa associação tinha por fim promover a fundação de sociedades nacionais que construíssem linhas de tiro e ministrassem a seus sócios a instrução do Tiro de Guerra.”

Leu o convite distribuído no Rio Grande para a reunião na qual foi fundada a Sociedade de Propaganda do Tiro Brasileiro, no dia 7 de setembro de 1902, e os nomes dos srs. Antônio Carlos Lopes, capitão Afonso de Carvalho, 1.º tenente Jorge Marques Coelho, G. Climaco Melo, Emilio Manssel e Alfredo G. Rheingantz, que assinam esse convite.

Lembrou que Antônio Carlos à frente da Sociedade manteve assídua correspondência com as principais sociedades de Tiro do mundo, ao mesmo tempo que se dirigia a todos os jornais, revistas, almanaques, etc., existentes no país, solicitando que publicassem notícias de propaganda do Tiro Brasileiro.

“No mesmo sentido dirigiu-se às diretorias das sociedades, professores de colégios públicos e particulares, aos governadores e presidentes dos Estados solicitando seu apóio perante os chefes do executivo dos diversos municípios; aos presidentes dos conselhos ou câmaras legislativas; aos comandantes de forças federais e estaduais e ainda às pessoas mais destacadas do país.

As sociedades tiveram para modelar a sua organização, o excelente livro “O Tiro Brasileiro” da autoria de Antônio Carlos, completo repertório de conhecimentos para o tiro com as armas portáteis regulamentares brasileiras, que o seu abnegado fundador fizera editar no ano anterior. Graças ao benéfico e patriótico amparo que à nascente instituição deram o dr. Afonso Pena, então presidente da República e o seu ministro da Guerra Marechal Hermes da Fonseca, que nesse cargo prestou os mais assinalados serviços à causa dos Tiros Brasileiros, serviços esses, que nunca deverão ser esquecidos, começaram a surgir as Sociedades em todos os recantos do nosso imenso território.

Devo consignar também o muito que fizeram em prol da nascente instituição os eminentes brasileiros Barão do Rio Branco e Nilo Peçanha.

E começou então a tarefa gigantesca dos alunos de Antônio Carlos Lopes. Em toda a parte surgiam Sociedades que iniciaram um trabalho de educação cívica e militar, cujos resultados não tardaram a ser reconhecidos — em primeiro lugar, desfizeram uma prevenção estúpida, que existia contra o soldado, chegando muitos ao cúmulo de considerar diminuída uma família, cujo filho vestisse a farda gloriosa do nosso Exército.

Antes, muito antes de ser posta em vigor a lei do sorteio militar, as sociedades de tiro, já preparavam milhares de reservistas, não porque temessem de servir nas fileiras, pois quem disso tiver dúvida, basta recorrer ao arquivo do Tiro de Guerra 4, que foi a primeira sociedade que apresentou uma turma de reservistas em todo o Brasil e constatará que dos 109 rapazes que constituíam essa turma, apenas 6 eram menores de 21 anos e portanto os únicos sujeitos a serem sorteados, caso o sorteio entrasse em vigor no ano seguinte.

As datas nacionais passaram a ser festejadas com maior entusiasmo e o hino nacional começou a ser mais conhecido. Quantos oficiais e sargentos, antes de ministrar a instrução militar viram-se na contingência de ensinar primeiro o nosso idioma a seus instruendos? Foram também verdadeiros beneméritos. E para demonstrar o valor nacionalizador dos Tiros, citarei dois casos que bem dizem do grande valor da instituição: Em Pôrto Alegre, um grupo de 25 rapazes de origem alemã matriculou-se no Tiro de Guerra 4, em plena época da grande guerra; a maioria não falava português. Na opinião de muitos, êsses rapazes não deveriam ser aceitos pois... eram alemães. Entre os oficiais do batalhão da sociedade surgiu um capitão que se propôs a dar instrução aos alemães e lá foi para o colégio a que os mesmos pertenciam como internos e nos exames finais os alemães que então já falavam português, fizeram brilhantes provas e conquistaram as suas cadernetas de reservistas. O capitão teve o prêmio de seus esforços, pois êsses rapazes, ao regressarem

para as suas colônias e cidades, fundaram logo 18 sociedades, daquelas muitas que até hoje, todos os anos, dão o seu grande contingente de reservistas.

Outro exemplo: Numa carta escrita de Nova Trento, para Antônio Carlos, no dia 2 de janeiro de 1927, encontrei o seguinte trecho, a propósito dos exames do Tiro 682, daquela localidade: "E' uma pequena sociedade desprovida de recursos, mas que presta reais serviços. Na primeira turma composta de 50 alunos, 21 eram analfabetos. Pois bem, saíram todos sabendo ler e escrever rudimentarmente, e de toda a turma 49 foram aprovados."

Em quantos lugares da Pátria, onde pela sua grande extensão é impossível manter batalhões, velhos brasileiros, que nunca deixaram as suas terras viram pela primeira vez o desfilar de uma fôrça e isso feito pelos atiradores e assim tiveram uma ligeira idéia do que fôsse o nosso exército, o qual era por êles conhecido apenas através da história e que sabiam ser muito lindo e nunca ter sido vencido.

Lá, nos sertões do norte ou nas coxilhas do sul, o rapazote, que aspirava ver grandes cidades, viajar, conhecer enfim um meio diferente daquele em que nascera, sonhava com a época em que devia servir, para ostentar o uniforme, empunhar uma lança, marchar ao som da música da infantaria ou fazer detonar um canhão, enfim, ver aquilo tudo que o sargento contava. Quem preparou êsse ambiente? Quem fez mandar o sargento instrutor para aqueles recantos quasi ignorados? As sociedades de tiro."

Citou as 54 primeiras sociedades fundadas e que logo tomaram grande incremento em todo o país, figurando entre elas, 7 no Rio Grande do Sul, e nos seguintes lugares: n.º 1, Rio Grande; n.º 4, Pôrto Alegre; n.º 9, Uruguaiana; n.º 30, Jaguarão; n.º 31, Pelotas; n.º 36, Santa Maria; n.º 87, São João do Montenegro.

Nessas 54 sociedades inscreveram-se 13.934 atiradores, sendo 3.011, neste Estado.

Lembrou o muito que fizeram em favor da nascente instituição o marechal Hermes da Fonseca, barão do Rio Branco, drs. Nilo Peçanha e Afonso Pena.

Citou nominalmente 106 das sociedades de tiro organizadas neste Estado.

Lembrou, que a primeira vitória desportiva internacional, foi conquistada pelos atiradores nas olimpíadas de Antuérpia, vencendo o campeonato de pistola do mundo.

Citou o memorial que Antônio Carlos remeteu ao nosso embaixador da Conferência da Paz, dr. Epitácio Pessoa, fazendo sugestões a propósito de corporações militares que ali se organizavam e que assim terminava:

“Si, como complemento da abolição da conscrição militar, fôr adotado no Estatuto da Liga das Nações este organismo quasi equivalente à conscrição, nos resultados técnicos, mas mais humanitários, porque não tem por escopo a preparação para a guerra o mais conservador dos recursos econômicos das nações, visto que não desvia o homem do trabalho produtivo, mas que custa pouco e que é verdadeiramente benéfico, terá sido feita uma obra meritória.

Teremos, então, nós, brasileiros, o gozo extraordinário de haver concorrido para o aperfeiçoamento da humanidade e de sentir, ao mesmo tempo, palpitar ao nosso lado um Brasil gigante na sua envergadura e estuante de vida forte.”

Fez considerações demonstrando a eficiência dos Tiros sob o ponto de vista militar, cívico e nacionalizador, citando vários exemplos.

E assim finalizou:

“Não receio contestação afirmando, que si no Rio Grande, toda a população daquela cidade deu a Antônio Carlos Lopes apôio moral e material, para a realização do seu ideal, que tantas vantagens trouxe para a Pátria, não foi menor em todo o resto do Estado e principalmente em Pôrto Alegre, onde ainda existem duas grandes sociedades, os Tiros 4 e 318, notadamente o Tiro de Guerra 4, que asseguro, com a responsabilidade de quem faz história, foi a sociedade que mais ativa e fecunda existência tem tido e cuja ação nunca foi interrompida, embora atravessando vários períodos de decadência e grandeza. Todos os anos fornece o seu contingente de reservistas e com os Tiros 7, do Rio de Janeiro e 19, de Curitiba, constituiu a trindade gloriosa, que não deixou pe-

recer a instituição nos dias amargos que atravessou, quando lhe foi movida uma campanha inconsciente para a sua destruição.

As gerações vindouras ao terem conhecimento do muito que fizeram e estão fazendo as sociedades que em boa hora o espírito empreendedor e patriótico de Antônio Carlos fundou, terão justificado orgulho dos seus antepassados.

Para finalizar citarei outras iniciativas benéficas daquele grande brasileiro: No dia 7 de setembro de 1922, para festejar o centenário da Independência do Brasil, divulgou, em folhetos impressos com as cores nacionais, o resultado das experiências feitas e solução do importante problema de queima eficiente da hulha brasileira com aproveitamento do mesmo material de vapor em uso, plena e satisfatoriamente, depois de dois anos de cuidadosas experiências realizadas por êle, na cidade do Rio Grande e sob o controle da Direção Geral do Pôrto e Barra do Rio Grande do Sul.

Outra das suas iniciativas: Estudou a zona calcárea do município de Arroio Grande, no lugar denominado Palmas, obtendo dos respectivos proprietários a opção de compra das terras, tendo também adquirido alguns lotes.

Depois, mandou proceder a análises por intermédio de institutos de crédito ingleses, holandeses e americanos e estes depois destas realizadas e que foram julgadas ótimas, propuseram que Antônio Carlos lhes vendesse o integral direito sobre as jazidas ao que êle se opôs tenazmente, a-pesar das rendosas ofertas, respondendo sempre que era brasileiro, não alienaria integralmente essas ricas jazidas e ao máximo consentiria a participação de estrangeiros com a quota máxima de 45 % do capital e os outros restantes 55 % aos brasileiros natos, evitando dessa forma a preponderância do estrangeiro sobre o nacional.

Essa proposta não foi aceita e Antônio Carlos não transigiu no seu ponto de vista a-pesar das grossas maquinas a êle oferecidas pelos interessados. Procurou aproximar-se dos banqueiros nacionais e quando as demarches estavam quasi ultimadas, morreu o sr. Pedro Benjamin de Oliveira, que era um dos fortes sustentáculos dêsse grande empreendimento.

Pouco depois, morria também Antônio Carlos Lopes, deixando um nome ligado a êsses patrióticos gestos e foi por isso, que rendendo a mais respeitosa homenagem à sua memória, escolhi o dia de hoje, o dia mais feliz da minha vida, no momento em que são premiados os meus esforços, para prestar um serviço aos que nos vão suceder na vida, contando a história, embora apagadamente, daquele homem extraordinário, que se chamou: Antônio Carlos Lopes.”

A seguir tomou a palavra o sr. Clemenciano Barnasque, que fez uma bellissima oração, entusiasticamente aplaudida. Foi a seguinte a oração do recipiendário:

A PALAVRA DO SR. CLEMENCIANO BARNASQUE

“Naqueles tempos, pela estrada então mal esboçada do Cerrito do Ouro, das bandas das serras de Caçapava, descia um carreteiro...

Súbito, ao longe, coroando num dorso de coxilha, começaram a cintilar na manhã clara as reverberações de lâminas luzentes ao rubro tremular de bandeirolas... Um piquete avançava.

Defrontando o carreteiro que vinha, os da escolta inquiriram sôbre o atalho mais curto que os levasse a São Gabriel.

— Por alí, indicou o vaqueano, apontando a descida do Cambaí.

— Mas quem são os senhores, perguntou.

— Somos a vanguarda de Marques de Sousa. Seguimos para Uruguaiana, tomada pelos paraguaios.

— Como, paraguaí entrou aquí?

— Sim, um corpo de exército ao mando de Estigarribia entrou por São Borja, desceu pelo Itaqui e está se entrincheirando em Uruguaiana.

— Não têm uma lança de sobra?

— Temos.

— Então esperem um instante.

— E rápido, desalojou seus bois, deixando alí mesmo, bem no meio da estrada do encontro, estendidas as cangas

e a carreta carregada de cal, ao abandono. Enfiou a agulhada ao longo da tósca tolda de Santa-Fé e segurou a lança que lhe deram.

— **Vamos**, eu sou vaqueano dêstes pagos. E o piquete aos poucos foi desaparecendo no pampa, ao rumo da fronteira.

— Quem és, rude patricio abnegado? Quem és tu carreteiro audacioso, que deixas ao abandono de uma estrada, toda a tua fortuna que essa carreta representa e ousas assim incorporar-te ao luzido esquadrão dos lanceiros do Império?

E Osório responde a pergunta, precisamente no dia que **hoje** passa, dois anos depois, a sessenta e sete anos atrás:

— E' o tigre Chananeco. E' o carreteiro do Cerrito do Ouro, de cuja lança, nesta campanha, duas vezes penderam os destinos militares do Brasil.

O vento forte do minuano, que neste dia soprava, trazendo de lá de longe, o eco horrendo do canhoneio de Tuiutí, atirou ao acaso da campina os pedaços da tolda da carreta abandonada.

Desfeita aos poucos, no alto daquela eminência em que parara, ficou apenas dêsse tósco veículo, como ainda lá está até hoje, a mancha branca da cal que a chuva argamassou, como a lançar no meio de uma estrada a base fundamental de um monumento.

Eu nasci à beira dessa estrada que essa mancha assinala.

Foi nela que aprendi todo o amor que eu consagro ao nosso Rio Grande amado. E neste templo cívico, onde hoje entro "como filho obscuro e pobre, mas sempre filho" — eu juro que haverá eterna na minh'alma a mancha branca de uma estrada do pampa.

Ilustres confrades: Que Deus vos guarde para bem da Pátria".

Saudando o sr. Gaston Hasslocher Mazon falou o sr. Walter Spalding, que disse o seguinte:

A ORAÇÃO DO SR. WALTER SPALDING

“Hodie mihi, cras tibi”.

A legenda é fúnebre. Mas com ela quero, hoje, representar uma dessas mutações de nossa vida: ontem era eu recebido neste ilustre grêmio; hoje, por indicação do nosso ativo presidente desembargador Florêncio de Abreu, cabe-me a honra de receber e saudar em nome dêste Instituto um novo confrade, o sr. Gaston Hasslocher Mazon.

Acabais de ouví-lo no seu discurso de apresentação no qual resalta, com competência e com carinho, a figura dêsse benemérito da Pátria, Antônio Carlos Lopes, que passou a maior e melhor parte de sua vida trabalhando por essa útil instituição cuja glória toda lhe pertence: os tiros de guerra.

Exercendo, desde longos anos, a sua tividade na imprensa desta capital, Mazon jamais abandonou essa sua grande paixão: as escolas de soldados fora dos quartéis, os tiros, e a par dessa atividade cultivava, e cultivava, também, a História.

Quando Mazon publicou o seu primeiro livro, — residíamos, então, ambos na povoação de Canoas e éramos companheiros diários nas viagens a esta capital, — eu o julguei um dêsses “lobos do mar”, como se costuma dizer. E’ que êsse primeiro livro — O MAR — publicado faz mais de um decênio, não nos podia dar dêle outra idéia.

Nessa obra, com muito critério e muito gôsto, o recipiendário de hoje reuniu grande cópia de trechos em prosa e verso sôbre o mar.

Mais tarde, a par de seus trabalhos pelos tiros e dessa excelente antologia, notei que outro ramo, e quicá o mais lindo, dos conhecimentos humanos lhe prendia a atenção. Mazon cultivava, também, a história. E essa atividade intelectual do nosso amigo foi para mim verdadeira surpresa, porque nunca lhe ouvira, até então, duas palavras sequer sôbre história. E contudo alí estava a prova provada: seus artigos na imprensa, especialmente na “A Federação”. Nêles resurgiam, como de um caos profundo os primeiros dias desta nossa encantadora capital.

Os aspectos do antigo “Pôrto dos Casais”, da capelinha de São Francisco, da capela de Nossa Senhora Madre de Deus... as ruas, as casas, o nosso teatro, a iluminação... tudo, enfim.

Em 1928 safu dos prelos da Livraria do Globo o seu primeiro trabalho de história: “Notas para a história de Pôrto Alegre”.

Não é uma obra que se diga original, Todos os seus capítulos haviam sido publicados, anteriormente, na “A Federação”. São, contudo, úteis e interessantes, mormente a quem se dedica ao estudo da “infância” de nossa metrópole.

Pesquisador cuidadoso, Mazon conseguiu, com essas “Notas”, fazer uma obra que ficará. Há de ser sempre consultada por quem quizer pôr-se em contacto com nosso passado.

Com o que já publicou, quer nas “Notas”, quer na imprensa, últimamente, retocando e ampliando um pouco uns e outros, Mazon nos poderá dar a melhor e mais completa História de Pôrto Alegre, que, infelizmente, ainda não temos.

Sobre a vida de nossa Capital, pouca cousa existe: além das “Notas” de Mazon, pouco mais temos, mas tudo incompleto e imperfeito: “A fundação de Pôrto Alegre”, de Augusto Pôrto Alegre; o “Almanaque de Pôrto Alegre”, simples notícia escrita em 1808 por Manuel Antônio de Magalhães, e o mais cousa esparsa em almanaques, revistas e jornais, destacando-se, entre todos, as “Antigualhas” de Antônio Alves Pereira Coruja.

Modernamente, em 1932, apareceu o livro mais completo e mais perfeito sobre o início de Pôrto Alegre. Refiro-me ao “Casais”, do general Borges Fortes, livro apreciável sob todos os pontos de vista, embora Aurélio Pôrto, — um dos nossos grandes mestres, — discorde do ilustre e consciencioso autor quanto ao número de “Casais” que aqui aportaram. E é só o que temos até hoje, ao que me conste.

Pôrto Alegre, porém, precisa ter o seu historiador. Precisa que se lhe escreva a história completa até nossos dias. A cidade “leal e valorosa” o exige, e com tanto mais direito porque possui um núcleo brilhante de historiadores.

Hoje, ao recebermos em nosso seio um que de longos anos se vem dedicando a esse mister, é de justiça que a êle entreguemos essa tarefa.

Gaston Hasslocher Mazeron:

Em nome do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, eu te saúdo.

Benvindo sejas ao nosso grêmio.

Disse."

As últimas palavras do orador foram abafadas por prolongadas palmas.

Para saudar o sr. Clemenciano Barnasque, fôra designado pelo Instituto o sr. Alcides Maya. Êste culto e consagrado escritor patrício saudou o novo membro do Instituto com as seguintes palavras:

A ORAÇÃO DO SR. ALCIDES MAYA

Alcides Maya diz que Clemenciano Barnasque encarna duas individualidades distintas, a do historiador e a do poeta. Para isso, lê trechos esparsos das obras de Barnasque, ora trechos de história, onde o autor se mostra um conhecedor profundo da vida do Rio Grande e dos seus homens, ora trechos de poesias, em que Barnasque exterioriza a sua alma de poeta e o seu espírito de elite.

Falando sôbre a História, disse o orador:

"Em história, notai-o, é preciso sentir... História é poesia. História é vida, imaginação, pensamento, simpatia humana, senso espiritual de épocas, análise vibrante de homens e de lances, visão interpretativa de fôrças e de massas, correlação de circunstâncias exteriores e de correntes subjetivas, estro profético em pesquisa e crítica, tanto quanto faculdade idealizadora no retrato evocativo das eras. A historiografia apresenta-se nos gabinetes, nos arquivos, nas bibliotecas, dedicada, útil e nobremente ao registro, ao balanço, a clareza dos textos, dos catálogos frios e secos, de anais, de mapotecas, de manuscritos, de correspondências, de documentos. História, porém, será sempre cérebro e coração presos um ao outro no domínio constelado ou sombrio majestático ou aviltado, luminoso e sereno ou túrbios de paixões e de

vícios, dos cenários, grandes ou pequenos, dilatados ou curtos, rasgados através de nações e de pátrias, em todos os Continentes, em todos os séculos, em que a Humanidade há travado as suas batalhas e realizado as suas conquistas. Eis porque à história chamou Mommsen de “Vasta série de preparações humanas”. E por ser uma síntese, assim, de progressos da espécie, entrelaçados no tempo, a história jamais conseguirá isolar sucessos, paralizando-os ou tentando atirá-los para trás das correspondências da sua fase...

E, notei-o na mesma conferência da Academia: “35 nunca deixará de constituir um dos grandes-poemas políticos da América, batalhadora pela sua liberdade, do Brasil, sequioso de liberdade, e do Rio Grande, soldado da liberdade. 35 é o nosso canto de guerra, um cântico em que, sob pendões em desdobro insolente, fio a fio de coxilhas ensanguentadas, ou por entre ínvias cerranias ensanguentadas, ou nas várzeas ensanguentadas e nas ensanguentadas águas de rios, lagos e lagões, do impávido torrão guasca, ressoaram, mescladas a sibilos de balas e sibilos de minuano, as vozes respeitáveis do passado, as vozes do futuro, as nossas grandes VOZES. Fôrça é que as interpretemos vibrantes, com os mortos gloriosos redivivos em nós...

Que êles nos dominem, nos edifiquem e nos resgate!

Renovem-se os sacrifícios, sob o estímulo santo de tantos bons e altivos embates!!

A vossa obra, sr. Clemenciano Barnasque, preside-a um senso de beleza ideal que, de período em período histórico do Rio Grande do Sul, corresponde a semelhante critério.”

Nótulas Bibliográficas

por VALTER SPALDING

“O COLONO ALEMÃO”, por Aurélio Pôrto. (Notas para a História da Imprensa Rio Grandense — (1827-1837), separata do vol. XXX das “Publicações” do Arquivo Nacional (2º vol. do “Processo dos Farrapos”), Rio de Janeiro, Of. Graf. do Arquivo Nacional, 1934.

Mais uma interessante e utilíssima obra de Aurélio Pôrto essa sôbre o jornal publicado por Hermann von Salisch — **“O Colono Alemão”,** — a que acrescentou um excelente trabalho, o mais completo até hoje aparecido, sôbre a imprensa no Rio Grande do Sul no decênio de 1827 a 1837.

A imprensa foi inaugurada nesta então província em 1827 com os restos da tipografia Imperial do Exército organizada por Barbacena. Embora sejam contrários a êsse início da nossa imprensa vários de nossos historiadores, somos de opinião, acrescentando ao nosso juízo a afirmação de Aurélio de que realmente foi com os restos da tipografia imperial do exército que se inaugurou a imprensa no Rio Grande do Sul, fundando-se a **Tipografia Rio Grandense** dirigida por Cláudio Dubreuil e Estivalet, como respectivamente, compositor e impressor. Foi dessa tipografia que saíu, em junho

de 1827 o primeiro jornal de Pôrto Alegre e da província: o **“Diário de Pôrto Alegre”**, que teve, apenas, um ano de vida. Daí por diante foram surgindo, quasi que ano por ano, novos jornais, atingindo o seu númreo a 35 em 1837, isto é: dez anos mais tarde.

“O Colono Alemão”, que teve curta duração, foi um jornalzinho de idéias liberais francamente revolucionário, tendo prestado relevantes serviços o seu diretor e fundador à causa farroupilha.

Era bissemanal o periódico de von Salisch, tendo vivido de 3 de fevereiro de 1836 a mais ou menos 18 de março, data em que **“O Mensageiro”** comunica que **“O Colono Alemão”** deixa de sair por falta de assinantes suficientes para o manter. Diz Aurélio Pôrto que julga não terem saído mais de 8 ou 10 números. Sendo, porém, bissemanal, como declara no cabeço: “Publicar-se-á duas vezes na semana, em dias indeterminados”, — cremos que maior deva ter sido o número de edições.

E’ inestimável o serviço que Aurélio Pôrto nos vem de prestar com a publicação dêsse seu trabalho tão útil quando interessante para o estudo da História de nosso Rio Grande do Sul.

*

“O TESOURO DO ARROIO DO CONDE”, por Aurélio Pôrto. Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1933.

Aurélio Pôrto é hoje um nome vastamente conhecido em todo o Brasil. E’ uma das figuras mais representativas no mundo literário, mormente histórico, de nossos dias. Escritor de vasta erudição, sóbrio e metódico, as suas obras serão sempre lidas com interesse e carinho. Não se perde Aurélio Pôrto, como tantos outros, em divagações inúteis e massantes. Seu estilo é leve, fluente, quasi didático. Assim o conhecemos desde muitos anos.

O **Tesouro do Arroio do Conde**, que a Livraria do Globo acaba de publicar em bem cuidada edição, é mais uma prova do que afirmamos.

Em tôrno de fatos históricos aos quais deu mais vida e calor uma delicada lenda, a do tesouro do modesto arroio de nosso pago, teceu Aurélio Pôrto um romance encantador, romance que é bem um quadro fiel da vida sul-riograndense setecentista.

Sôbre o valor do livro que mais dizer, si Souza Docca, o mestre, dêle disse o que dizer se podia, no prefácio que para o livro escreveu?

Sob todos os pontos de vista o romance, brilhante contribuição para o estudo da sociedade rio-grandense daqueles tempos, nada deixa a desejar. A própria parte romântica tratou-a o A. de um modo superior e embora morresse de amor o capitão Paulo Caetano de Souza, não há no livro pieguices e liris-mos inúteis de poetinhas de água doce e romancinhos chorosos.

O **Tesouro do Arroio do Conde** é um grande livro, de vida real, escrito com carinho por erudito pensador e historiador.

*

A REVOLUÇÃO DOS FARRAPOS, por **Fernando Callage**, São Paulo, 1934.

Fernando Callage é, sem dúvida, um dos nossos grandes estudioso, digno continuador de seu saudável irmão Roque no domínio das letras.

Inúmeros teem sido os seus trabalhos, na tribuna do conferencista e no livro. E, sobretudo, Fernando Callage é um apaixonado pela nossa história a cuja serviço vem pondo toda a sua fecunda inteligência.

Acaba, agora, de publicar, em S. Paulo, em livro a que intitulou "**A Revolução dos Farrapos**", uma série de conferências feitas na sede do "Centro Gaúcho", na Paulicéa.

Lendo essas conferências, nota-se que o A. as escreveu às pressas, sôbre o joelho, na carência do tempo que lhe dão seus quefazeres quotidianos.

Lastimamos, porém, que as tenha publicado em livro sem mais passar-lhe os olhos, limando-as e corrigindo graves erros

ormente em se tratando de nomes de personagens como Côrte Real, Antero José Ferreira de Brito e outros, além de deslizes na parte histórica, como a posse de Bento Gonçalves, depois de sua fuga do Forte do Mar, na Baía.

Esses deslizes, ditos, não teriam a importância que tem quando repetidos em volume, pois é sabido que **“verba volant, scripta manent”**, como reza o velho provérbio latino.

Em todo o caso a obra não foi perdida e o trabalho do sr. Fernando Callage é digno de todo o nosso aplauso, por ser patriótico e de grande alcance social e quiçá político.

*

“HISTÓRIA DE CACHOEIRA”, por
De Paranhos Antunes, Cachoeira, Sul —
1930.

“HISTÓRIA DE RIO PARDO”, por
De Paranhos Antunes, Pôrto Alegre, Livraria do Globo, 1933.

O sr. De Paranhos Antunes é um grande estudioso das cousas de nossa história. Haja vista esses seus dois volumezinhos de “subsídios para a história do Rio Grande do Sul”. Não são, esses trabalhos do jovem oficial do Exército mais que ensaios, mas representam, contudo, alguma coisa mais do que simples tentativas no gênero, especialmente o **“História de Rio Pardo”**.

Em **“História de Cachoeira”** aventura o autor uma teoria completamente errônea quando diz que o “primeiro núcleo fixo de povoamento na gleba rio-grandense foi constituído pelo presídio do Rio Grande, fundado por José da Silva Pais em 19 de fevereiro de 1737”. Não está certo, pois muito antes de aportar ao pôrto do Rio Grande o brigadeiro Silva Pais, existiam, no Rio Grande do Sul, os povoamentos feitos pela frota de João de Magalhães, conforme deixou cabalmente provado o general Borges Fortes com seus interessantes estudos **“Troncos Seculares”** **“Casaes”** e agora, com a **“Frota de João de Magalhães”**, publicado no último n. da Revista do Institu-

to Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (1.º trimestre de 1934). Não resta, porém, a menor dúvida de que êsse subsídio do sr. De Paranhos Antunes, como obra de divulgação, tem o seu valor.

Superior, em tudo, à História de Cachoeira”, é a “**História de Rio Pardo**”. Mais completo, mais amplo e mais perfeito, êste trabalho do ilustre oficial será um ponto de partida para um estudo futuro, desenvolvido e completo, como o que acaba de fazer João Belém em Santa Maria.

Em ambos os volumes, na parte referente aos filhos ilustres dessas localdiades, há equívocos e falhas, que o A. em edição nova, mais ampla e desenvolvida, corrigirá por certo e ampliará acrescentando novos nomes aos já mencionados.

Em todo o caso esses trabalhos do sr. De Paranhos Antunes são dignos de todos os encômios.

*

A BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE,
por **Edgar Fontoura.** — Rio Grande, 1933.

O Sr. Edgar Fontoura é um grande trabalhador. Grande e infatigável.

O seu último trabalho sôbre a Biblioteca Rio-grandense, benemérita instituição da cidade do Rio Grande, no 87º aniversário de sua fundação, não só é interessante, como também instrutivo. E’ trabalho de um pensador, além de historiador, que sabe ver o lado prático.

A Biblioteca Rio-grandense é, em verdade, digna da brilhante conferência do sr. Fontoura. E’ um monumento imprecívél a que a cidade do Rio Grande muito deve, especialmente no que se refere ao espírito, ao intelecto, à instrução.

*

O ALEIJADINHO DE VILA RICA,
por **Gastão Penalva.** Renascença Editora,
Rio de Janeiro, MCMXXXIII.

Antônio Francisco Lisboa, o **Aleijadinho**, é uma figura impressionante de homem e de artista. A sua fama transpôs não só as fronteiras da província, mas as da pátria brasileira. Em 1927 ou 1928 era divulgado em Paris, em um romance que infelizmente não conseguimos obter, — edição Stock, — a vida do grande **Aleijadinho**. Blaise Cendrars é o autor desse romance, e **ALEIJADINHO, OU HISTOIRE D'UN SANCTUAIRE BRESILIEN**, o seu título.

No Brasil, até então, era Antônio Francisco Lisboa conhecido apenas de alguns poucos eleitos. Nós desde muito procurávamos ler alguma coisa sobre essa vida maravilhosa de artista ainda mais maravilhoso, milagroso, até, mas, por mais que procurássemos, nada obtínhamos.

Renunciamos, afinal. Em seguida vimos o anúncio da obra de Cendrars. Reiniciamos a procura. Como a primeira, infrutífera. Agora cai-nos nas mãos o **ALEIJADINHO DE VILA RICA**, do sr. Gastão Penalva. Foi como um presente do céu.

Muitas e muitas vezes nos lastimamos com a tarefa de comentador de livros que o Instituto nos impôs. Mas quantas outras bemdizemos essa imposição! E uma dessas vezes é esta que veio satisfazer um antigo desejo nosso: conhecer mais de perto o incomparável **Aleijadinho**, o prodígio de Vila Rica, uma das mais legítimas glórias da grande Minas.

De Gastão Penalva conhecíamos somente um romance lindo e comovente sobre a guerra do Paraguai, **A TECEDERA DE GÑANDUTI**. Nada mais. Bastou, porém, essa obra para fazermos dêle o melhor juízo. Nunca, porém, esperávamos de sua pena um trabalho tão precioso como o **O ALEIJADINHO DE VILA RICA**. Algumas restrições fazemos no contexto da obra, mas o conjunto é admirável.

Na **Homenagem**, página inicial do grande volume, diz Gastão Penalva: “O meu maior desejo é que este livro ficasse, através das idades, como a perpetuação arrojada e sincera desse labor de gigante que de futuro poderá ser um montão de destroços naquela terra em ruínas”.

Fique certo Gastão Penalva que o seu livro há de ficar.

Há de ficar enquanto houver no Brasil um coração que palpite, um coração que ame as tradições e as glórias de sua pátria, uma alma, enfim, que compreenda as delícias sem par da obra imortal do Cellini mineiro, o aleijado de Vila Rica, Antônio Francisco Lisboa.

*

MODERN HISPANIC AMERICA,
Edited by A. Curtis Wilgus; The George
Washington University Press, Washing-
ton, D. C., 1933.

Nos EE. UU. da América do Norte os estudos americanos estão tendo um desenvolvimento verdadeiramente notável.

Nas Universidades daquele povo empreendedor não se descança. Professores e alunos estudam. Estudam e trabalham.

A Universidade de Washington, por exemplo, empreendeu, em 1932 um curso especial de “Estudos de assuntos da América-espanhola”, cuja série inicial de trabalhos apresentados, discutidos e comentados nada deixa a desejar.

Studies in Hispanic American Affairs é um verdadeiro centro de irradiação de cultura norte e sul americana, e vem demonstrar o interesse dos Estados Unidos para que seus filhos tenham um conhecimento tão perfeito quanto possível sobre quanto diz respeito à vida social, política, religiosa, etc., dos demais países destas américas.

A. Curtis Wilgus, diretor desse curso de estudos, editou, o ano passado, num grosso volume de mais de 600 páginas a série de trabalhos apresentados em 1932, a que deu o título **MODERN HISPANIC AMERICA**.

Para se ter um idéia do valor e interesse dessa primeira série de estudos, mencionaremos, a seguir, o índice do volume que se divide em duas partes: **Introdução**, que compreende quatro trabalhos, e **Período moderno**, que completa o volume com seus 19 capítulos.

Eis o índice:

I — Introduction. Our intellectual appreciation of His-

panic American Affairs, by A. Curtis Wilgus; II — The Hispanic Invasion and occupation of the Western Hemisphere, by Mary Wilhelmine Williams; III — The political and economic administration of the Indies, by Mary Wilhelmine Williams; IV — The Roman Church in the Indies, by Mary Wilhelmine Williams. Estes os estudos que compõem a Introdução. A parte sôbre o Período Moderno encerra os seguintes estudos:

V — Modern political Life in Hispanic America, by N. Andrew N. Cleven; VI — South America. Economic prospects and possibilities, by Clarence F. Jones; VII — Caribbean America. Its economics problems and advance, by Clarence F. Jones; VIII — The banana industry in the Caribbean, by Charles D. Kepner; IX — Modern Hispanic American Society, by Samuel Guy Inman; X — Present days movements influencing Hispanic American Society, by Samuel Guy Inman; XI — Modern religious life in Hispanic America, by William F. Montavon; XII — Modern education in Hispanic America, by Heloise Brainerd; XIII — Modern Hispanic Literary development. The Classical and the romantic movements, by Cecil Knight Jones; XIV — Modern Hispanic Literary development. The modernist movement, by Cecil Knight Jones; XV — The European policy of equilibrium and the American policy of Continental solidarity, by E. Gil Borges; XVI — Europe and Hispanic America. Research opportunities in a Neglected field, by J. Fred. Rippy; XVII — Europe and Hispanic America. The British bondholder and the Roosevelt corollary of the Monroe doctrine, by J. Fred Rippy; XVIII — The attitude of the United States toward the Insurgent Spanish colonies, by William Ray Manning; XIX — The European ackground of the Monroe doctrine, by Charles C. Tansill; XX — Latin American Guano diplomacy, by Roy F. Nichols; XXI — Some generalizations on Inter-American relations, by Louis Martin Sears; XXII — Intelctual cooperation between the Americas, by James Alexander Robertson, e XXIII — Hispanic American civilization. A summary, by A. Curtis Wilgus.

Como se vê, é uma série de estudos que merece os maiores encômios, não só pelos assuntos, como pela maneira elevada com que são tratados. Todos os conferencistas pertencem ao mais elevado magistério dos EE. UU. Figuram aí professores das Universidades de Washington, Pittsburg, Clark, Stafford Springs, Colúmbia, Duke, American, Pensylvania, Purdue, John B. Stetson, do Goucher College, National Catholic Welfare Association, Pan-American Union e State Department.

Oxalá trabalhos tais fôsem feitos em todos os países das Américas e... da Europa, onde a ignorância do que nos diz respeito é simplesmente enorme! Basta dizer que em 1930 uma revista literária e científica de Paris dizia numa nota epigرافada NO BRASIL que em Buenos Aires fazia-se grande campanha contra os sovietes.

Buenos Aires no Brasil! Nem na época dos descobrimentos se fazia tão grande confusão. E é de lá que vem a luz! ...

*

TERRAS DA AMÉRICA (Cem dias de viagem), por Olinto Sanmartín; Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1934.

A literatura de viagem está hoje grandemente explorada, e no geral são obras pouco interessantes: observações superficiais, ou exageradas, ou parciais.

Hans Staden, Jean de Léry, Saint-Hilaire, Nicolau Dreys foram, pode-se dizer, os mestres nesse gênero de literatura e seus livros são, ainda hoje, lidos e disputados, pagando-se por alguns, preços verdadeiramente exorbitantes.

Obras de impressões de viagem, como essas, difficilmente encontraremos novas, em nossos dias. Aparecem, contudo, de quando em quando, livros de valor, escritos com entusiasmo, mas sem exagêro, preñhes de notas e observações interessantes.

Olinto Sanmartin, moço ainda, cheio de vida e ardor, é um grande estudioso possuidor de bela inteligência e espírito profundamente observador.

Cronista esportivo, a princípio, poeta depois, cronista de viagem agora, historiador amanhã, Olinto muito promete no mundo das letras brasileiras e estamos certo que, continuando com o mesmo entusiasmo e ardor, será uma de nossas, grandes autoridades nas matérias de que trata.

No “Terras da América” (Cem dias de viagem) com que acaba de nos brindar, vê-se a grande preocupação de Sanmartin de nos dar um quadro real do quanto viu e sentiu nessas terras da América que sua curiosidade de estudioso inteligente percorreu.

Seu estilo algo torturado, é ainda conseqüência dessa preocupação constante de ser fiél na transmissão de suas impressões e idéias.

Nada há, no “Terras da América”, que seja inaproveitável. O livro, si bem resumido, é um repositório de cousas interessantes e instrutivas que se lê com carinho sempre crescente. Não é, por certo, um livro profundo como o “Terras de São Francisco”, de P. J. de Castro, mas é um dos melhores que ultimamente tem aparecido sobre viagens, e talvez de maior valor pois Olinto Sanmartin não se limita a descrever o que viu e sentiu, mas procura, também, estudar a psicologia do povo, o que dá ao livro uma feição mais útil e o torna sobremodo precioso.

Além disso, o capítulo final, “Síntese do panorama americano”, é um estudo sociológico interessante e bem feito. Si bem não estejamos de acôrdo, em tudo, com o que afirma o A., não podemos deixar de reconhecer que êsse estudo é de grande valor, mostrando Sanmartin uma nova face de seu fulgurante talento.

Em resumo: “Terras da América” é um livro que nada fica a dever aos trabalhos congêneres até hoje publicados e seu autor provou que além de cronista e poeta é um psicólogo profundo e erudito sociólogo.

REVISTAS

REVISTA DO INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO PARÁ, — Vol. VIII, 1933, sob a direção do Dr. Henrique Jorge Hurley. — Número de 261 páginas e 14 interessantes artigos.

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, — N.º 147 e 148. — Como de costume, trás essa revista excelente matéria.

REVISTA NACIONAL DE EDUCAÇÃO, — N.º 8 e 9. — Primorosas, como os anteriores, publicam, êsses dois ns.º além da **Viagem ao Brasil**, de Spix e Martins, em continuação, — a **Viagem filosófica**, de Alexandre Rodrigues Ferreira. Brindes inestimáveis êsses da ótima revista tão criteriosamente dirigida pelo ilustre professor E. Roquette Pinto.

BOLETIM DE HISTÓRIA Y ANTIGÜEDADES, N.º 223 — 234. — Número duplo, com selecionada matéria, firmada por grandes historiadores colombianos.

BOLETIM DE LA ACADEMIA PANAMEÑA DE LA HISTÓRIA, — N.º 5 — Neste n.º publica D. Publio A. Vasquez Hernandez, a terceira e última parte de sua interessante e documentada tese sôbre **La Personalidad Internacional de Panamá**, iniciada no n.º 4.

SENDEROS, — Vol. I, n.º 1. — Eis uma revista interessante e curiosa, publicada pela Biblioteca nacional de Bogotá, sob a direção do Snr. Daniel Samper Ortega, Diretor da referida biblioteca. E' uma revista cultural e, "principalmente órgano de la Biblioteca Nacional; no de lo que hasta hace poco se entendia por **Biblioteca**, es decir, um depósito de libros sin vida que esperan con paciencia la visita del lector para que les limpien el polvo, sino de lo que tienen que ser en Colombia y en América las verdaderas bibliotecas: organismos donde el **libro** es escasamente un elemento más de **culturización**".

Trás êsse n.º excelentes clichés reproduzindo "gravados em madeira" de velhos livros preciosos e raros.

BOLETIM DO DEPARTAMENTO ESTADUAL DO TRA-

BALHO, — N.º 80. — De grande interêsse, como os anteriores é a matéria dêsse n.º do excelente boletim do Dep. Est. do Trab. de S. Paulo. — Além da parte oficial, técnica e informátiua, trás os seguintes trabalhos: — **O problema do povoamento**, por Honório de Sylos; **Nomenclatura profissional**, por Siqueira Filho; **A imigração húngara para o Estado de S. Paulo**, por Fernando Callage; **Relatório dos serviços do comissariado de imigração de Pirapora**, por Sigismundo Bialoskorski; **Agricultura, Trabalho e Economia (Várias) e Publicações recebidas**.

REVISTA DO PROFESSOR, — direção de Sud Mennucci, n.º 1 e 2. — O Snr. Sud Mennucci é um professor estudioso e infatigável. E essa sua revista é mais uma prova disso.

Não contente com os trabalhos exaustivos de professor, agravados pelas responsabilidades do literato e crítico, quiz ainda organizar, para a sua classe, a do professorado, essa bem cuidada revista, cujos primeiros números temos sôbre a mesa.

RIO GRANDE FILATÉLICO, órgão da Soc. Filatélica Rio-Grandense, ano 3.º, n.º 9. — Bem elaborado número êsse da revista filatélica de Pôrto Alegre, com variada e interessante matéria sôbre filatélia e numismática.

JURIDICAS Y SOCIALES, — Revista Universitaria, Ns. 9 e 10, 11 e 12 Buenos Aires, janeiro a abril de 1934. Com interessante matéria sôbre direito civil, constitucional, político, jurisprudência em geral, etc.

MEGAFONO, — N.º 12, Buenos Aires, abril de 1934. — Bem cuidada revista literária que trás escolhida colaboração. Diretor: Sigfrido A. Radaelli.

Í N D I C E

Ensaio psicológico do Marechal do Exército Bento Manoel Ribeiro, pelo tenente-coronel Souza Docca	3
David Canabarro, pelo sr. Othelo Rosa	51
A Frota de João de Magalhães, pelo general João Borges Fortes ...	63
A conquista das Missões — 1801, pelo 1.º tenente Henrique Oscar Wiederspahn	95
A Campanha do Uruguai em 1811-1812, pelo sr. Celso Schröder	115
Nótulas bibliográficas, pelo sr. Valter Spalding	163
Diário de Antônio Vicente da Fontoura	177
Político Rio Grandense (Antônio Eleutério de Camargo), pelo dr. Leo- poldo de Freitas	293
Mais um pouco de Folclore, pelo sr. Valter Spalding	299
Processo dos Farrapos (rehabilitação de Bento Gonçalves), pelo sr. Aurelio Porto	309
Recepção de nossos sócios no seio do Instituto	321
Nótulas bibliográficas, pelo sr. Valter Spalding	334